

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Tradução Audiovisual:
A Legendagem para s/Surdos nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa

Lisbeth Maria Peneda Ferreira

Tenho olhos para ouvir, mas há um limite.

Laborit, 2000

Agradecimentos

O desenvolvimento desta investigação implicou muitas renúncias e privações em termos do tempo dedicado à família, por isso o meu principal agradecimento é para todos eles. Por terem estado sempre ao meu lado, dando apoio moral, compreendendo as minhas ausências físicas e principalmente as mentais. Por terem compreendido os meus momentos altos e baixos, por terem ouvido os meus, por vezes longos, monólogos sobre o tema, sobre as minhas descobertas e também frustrações.

A troca de ideias e experiência com todos os s/Surdos com quem tive o prazer de conviver foi muito enriquecedora, a todos eles o meu sincero agradecimento. E, muito em especial, à Sofia Quintas, a minha professora de Língua Gestual Portuguesa, que me ajudou a compreender, verdadeiramente, o que é ser Surdo.

Agradeço também aos colegas e amigos em geral que foram tendo paciência para me ouvirem falar das minhas descobertas e inquietações. Sei que por vezes fui excessiva nas explicações, mas acho que valeu a pena pois acredito que acabaram todos por ficar um pouco mais sensibilizados para o tema da surdez e das suas implicações. De entre todos os amigos, agradeço em especial à Flávia, à Joana e ao Guilherme. Obrigada pela vossa ajuda, disponibilidade e amizade.

Agradeço a todas as Instituições que se disponibilizaram para divulgar dados e informações que foram fundamentais para o desenvolvimento da investigação, nomeadamente, ERC, Marktest, SIC, RTP e Voice Interaction. É possível que me tenha esquecido de alguma…se for o caso as minhas desculpas e simultaneamente o meu agradecimento.

Não sendo possível aqui enumerá-las todas individualmente, agradeço a todas as Associações de Surdos do País que se mostraram sempre disponíveis e ajudaram na divulgação do Inquérito, bem como à Federação das Associações de Surdos.

E, por fim, agradeço em especial à Prof. Drª Josélia Neves e ao Prof. Dr. Rogelio Ponce de León pelo permanente apoio, orientação e amizade que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

A todos vós os meus sinceros agradecimentos....

Resumo

Embora no contexto português exista Legendagem para s/Surdos nos quatro canais televisivos de sinal aberto – RTP 1 e 2, SIC e TVI, será ainda de questionar a eficácia desse serviço em termos quantitativos e qualitativos.

É objectivo desta investigação realizar essa mesma análise com base em três estudos de caso, complementares entre si, para uma melhor compreensão dos polissistemas em que a Legendagem para s/Surdos em Portugal se insere.

Para além da revisão bibliográfica e do enquadramento da Legendagem para s/Surdos no âmbito dos Estudos de Tradução e da Tradução Audiovisual, procedeu-se a um primeiro estudo de caso que visa uma análise quantitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos nos referidos canais; um segundo estudo, de carácter descritivista, analisando as normas e soluções linguísticas existentes; e um terceiro estudo, em que através de um inquérito se afere o grau de satisfação dos principais receptores deste serviço.

Conclui-se que, em face do observado, continuam a existir lacunas de carácter quantitativo e qualitativo, havendo margem para investimento tecnológico, técnico e humano que reverta a favor de um serviço efectivamente útil para destinatários com um perfil muito específico.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual, Surdo, Surdez Legendagem para Surdos.

Abstract

Although Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing is available on all four public television channels in Portugal – RTP 1, RTP 2, SIC and TVI – the effectiveness of this service in both quantitative and qualitative terms is questionable.

The aim of this research project was to analyse this issue using three case studies in order to establish a better understanding of the polysystems in which Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing is incorporated.

In addition to a review of existing literature and of the position of Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing within the scope of Audiovisual Translation and Translation Studies, a case study was conducted to establish a quantitative analysis of the Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing services offered by the previously mentioned channels. A second case study, more descriptive in nature, analysed existing linguistic standards and practices in this field. Finally, a third case study involved conducting a survey to determine the level of satisfaction reported by the main users of this service.

This study revealed that gaps of both a quantitative and a qualitative nature continue to exist in this area, pointing out an opportunity for technological, technical and human resource investment in this field. Such an investment would lead to the creation of a genuinely useful service for users with a very specific profile and with very specific needs.

Keywords: Audiovisual translation, Deaf, Deafness, Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing.

Resumen

Dentro del contexto portugués, el servicio de Subtitulado para s/Sordos existe en los cuatro canales televisivos de señal abierta– RTP 1, RTP 2, SIC y TVI. Sin embargo, resta analizar la eficacia de este servicio en términos cuantitativos y cualitativos.

El objetivo de esta investigación es realizar ese análisis a partir de tres estudios de caso, complementares entre sí, para una mejor comprensión de los polisistemas en los que el Subtitulado para s/Sordos se incluye.

Además de la revisión bibliográfica y del encuadramiento del Subtitulado para s/Sordos en el ambito de los Estudios de Traducción y de la Traducción Audiovisual, se procedió a un primer estudio de caso con el fin de realizar un análisis cuantitativo de la oferta de Subtitulado para s/Sordos en los canales referidos; un segundo estudio, de carácter descriptivo, para analizar las normas y soluciones lingüísticas existentes; y un tercer estudio, que hace uso de una encuesta, para evaluar el grado de satisfacción de los principales receptores de este servicio.

En virtud de lo observado, se concluye que continúan existiendo lagunas de carácter cuantitativo y cualitativo, habiendo margen para la inversión tecnológica, técnica y humana que revertirá en beneficio de un servicio efectivamente útil para destinatarios con un perfil muy específico.

Palabras clave: Traducción Audiovisual, Sordo, Sordera, Subtitulado para Sordos.

Índice

Agradecimentos IV

Resumo V

Abstract VI

Resumen VII

Índice VIII

Índice de Figuras X

Índice de Quadros XII

Índice de Gráficos XII

Índice de Anexos XIV

Lista de Abreviaturas XVI

Glossário XVII

1. Introdução 2

1.1 Objectivos 4

1.2 Metodologia 4

2. Enquadramento teórico e revisão bibliográfica 5

2.1 Estudos de Tradução 6

2.2 Tradução audiovisual e a especificidade do texto audiovisual 9

2.3 Modalidade de Tradução Audiovisual 12

2.4 A especificidade da Legendagem para s/Surdos 14

2.4.1 A Legendagem para s/Surdos no Mundo 22

2.4.2 A Legendagem para s/Surdos em Portugal 24

3. Os s/Surdos e a surdez 28

3.1 A pessoa com surdez 29

3.2 A importância das necessidades específicas deste público-alvo 30

3.3 Diferentes tipos e graus de surdez 31

3.4 Formas de comunicação 32

3.5 Os s/Surdos e as competências de leitura 33

3.6 As pessoas com surdez em Portugal 35

4. Estudos de Caso 38

4.1 Enquadramento dos Estudos de Caso 39

4.1.1 Objectivos e metodologia dos Estudos de Caso.....41

4.2 Análise quantitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa..... 42

4.2.1 Objecto e objectivo do primeiro estudo de caso 42

4.2.2 Delimitação temporal 42

4.2.3 Programação do dia 10 de Março de 2010.....43

4.2.4 *Shares* e Audiências.....44

4.2.5 Línguas de Emissão.....46

4.2.6 Condições de acessibilidade.....47

4.2.6.1 Comparação da programação divulgada com a emissão efectiva 50

4.2.6.2 Programas com Legendagem (aberta e para s/Surdos) 52

4.2.7 Síntese dos factos observados 57

4.3 Análise qualitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa 58

4.3.1 Objecto e Objectivos do presente estudo de caso 58

4.3.2 Análise detalhada dos programas com Legendagem para s/Surdos emitidos a 10 de Março de 2010 59

4.3.3 Análise da legendagem automática dos noticiários da RTP.....76

4.3.4 Síntese dos factos observados.....80

4.4 Inquérito a pessoas com surdez..... 82

4.4.1 Objectivo do Inquérito e metodologia utilizada.....82

4.4.2 Limitações e Problemas 82

4.4.3 O Inquérito 84

4.4.4 Análise dos Resultados.....85

4.4.5 Síntese dos factos observados.....90

5. Considerandos finais.....91

6. Bibliografia 95

7. Anexos 105

Índice de figuras

Fig. 1 – Distribuição da população por tipo de deficiência, Portugal, 2001 35
Fig. 2 – Tempo médio de visionamento de TV em 2007 39
Fig. 3 – Programação anunciada pela TV7 Dias para 10 de Março de 2010 47
Fig. 4 – Programação da RTP1 divulgada no site oficial da estação 48
Fig. 5 – Páginas de acessibilidades do teletexto da RTP 49
Fig. 6 – Notas explicativas sobre LS no teletexto da RTP 49
Fig. 7 – Páginas de teletexto da SIC dedicas à LS 49
Fig. 8 – Calendário de serviço de LS da SIC 50
Fig. 9 – "Vila Faia" (RTP1) – Genérico 60
Fig. 10 - "Vila Faia" (RTP1) – Créditos finais 60
Fig. 11 - "Vila Faia" (RTP1) – Tradaptação 60
Fig. 12 - "Vila Faia" (RTP1) – 1º exemplo de pontuação expressiva 60
Fig. 13 - "Vila Faia" (RTP1) – 2º exemplo de pontuação expressiva 60
Fig. 14 - "Vila Faia" (RTP1) – 1º exemplo de condensação da informação 61
Fig. 15 - "Vila Faia" (RTP1) – 2º exemplo de condensação da informação 61
Fig. 16 - "Vila Faia" (RTP1) – Identificação de vozes de personagens não visíveis 61
Fig. 17 - "Vila Faia" (RTP1) – Identificação do falante 61
Fig. 18 - "Vila Faia" (RTP1) – Informação sobre música 61
Fig. 19 - "Vila Faia" (RTP1) – Informação sobre continuação da música 61
Fig. 20 - "Vila Faia" (RTP1) – Elemento sonoro com valor narrativo 61
Fig. 21 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação de presença de música 62
Fig. 22 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação da letra da música 62
Fig. 23 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação da continuação da música 62
Fig. 24 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Genérico 62
Fig. 25 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Créditos finais 62
Fig. 26 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Identificação do falante 62
Fig. 27 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de contaminação do Português do Brasil 63
Fig. 28 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de contaminação do Português do Brasil 63
Fig. 29 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de erros de segmentação 63
Fig. 30 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de erros de segmentação 63
Fig. 31 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 3º Exemplo de erros de segmentação 63
Fig. 32 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de erros gramaticais 63
Fig. 34 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de erros gramaticais 63
Fig. 35 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Apresentação da letra da música do genérico 64
Fig. 36 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação de efeitos sonoros 64
Fig. 37 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação de música com valor narrativo 64
Fig. 38 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação da continuação de música com valor narrativo 64
Fig. 39 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação do nome da música e do cantor 64
Fig. 40 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação da letra da música 64
Fig. 41 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de informação de mensagens não-verbais 65
Fig. 42 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de informação de mensagens não-verbais 65
Fig. 43 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de informação de personagens não-visíveis 65
Fig. 44 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de informação de personagens não-visíveis 65
Fig, 45 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Identificação do falante 65
Fig. 46 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Legendas *crawl* 65

Fig. 47 - “Poder Paralelo” (RTP1) – Indicação do tom da voz 65
Fig. 48 - “Poder Paralelo” (RTP1) – Grupo de vozes imperceptíveis 66
Fig. 49 – “Consigo” (RTP2) – Indicação da página de legendagem via teletexto 66
Fig. 50 – “Consigo” (RTP2) – Créditos finais 66
Fig. 51 – “Consigo” (RTP2) – 1º exemplo de indicação de discurso directo 66
Fig. 52 – “Consigo” (RTP2) – 2º exemplo de indicação de discurso directo 66
Fig. 53 – “Consigo” (RTP2) – 1º exemplo de marcas da oralidade 67
Fig. 54 – “Consigo” (RTP2) – 2º exemplo de marcas da oralidade 67
Fig. 55 – “Consigo” (RTP2) – 1º exemplo de transcrição literal 67
Fig. 56 – “Consigo” (RTP2) - 2º exemplo de transcrição literal 67
Fig. 57 – “Consigo” (RTP2) - 3º exemplo de transcrição literal 67
Fig. 58 – “Consigo” (RTP2) – 1º exemplo de erros gramaticais 67
Fig. 59 – “Consigo” (RTP2) – 2º exemplo de erros gramaticais 67
Fig. 65 – “Consigo” (RTP2) – Utilização de estrangeirismos 67
Fig. 61 – “Consigo” (RTP2) – Sequência de falas com tradaptação 68
Fig. 62 – “Consigo” (RTP2) – Erros do teletexto 68
Fig. 63 – “Consigo” (RTP2) – Música e vozes originais em língua estrangeira 68
Fig. 64 – “Consigo” (RTP2) – Ausência de indicação da presença de música 69
Fig. 65 – “Viver a Vida” (SIC) – Genérico 69
Fig. 66 – “Viver a Vida” (SIC) – Identificação do falante 69
Fig. 67 – “Viver a Vida” (SIC) – Tradaptação 69
Fig. 68 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação 70
Fig. 69 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação 70
Fig. 70 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 70
Fig. 71 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 70
Fig. 72 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 70
Fig. 73 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 70
Fig. 74 – “Viver a Vida” (SIC) – Erros gramaticais 70
Fig. 75 – “Viver a Vida” (SIC) –Legendas *crawl* 70
Fig. 76 – “Viver a Vida” (SIC) –Identificação de personagens não-visíveis 71
Fig. 77 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de música e efeito transmitido 71
Fig. 78 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de música e efeito transmitido 71
Fig. 79 – “Viver a Vida” (SIC) – 3º exemplo de música e efeito transmitido 71
Fig. 80 – “Viver a Vida” (SIC) – Classificação do tipo de música 71
Fig. 81 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de indicação de efeitos sonoros 71
Fig. 82 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de indicação de efeitos sonoros 71
Fig. 83 – “Viver a Vida” (SIC) – 3º exemplo de indicação de efeitos sonoros 71
Fig. 84 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo de erros do teletexto 72
Fig. 85 – “Viver a Vida” (SIC) – 2º exemplo de erros do teletexto 72
Fig. 86 – “Viver a Vida” (SIC) – 1º exemplo do uso de *smileys* 72
Fig. 87 – “Viver a Vida” (SIC) –2º exemplo do uso de *smileys* 72
Fig. 88 – “Morangos com Açúcar” (TVI) – Genérico 73
Fig. 89 – “Morangos com Açúcar” (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal 73

Fig. 90 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal 73
Fig. 91 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 73
Fig. 92 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência) 73
Fig. 93 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Identificação de personagens não-visíveis 74
Fig. 94 – "Morangos com Açúcar" (TVI) –Ausência de identificação de efeitos sonoros 74
Fig. 95 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal 74
Fig. 96 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal 74
Fig. 97 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de erros na segmentação de legendas 74
Fig. 98 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de erros na segmentação de legendas 74
Fig. 99 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de marcas da oralidade 75
Fig. 100 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de marcas da oralidade 75
Fig. 101 – "Meu Amor" (TVI) – 3º exemplo de marcas da oralidade 75
Fig. 102 – "Meu Amor" (TVI) – Utilização de vocabulário coloquial 75
Fig. 103 – "Meu Amor" (TVI) – Gralhas e erros gramaticais 75
Fig. 104 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de utilização de metáforas e figuras de estilo 75
Fig. 105 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de utilização de metáforas e figuras de estilo 75
Fig. 106 – "Meu Amor" (TVI) – Identificação de emoções 76
Fig. 107 – "Meu Amor" (TVI) – Legendas *crawl* *76*
Fig. 108 – Legendagem automática dos noticiários da RTP 77
Fig. 109 – Ciclo de geração da Legendagem Automática 79

Índice de quadros

Quadro 1 - Graus de surdez 31
Quadro 2 – Programação com legendagem a 10 de Março de 2010 43
Quadro 3 – Programação efectiva do dia 10 de Março de 2010 45
Quadro 4 – *Top* 10 de programas do dia 10 de Março de 2010 45
Quadro 5 – Programação em Português do Brasil no dia 10 de Março de 2010 47
Quadro 6 – Programação de 10 de Março de 2010 com LS 52
Quadro 7 – Legendagem através de teletexto, 1º trimestre de 2010 58
Quadro 8 – Exemplo de Legendagem gerada pela Voice Interaction e disponibilizada no site da empresa 79
Quadro 9 – Normas utilizadas pelos quatro canais de sinal aberto 81
Quadro 10 - Tipo de Surdez 85
Quadro 11- Idade com que ensurdeceu 85
Quadro 12 - Tipo de Programa Preferido 86
Quadro 13 - Satisfação relativamente qualidade da LS na TV 87
Quadro 14 - Satisfação relativamente à quantidade de LS na TV 88
Quadro 15 - Opinião sobre a Legendagem Aberta em programas estrangeiros 88

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Línguas da programação emitida a 10 de Março de 2010 46
Gráfico 2 – "Poder Paralelo" (RTP) – Classe Social 54
Gráfico 3 – "Poder Paralelo" (RTP) – Género 54

Gráfico 4 – "Poder Paralelo" (RTP) – Faixa Etária 54
Gráfico 5 – "Viver a Vida" (SIC) – Classe Social..... 55
Gráfico 6 – "Viver a Vida" (SIC) – Género 55
Gráfico 7 – "Viver a Vida" (SIC) – Faixa Etária..... 55
Gráfico 8 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Classe Social..... 55
Gráfico 9 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Género..... 55
Gráfico 10 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Faixa Etária(1) 55
Gráfico 11 – "Meu Amor" (TVI) – Classe Social..... 56
Gráfico 12 – "Meu Amor" (TVI) – Género 56
Gráfico 13 – "Meu Amor" (TVI) – Faixa Etária..... 56
Gráfico 14 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Classe Social..... 56
Gráfico 15 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Género 56
Gráfico 16 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Faixa etária 56
Gráfico 17 - Horas em que vê TV de segunda a sexta-feira 86
Gráfico 18 - Visualização de programas com LS 87
Gráfico 19 - São as legendas abertas em programas estrangeiros suficientes para a compreensão do programa?..... 88
Gráfico 20 - Gostaria de legendas para pessoas com surdez em programas estrangeiros? 89

Índice de anexos

Anexos

1. Entrevista a Noélia Macedo da RTP
2. Entrevista a Maria Auta de Barros da SIC
3. Inquérito realizado a pessoas com surdez

Anexos DVD

*Clip*s relativos às 24h de TV analisadas – 10 de Março de 2010

DVD 1

RTP
1.1 RTP1
1.1.1 *Clip* "Poder Paralelo"
1.1..2 *Clip* "Poder Paralelo"
1.1.3 *Clip* "Vila Faia"
1.1.4 *Clip* "Vila Faia"
1.1.5 *Clip* "Vila Faia"
1.2 RTP2
1.2.1 *Clip* "Consigo"
1.3 *Clip* "Jornal de Notícias" – Versão Voice Interaction
1.3.1 *Clip* "Jornal de Notícias" de 13 de Julho de 2010 – versão *website* Voice Interaction

DVD 2

2.1 SIC
2.1.1 *Clip* "Viver a Vida"
2.1.2 *Clip* "Viver a Vida"
2.1.3 *Clip* "Viver a Vida"

2.2 TVI
2.2.1 "Meu Amor"
2.2.1.1 *Clip* "Meu Amor"
2.2.1.2 *Clip* "Meu Amor2
2.2.1.3 *Clip* "Meu Amor"
2.2.1.4 *Clip* "Meu Amor"

2.2.2 “Morangos com Açúcar”
2.2.2.1 *Clip* “Morangos com Açúcar”
2.2.2.2 *Clip* “Morangos com Açúcar”

Lista de abreviaturas

BBC – British Broadcasting Corporation

CD – Compact Disc

dB – Décibeis

DVD – Digital Versatile Disc

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

HZ - Hertz

INE – Instituto Nacional de Estatística

ITC – Independent Television Commission

LG - Língua Gestual

LP – Língua Portuguesa

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LS – Legendagem para s/Surdos

OBERCOM – Observatório da Comunicação

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SIC – Sociedade Independente de Televisão, SA

TVI – Televisão Independente, SA

TWF Directive (TWFD) – Television Without Frontiers Directive

TAV – Tradução Audiovisual

Glossário

Adaptação[1]**–** Transformação de uma mensagem original com vista a uma maior adequação às necessidades de determinados receptores.

"Deaf Awareness"[2] **–** (consciência colectiva das pessoas Surdas)– Ideologia partilhada pelos membros da Comunidade Surda. As pessoas que partilham esta ideologia estão conscientes do que significa ser surdo, têm orgulho em si próprias como pessoas surdas e têm orgulho nas suas língua e cultura. Também estão preparados para apoiarem os seus pares a tornarem-se conscientes de si mesmos.

Legendagem aberta (electrónica)[1] – Legendas apostas sobre a imagem, apresentando-se visíveis sem que haja necessidade de qualquer descodificador. A letra é habitualmente branca com contorno escuro para maior legibilidade.

Legendagem fechada (teletexto)[1] **–** Legendas "escondidas" e voluntariamente accionadas, através do sistema de teletexto. A letra pode ser de várias cores e apresentada sobre fundo preto (ou de outra cor).

Legendagem interlinguística[1] **–** Legendas utilizadas em textos audiovisuais falados em língua estrangeira. As legendas apresentam uma tradução das falas do texto original na língua de recepção.

Legendagem intralinguística[1] **–** Legendas escritas na mesma língua do texto oral verbal presente no texto audiovisual.

Legendas[1] **–** Texto escrito apresentado de forma temporizada, contendo a tradução e/ou adaptação da componente sonora de textos audiovisuais.

Língua Gestual[2] **–** Língua autóctone utilizada pela comunidade Surda de um país. Cada país (que tenha uma comunidade Surda) tem a sua própria Língua Gestual que se desenvolveu, espontaneamente, no seio da comunidade Surda desse País.

Surdo (com S maiúsculo)[2] **–** refere-se a uma pessoa que usa a Língua Gestual como meio principal de comunicação, e identifica-se com outra pessoas Surdas e, na generalidade, é Surdo profundo.

surdo (sem S maiúscula)[2] – refere-se a uma pessoa que: nasceu surda e nunca ouviu nada (surdo congénito); perdeu a audição nos primeiros anos de infância antes de aprender a língua falada que a rodeava (surdo pré-lingual); perdeu a audição numa data posterior (surdo pós-locutivo).

Tradaptação[2] **–** Transposição (com tradução e/ou adaptação) da mensagem sonora (verbal e não-verbal) a uma forma visual (verbal e/ou icónica).

Tradaptador[2] **–** Pessoa que faz tradaptação (pode incluir a função de tradutor e de legendador).

Tradução[2] **–** Transposição da mensagem verbal de uma língua para outra (tradução inter-linguística) ou de um modo oral a um modo escrito (tradução intra-linguística).

1. Neves (2007).
2. Associação de Surdos do Porto. (s/d)

CAPÍTULO I

Introdução

1. Introdução

Os senhores que mandam nas televisões deviam experimentar tirar o som à televisão durante dois ou três dias. Se calhar começavam a dar mais importância à legendagem em teletexto
(Anónimo, Surdo)

As dificuldades que a pessoa com surdez enfrenta no seu acesso à comunicação, informação e lazer são o ponto de partida para esta investigação. Este estudo teve origem na crença de que as pessoas com surdez não têm, em Portugal, igualdade de acesso à televisão, nem dispõem, com a frequência e a qualidade desejáveis, das soluções especiais que necessitam para poderem ter verdadeiras condições de acesso ao mundo dos ouvintes.

É certo que o termo "acessibilidade" faz, cada vez mais, parte do nosso quotidiano. Nos últimos anos, felizmente, tem-se verificado um aumento da consciência global para a necessidade de criar condições para que todas as pessoas tenham os mesmos direitos, independentemente das suas diferenças. Contudo, a questão que se coloca é se as pessoas terão todas igualdade de acesso à informação e à cultura, nomeadamente à que é disponibilizada através da televisão, o canal de comunicação de massas por excelência nos nossos tempos.

Em Portugal, cerca de 85% a 90% dos programas estrangeiros são legendados e, talvez por isso, tenham sido necessários vários anos até que se começasse a tomar consciência que a legendagem aberta não satisfaz as necessidades do público com surdez, um público com necessidades muito concretas.

Este estudo será realizado no contexto da Tradução Audiovisual (TAV) e dos Estudos de Tradução, mas centra-se exclusivamente na Legendagem para s/Surdos (LS) de programas pré-gravados disponibilizados pelos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa. Todavia, ocasionalmente, surgem referências a outras modalidades de LS que carecem de posterior investigação como, por exemplo, a legendagem de programas ao vivo e a Legendagem para s/Surdos em cinema ou videojogos.

Nesta investigação, o termo "Legendagem para s/Surdos" será sempre utilizado para referir o tipo de legendagem (independentemente da língua de partida e de chegada) que, conscientemente, utiliza métodos e soluções que visam colmatar a impossibilidade de acesso à parte não-verbal da mensagem acústica.

A questão que se coloca é se, actualmente, existe já uma consciência generalizada de que a legendagem criada para os ouvintes terem acesso a programas em língua estrangeira não satisfaz as necessidades das pessoas com surdez. Infelizmente, não. Continua a ser frequente que pessoas que não estão ligadas ao ramo da tradução, e mais concretamente da

legendagem, questionem o que há de especifico na legendagem para pessoas com surdez e se estes não podem ler as mesmas legendas que os ouvintes.

Não existe ainda uma consciência generalizada de que os programas legendados para ouvintes apenas transmitem por via escrita a parte verbal da mensagem oral e que os ritmos de leitura não se adequam às competências linguísticas das pessoas com surdez. Fica também esquecido que, embora as legendas apresentadas em programas estrangeiros sejam "melhor que nada", as pessoas com surdez ficam sem total acesso aos programas de produção nacional que não disponham de LS, sendo que a produção nacional tem revelado nos últimos anos um forte crescimento.

Para estudar e trabalhar em Legendagem para s/Surdos é necessário distinguir o conceito de "surdo" ou "pessoa com défice auditivo" do conceito de "Surdo" (com maiúscula) enquanto pessoa que tem como primeira língua uma língua gestual, que aprende a língua do seu país como segunda língua e que se insere numa comunidade cultural e linguística diferente. Apesar das diferenças entre um surdo e um Surdo, nomeadamente em termos de competências linguísticas, nesta investigação utiliza-se o termo Legendagem para s/Surdos para referir a legendagem que se destina, simultaneamente, a ambos, visto que de momento as soluções existentes destinam-se às pessoas com surdez como um todo.

Este estudo divide-se em três momentos fundamentais; apresenta-se o enquadramento teórico do objecto de estudo, contextualizando-o no âmbito dos Estudos de Tradução e, em particular, nos Estudos de Tradução Audiovisual, desenvolvido no **Capítulo 2**.

O **Capítulo 3** apresenta uma breve descrição da surdez e das suas implicações na vida das pessoas com surdez. A elaboração deste capítulo resulta do facto de se considerar que para trabalhar em LS é necessário compreender e conhecer de perto o nosso destinatário, principalmente, as implicações que a surdez tem ao nível das competências linguísticas e de leitura.

O **Capítulo 4** dedica-se ao estudo empírico desenvolvido através dos três estudos de caso levados a cabo ao longo desta investigação e da descrição da metodologia utilizada em cada um deles, a saber: Análise quantitativa da oferta de LS em 24 horas de televisão portuguesa; Análise qualitativa da oferta de LS em 24 horas de televisão portuguesa; Inquérito a pessoas com surdez para aferir a satisfação face à oferta disponível.

Por fim, no **Capítulo 5** apresentam-se as conclusões a que foi possível chegar e também algumas sugestões de áreas que é necessário investigar para continuar a contribuir para que haja cada vez mais uma verdadeira igualdade entre todos.

1.1 Objectivos

Este trabalho tem como intuito principal observar, analisar e avaliar a quantidade e qualidade da actual oferta de programas com Legendagem para s/Surdos nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa. Deste modo, pretende-se, em primeiro lugar, aferir a quantidade da oferta de LS nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa no momento em análise. Também descrever as normas vigentes na oferta de programas com LS no período em análise e, finalmente, fazer um levantamento da opinião e do grau de satisfação dos utilizadores deste produto.

Em suma, o trabalho passa pelo cruzamento dos dados obtidos com três casos de estudo, de modo a confirmar se, a oferta é suficiente, quer em termos de quantidade, quer de qualidade.

1.2 Metodologia do Estudo

Para a realização dos três casos de estudo apresentados nesta investigação recorreu-se a uma metodologia mista.

No primeiro caso de estudo, apresenta-se uma análise quantitativa, recorrendo à estatística simples da quantidade da oferta de LS nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa, no momento em análise; no segundo caso, de cariz descritivista, apresentam-se as soluções escolhidas por cada um dos canais e programas, em termos de normas linguísticas e formais e avalia-se a adequação dos mesmos às necessidades dos destinatários; no terceiro caso, recorre-se ao método do inquérito para aferir o grau de satisfação, face à referida oferta.

A realização destes estudos de caso é alicerçada por uma revisão bibliográfica exaustiva e coerente com os objectivos gerais do trabalho e específicos de cada estudo de caso.

CAPÍTULO II

Enquadramento teórico e revisão bibliográfica

2.1 Estudos de Tradução

There would be no translation if the target text did not speak on behalf of the source. Translations have "power of attorney" from their originals; they represent originals as agents.

(Stecconi, 2007:23)

Embora a prática da tradução exista há já vários séculos, os Estudos de Tradução, enquanto disciplina académica, apenas surgiram durante a segunda metade do século XX, emergindo a partir de outras áreas como a linguística, a literatura e as línguas modernas.

Desde sempre, a tradução foi uma área de saber controversa. Inicialmente, questões relacionadas com a tradução "literária" vs "tradução livre" na tradução de documentos bíblicos foram colocadas por São Jerónimo (395). As divergências mantiveram-se com Lutero (1530). Contudo, só em 1972, numa importante comunicação apresentada por Holmes (1988/2000), é introduzido o conceito de "Translation Studies", dando origem à proliferação de estudos e de obras sobre esta temática. Com vista a descrever o fenómeno tradutivo e de modo a proceder ao estabelecimento de princípios gerais para previsão e explicação destes fenómenos, Holmes (1988/2000:173-176) desenvolveu um enquadramento teórico pioneiro, vocacionado para "the complex of problems clustered round the phenomenon of translation and translations". Este teórico reconhece dois eixos fundamentais na investigação: uma área mais teórica, denominada de 'pura' e outra 'aplicada', voltada para aspectos mais técnicos, tais como dicionários, aplicações informáticas, qualidade e avaliação. Dentro dos Estudos de Tradução 'puros', Holmes distinguiu entre uma vertente teórica, "Theoretical Translation Studies" e uma vertente descritiva, "Descriptive Translation Studies". Esta divisão tripartida viria mais tarde a dar lugar a uma corrente teórica preponderante na área dos Estudos deTradução Audiovisual, os Estudos Descritivistas, propostos por Toury, (1995).

Foram vários os teóricos que estableceram os principais postulados sobre os quais se alicerça este trabalho. No âmbito do estruturalismo russo, Jakobson (1959) postulara uma categorização tripartida de tradução. Esta definição, transversal aos Estudos de Tradução, descreve o fenómeno tradutivo enquanto fenómeno (1) intralinguístico, que corresponde à substituição de signos verbais por outros signos na mesma língua, (2) interlinguístico, a substituição de signos verbais por outros signos numa língua diferente e (3) intersemiótico, a 'transmutação' dos signos verbais por signos de outros sistemas não verbais (1959/2004:139).

As questões de equivalência e de sentido levantadas por Jakobson foram retomadas no trabalho de Nida (1964) na sua abordagem sistemática com vista a uma redefinição do significado das palavras através do contexto. Influenciado pelo modelo de Chomsky, Nida

(1964:159) apresenta um novo conceito de equivalência com duas vertentes diferentes: uma mais formal (centrada nos elementos formais do texto de partida) e outra mais dinâmica (voltada para o conteúdo do texto de chegada).

A noção de equivalência dinâmica de Nida (1964) é central ao enquadramento deste trabalho que se insere numa área em que a mensagem deve ser ajustada às necessidades linguísticas e às especificidades dos receptores. Assim, o tradutor deve preocupar-se com a forma como transmite a mensagem para que esta seja clara no contexto socio-cultural de chegada sob pena de, como diz Nida (1964:51), "a communication is not intelligible if it is treated as an event abstracted from the social context of which it is part".

Já nos anos 70 e 80, os Estudos de Tradução sofreram a influência das teorias funcionalistas, em particular, da *Skopostheorie* de Reiss e Vermeer (1984), teoria segundo a qual o objectivo, o *skopos*, deve conduzir toda a acção tradutológica. A tradução passa a ser vista mais como um acto comunicativo que deve centrar-se no texto de chegada em detrimento da equivalência da palavra ou frase. Citado por Nord (1997:29), Vermeer (1989:20) explica que,

> [e]ach text is produced for a given purpose and should serve this purpose. […] translate/interpret/speak/write in a way that enables your text/translation to function in the situation in which it is used and with people who want to use it and precisely in the way they want it to function.

Esta nova visão explica que é o *skopos* de cada tradução que explica a escolha de determinadas estratégias dependendo das condições culturais e das necessidades do destinatário porque "the ends justify the means" (Nord, 1997:29). Ainda citando Nord (1997:12),

> [i]n the framework of this theory, one of the most important factors determining the purpose of a translation is the addressee, who is the intended receiver or audience of the target text with their culture-specific world-knowledge, their expectations and their communicative needs.

As teorias funcionalistas atrás citadas, deram lugar a uma viragem, deixando-se de olhar para a tradução como fenómeno meramente linguístico passando esta a ser vista mais como um acto de comunicação intercultural.

Em reacção aos modelos prescritivistas que proliferavam nesta área surgiu, nos anos 70, a teoria dos polissistemas desenvolvida por Even-Zohar e que viria a influenciar em grande medida os estudos descritivistas e o futuro dos Estudos de Tradução.

Para Even-Zohar (1990), a tradução é vista como um fenómeno polifacetado inserido num sistema cultural complexo polissistémico, em que a tradução adquire uma importância-chave por constituir uma ligação entre culturas e por possibilitar a divulgação de diferentes textos e universos linguísticos, permitindo o cruzamento entre várias culturas.

Even-Zohar (1990:76) refere que mais importante que tentar perceber as escolhas e decisões a nível linguístico é tentar descobrir quais as limitações e que influências podem estas ter em determinado produto/comportamento. Para tal é necessário descobrir quais os factores hierárquicos que se estabelecem, bem como reconhecer em que circunstâncias podem funcionar, não só na escolha de opções estabelecidas, mas também na produção de opções que não existiam antes.

Este enfoque teórico complementa-se através da conceptualização descritivista de Toury (1995:56-57) visto que pretende distinguir procedimentos e tendências em relação ao processo de tomada de decisão do tradutor e reconstruir essas 'normas' para que posteriormente possam ser apontadas regularidades de comportamentos. Estas normas vão reflectir uma perspectiva de adequação ou de aceitação do processo tradutológico. O comportamento do tradutor pode incidir mais nos valores e nas normas do texto e cultura de partida, obtendo-se um produto "adequado" ou privilegiar os valores linguístico-culturais do polissistema de chegada, tratando-se assim de uma tradução "aceitável".

Toury (1995:267-274) propõe apenas duas "laws of translation": *law of growing standardization* e *law of interference* que podem ser vistas como um primeiro passo para os "universals of translation". Mas, para Munday (2001:118) "the law of interference needs to be modified, or even a new law proposed, that of reduced control over linguistic realization in translation" visto que o processo tradutivo é afectado por vários aspectos que fazem com que o conceito de normas seja, segundo este teórico, mais complexo que o proposto por Toury. As normas de Toury, que devem ser vistas como categorias descritivas que identificam padrões de tradução patentes em vários níveis do polissistema da tradução, foram, posteriormente, desenvolvidas. De entre as várias reformulações destaca-se a de Chesterman.

Para Chesterman (*apud* Neves 2005:37), "insofar as they are indeed accepted by a given community as norms, they by definition have prescriptive force within the community". Chesterman recorda (*ibidem*) que uma norma "oficial" torna explícito algo que era já prática comum. Mesmo que as normas precisem de ser validadas para que sejam aceites enquanto tal, e mesmo que consigam a categoria de normas, não significa que sejam eternas e imutáveis. Chesterman define duas novas subcategorias de normas: "Professional norms" e "expectancy norms". Com estas normas, Chesterman colocou um ênfase maior no acto de tradução que Toury.

Actualmente, é possível afirmar que os Estudos de Tradução adquiriram um certo reconhecimento do carácter científico da disciplina embora existam ainda alguns obstáculos a ultrapassar, nomeadamente, a dificuldade de definir com rigor o seu objecto de estudo. As mais recentes tendências dão conta da interdisciplinaridade da tradução (Snell-Hornby, 1988/95), assumindo uma relação próxima com outras disciplinas, como a linguística contrastiva, a literatura comparada e os estudos culturais.

Como constatamos nesta breve síntese, o percurso dos Estudos de Tradução enquanto área do conhecimento científico não está ainda terminado. Depois de se conseguir separar dos estudos literários e linguísticos, que influenciaram significativamente a sua evolução, verificou-se a introdução da componente cultural e ideológica, e os Estudos de Tradução revelam-se, actualmente, uma área do saber dinâmica e progressiva.

O destaque aqui dado às teorias de carácter funcionalista prende-se com a relevância desses estudos no enquadramento deste trabalho. É neste macro-contexto que se inserem grande parte dos estudos em Tradução Audiovisual actuais que, assim se tem vindo a afirmar como um ramo produtivo dos Estudos de Tradução.

2.2 Tradução Audiovisual e a especificidade do texto audiovisual

> *I can see no alternative, then, but to consider as translation 'product' not simply the transferred text but the totality of the semiotic elements that are interwoven with this text, i.e. the whole audiovisual product as it is released in the target system.*
> (Karamitroglou, 2000:73)

De acordo com Snell-Hornby (1988), os primeiros passos da Tradução Audiovisual foram dados paralelamente com a tradução fílmica. Esta opinião é corroborada pelo facto da publicação "Babel" ter dedicado um número especial à tradução para cinema em 1960 onde se reflectia sobre algumas questões profissionais pertinentes.

Seguiram-se importantes trabalhos como é o caso da tese de Delabastita (1990) que, voltado para a abordagem cultural dos Estudos de Tradução, salientou as implicações semióticas da interacção de vários códigos de significação.

Autores como Gambier (1995,1996,1998), Gottlieb (1997,2000) entre outros, contribuíram largamente para a divulgação e interesse pela TAV, assegurando a sua autonomia no seio dos Estudos de Tradução. Díaz-Cintas (2009:5) sublinha que "[a]s an autonomous field within the broader domain of Translation Studies, AVT is indeed an entity in its own right rather than a subgroup within, say, literary translation".

Apesar da sua natureza autónoma e independente, a TAV assume-se como entidade heterogénea e interdisciplinar, que se cruza com outras áreas disciplinares como os estudos fílmicos, culturais, semióticos, cognitivos, entre outros.

Este cruzamento disciplinar pode explicar a proliferação de termos usados para justificar esta abrangência conceptual, o 'dynamic umbrella' de Orero (2004) em que se tornou a Tradução Audiovisual. Este termo distancia-se da sua conexão inicial ao cinema e é usado para designar a forma de transferência interlinguística a que podemos aceder visual e acusticamente (Chiaro, 2009:141).

No entanto, a delimitação terminológica não é pacífica; várias denominações têm sido utilizadas por vários autores; a saber,

- Constrained Translation ou Traduccíon subordinada (Titford 1982:113, Mayoral 1984:97 & 1993, Kelly & Gallardo 1988, Rabadán 1991:172, Díaz-Cintas 1998, Lorenzo & Pereira 2000 & 2001),
- Film Translation (Snell-Hornby, 1988),
- Film and TV Translation (Delabastita 1989),
- Screen Translation (Mason 1989),
- Media Translation (Eguíluz 1994),
- Film Communication (Lecuona 1994)
- Traducción Fílmica (Díaz-Cintas 1997)
- Audiovisual Translation (Luyken 1991, Dries 1995, Shuttleworth & Cowie 1997, Baker 1998)
- (Multi)Media Translation (Gambier & Gottlieb 2001),
- Screen Translation (Gambier 2003)
- Transdaptation (Gambier 2003 & 2004)
- "Dynamic Umbrella" (Orero 2004)
- Multidimensional Translation (Gerzymisch-Arbogast 2005).

Aqui entedemos a Tradução Audiovisual como produto textual numa perspectiva bi-modal, ou seja, composto pela componente áudio e pela componente visual. Neste sentido, optámos pela utilização do termo 'Tradução Audiovisual' por ser o mais abrangente e harmonizador.

Podemos afirmar que o aspecto comum a estes conceitos é a redefinição do conceito de 'texto', o que singulariza a TAV no âmbito dos Estudos de Tradução.

A noção tradicional de texto é redefinida pela multiplicidade de leituras possíveis e

revela-se ainda mais pertinente quando falamos de texto audiovisual. Este é efémero e transitório o que, segundo Gambier (2006:3) nos deve levar a reequacionar as questões de coerência, situacionalidade, informatividade e intertextualidade e a aplicá-las ao texto multimodal.

O texto audiovisual é uma construção semiótica na qual o sentido é criado por uma série de códigos que se conjugam entre si. Tal como defende Karamitroglou (2000:73), também o produto audiovisual que resulta da tradução do produto original só faz sentido enquanto um todo, ou seja, enquanto conjugação dos vários elementos semióticos que dão sentido ao produto audiovisual.

Assim, os textos audiovisuais são compostos por quatro tipos de sinais diferentes e podem ser classificados de acordo com a maior ou menor preponderância da componente verbal ou não verbal (Zabalbescoa, 2008:24 e 29):

- Áudio-verbais (as palavras pronunciadas)
- Áudio- não verbais (todos os outros sons)
- Visuais-verbais (as palavras escritas)
- Visuais- não verbais (todos os outros sinais)

Gottlieb (2005.13) define Tradução Audiovisual como "the translation of transient polysemiotic texts presented onscreen to mass audiences", em que realça o perfil polissemiótico do texto e o seu carácter transitório. Este aspecto diferenciador da TAV significa que o texto é ouvido ou lido durante uma fracção de tempo para ser imediatamente substituído por outro segmento, o que proporciona um menor tempo de contacto com o elemento verbal.

A natureza polissémica do produto audiovisual projecta-se através de elementos verbais e não verbais transmitidos visual e acusticamente. Segundo Chiaro (2009:143), o código visual verbal recorre, por exemplo, a tabuletas ou a documentos que podem ser lidos no ecrã ou, na vertente não-verbal, é composto pelos cenários e adereços, pelos gestos e pelos movimentos corporais das personagens. No código acústico verbal, podemos incluir os diálogos e as letras das músicas enquanto os efeitos sonoros, a música ou os ruídos produzidos pelas personagens são entendidos como signos acústicos não-verbais.

Neste sentido, Chaume (2001:68) também distingue o texto audiovisual como uma construção semiótica cujo sentido é transmitido através dos canais visuais e acústicos e que é produzido pela interacção dos vários códigos, e em que "el texto se construye así como una forma de organización, es decir, como un sistema determinado de relaciones". Assim, a Tradução Audiovisual, exige múltiplas abordagens como comprovam as palavras de Chaume (2004:8):

> [L]a traducción audiovisual es una variedad de traducción que refleja com suma nitidez la necesidad de utilizar enfoques pluridisciplinares para cercar-se com rigor a su objeto de estudio.

Essas relações criadas entre os vários códigos baseiam-se num sistema complexo de restricções e limitações com os quais o tradutor tem de trabalhar. Nesta perspectiva, Mayoral (1988:357) importando os conceitos de Shannon & Weaver, descreve o tradutor como um descodificador da mensagem de partida e codificador da mensagem de chegada. No caso do texto audiovisual, a organização dos vários códigos deve ter em conta aquilo que Mayoral apelida de 'noise', ou seja, todos os factores que podem inibir a obtenção dos objectivos pretendidos.

Em suma, entendemos a TAV como resultado da acção de combinação de signos verbais, visuais e auditivos em que cada dá à comunicação um sentido único e insubstituível. Esta combinação semiótica conjugada através de todos os elementos verbais e não-verbais dá lugar a um novo texto que se constrói em determinado momento e em determinado espaço.

Em Portugal, não existem ainda muitos trabalhos de investigação no âmbito da Tradução Audiovisual, mas estes começam a surgir. A TAV tem demonstrado ser um campo de investigação fértil, havendo ainda muitas áreas por explorar e a bibliografia existente ainda é escassa. Importa referir que, à data desta investigação, a maioria dos tradutores de produtos audiovisuais teve apenas formação académica em tradução em geral, visto que, tal como referido, são ainda poucos e recentes os cursos, especificamente orientados para a TAV nas universidades portuguesas.

2.3 Modalidades de Tradução Audiovisual

> *Can we still speak of text (and translation) if there are no words involved?*
> Zabalbescoa (2008: 21)

A resposta à questão colocada por Zabalbescoa (*op. cit.*) sobre se é possível falar de texto e de tradução mesmo quando não são utilizadas palavras é simples: Sim. Se considerarmos o texto enquanto um acto de comunicação, onde o discurso verbal representa apenas uma parte da mensagem, concluímos que o texto audiovisual é um todo que inclui sons e imagens, o que compreende mensagens complexas verbais e não-verbais [áudio + visual].

A globalização do mercado audiovisual veio alargar o raio de acção da Tradução Audiovisual porque de acordo com Gottlieb (2005:1) "new media require new methods of translation". Independentemente do meio onde são transmitidos, ou seja, na televisão, no

cinema, em DVD ou Blu-Ray ou pela Internet, estes produtos audiovisuais mantém a sua intencionalidade comunicativa, seja ela lúdica, informativa ou outra.

Comprovando o carácter dinâmico e polivalente desta área, o número de modalidades consideradas por diferentes autores não é consensual pois, por exemplo, Chaume (2004) refere dez enquanto Bartolomé & Cabrera (2005) fala de dezassete e, por sua vez, Díaz-Cintas (2007) descreve onze.

Neste trabalho, faremos uma breve referência às modalidades mais comuns, tomando como ponto de partida a formulação de Gambier (2004). Considerando o âmbito desta investigação dá-se um maior destaque às formas de Tradução Audiovisual inter- e intralinguísticas mais comuns.

A **legendagem interlinguística** caracteriza-se pela inclusão em suporte escrito da tradução do texto oral, na parte inferior do ecrã, com o objectivo de "convey the dialogues, the iconic elements or other material on the soundtrack such as songs" (Díaz-Cintas, 2003: 32). Neste grupo, inclui-se o caso particular da legendagem bilingue, em países como, por exemplo, a Bélgica e a Suíça, onde se pode observar em simultâneo legendas em duas línguas diferentes. Falta referir a legendagem em directo ou 'live subtitling', usada em situações de emissões em directo na televisão, em que a faixa sonora pode ser acompanhada pela legenda escrita quase em simultâneo.

A **legendagem para surdos** possibilita o acesso das pessoas com dificuldades auditivas ao texto oral, através da inclusão de legendas na mesma língua, tendo em atenção a especificidade do público-alvo. Autores como Ivarsson e Carroll (1998), De Linde & Kay (1999) e Neves (2005,2007) dedicaram-se em especial a esta modalidade tradutológica.

A **dobragem** caracteriza-se pela substituição total do texto oral original por outro na língua de chegada, ocultando assim o som da língua de partida. Esta modalidade incorpora uma nova faixa sonora onde se reproduzem, o mais fielmente possível, os diálogos originais mantendo a coerência com os movimentos labiais da imagem. Podem existir casos particulares de dobragem intralinguística, como no filme "Trainspotting" que, originalmente produzido com pronúncia escocesa, foi dobrado para uma versão em inglês americano.

Podemos também encontrar outras modalidades menos populares mas não menos importantes, como o **voice-over**, utilizado em Portugal como método tradutivo por excelência em documentários ou programas de informação. Neste caso, as vozes originais são mantidas embora com um nível sonoro mais reduzido e é acrescentada uma nova faixa sonora com o novo texto na língua de chegada. No caso da Polónia, por exemplo, esta modalidade é usada em produtos fílmicos. A tradução é preparada em sincronia com as imagens e com os diálogos e lida pela voz de um só actor que interpreta todas as personagens.

A **interpretação** manifesta-se pela substituição (em simultâneo ou de forma consecutiva) da faixa oral do texto de partida por outra equivalente no texto de chegada. É usada sobretudo no caso da televisão em directo, em entrevistas, debates e conferências. Neste âmbito, situa-se também a interpretação gestual, destinada sobretudo a pessoas com surdez, e que se caracteriza pela presença física de um intérprete, cuja particularidade é traduzir para uma língua gestual.

Ainda ao nível das acessibilidades, encontrámos a **áudio-descrição**, modalidade destinada, em especial, a cegos e ambliopes. O processo implica a narração dos elementos visuais não perceptíveis a essas pessoas, descrevendo essas imagens durante os momentos de silêncio da banda sonora original, sem qualquer interferência nas falas das personagens.

Outros tipos de modalidades tradutivas que revelam a crescente popularidade e expansão da TAV são a **localização de videojogos** e de **páginas Web** que podemos incluir dentro do amplo leque dos produtos audiovisuais considerados passíveis de tradução.

Autores como Dìaz-Cintas (2009), e Chiaro (2009) mencionam também os **fansubs**, e o **re-speaking** como modalidades de tradução a considerar mas de menor expressão quantitativa.

Em conclusão, a enorme variedade de possibilidades proporcionadas pela indústria do entretenimento e pelas novas tecnologias contribuiu para o dinamismo do fenómeno tradutivo audiovisual, evidenciado nas modalidades atrás mencionadas.

2.4 A especificidade da Legendagem para s/Surdos

SDH is all about making sound visible. And sound, in audiovisual texts,
is a complex structure encompassing sound effects, music and speech,
each of which opening up to a number of different issues.
Neves, 2009:177

No contexto europeu, a legendagem é o método escolhido para o acesso a textos audiovisuais em língua estrangeira por países como Portugal, Grécia, Escócia, Holanda, Luxemburgo, Irlanda e algumas zonas da Bélgica, enquanto a dobragem é a alternativa preferida por países como França, Alemanha, Reino Unido, Espanha e Itália.

Apesar das diferenças entre a legendagem dita 'tradicional' e a legendagem para pessoas com surdez existem diversos elementos em comum: ambas implicam a adaptação do diálogo falado para texto escrito e, em ambos os casos, a quantidade de diálogo tem de ser condensada para ir de encontro às capacidades e aos ritmos de leitura dos seus destinatários (pessoas com surdez ou pessoas cuja língua materna não é a língua do texto audiovisual a que pretendem assistir).

Importa, no entanto, especificar que de acordo com Neves (2005:13-14), as cinco formas de integração de legendas nos meios de comunicação audiovisual são: a legendagem aberta (electrónica), a legendagem fechada (teletexto), a legendagem pré-gravada, a legendagem em directo e a legendagem ao vivo (em tempo real). Podem também ser utilizadas cinco formas de apresentar as legendas sobre um ecrã: a legenda fixa/em bloco, a legenda móvel ("crawl"), a legenda cumulativa ("add-on"), a legenda rolante ("roll-up") e a legenda tipo "karaoke"(*ibidem*).

Actualmente, é incontestável que a Legendagem para s/Surdos tem cada vez mais peso, enquanto uma das variantes da Tradução Audiovisual. A importância e o interesse crescentes estão patentes no número de investigações, conferências e cursos, quer académicos, quer profissionais, sobre o tema, que começam a proliferar um pouco por todo o Mundo. Em Espanha, em França e na Polónia estão a ser desenvolvidas diversas teses de doutoramento sobre Legendagem para s/Surdos (Díaz-Cintas: 2010, correspondência pessoal). No entanto, Portugal só mais recentemente é que começou a despertar para o tema, principalmente após a investigação de Neves (2005).

A Legendagem para s/Surdos era, inicialmente, vista mais como um processo técnico e de adaptação do que como uma nova vertente da tradução suscitando mais atenções pelas suas implicações técnicas que linguísticas. Esta nova forma de tradução fez retomar debates como a fidelidade e a literalidade da tradução. No entanto, esta forma de tradução dá lugar ao que poderíamos denominar de uma nova forma de fidelidade, não como o texto de partida, mas com o objectivo que este texto se propõe cumprir. No caso das legendas para pessoas com surdez, essa função passa por tornar o texto audiovisual acessível, com tudo o que isso implica, em termos de tradaptação (ou seja, simultaneamente tradução e adaptação).

As teorias mais recentes, apresentadas na Alemanha por Reiss e Vermeer (1984), demonstram uma maior atenção com os aspectos culturais, destacando não apenas a importância da transferência linguística, como acontecia geralmente. Estas teorias olham para a tradução mais como um processo de comunicação voltado para o texto de chegada e para a função que este vai desempenhar, não dando a primazia ao texto de partida. O tradutor que, profissionalmente, se dedica à LS tem de trabalhar com vários sistemas, línguas e culturas e deve ter conhecimentos em diferentes áreas, nomeadamente em surdez e nas suas implicações visto que um dos aspectos que mais caracteriza esta vertente de tradução é a necessidade de adaptar o produto final ao seu principal destinatário. A LS tem de ser interpretada como um *translational action* (Vermeer, 1989: 221) que tem um *skopos* que deve ser compreendido por todas as pessoas envolvidas na *comission*.

Infelizmente, é muito frequente o legendador e a empresa que contratam o serviço

de legendagem desconhecerem as necessidades do destinatário com surdez, não estando devidamente preparadas para apresentarem um produto verdadeiramente adaptado ao seu utilizador.

É importante que cada vez mais todas as pessoas envolvidas na elaboração de produtos com LS entendam que estes produtos devem apresentar o que Nord (1997: 47-48) denomina de "tradução instrumental" visto que o objectivo do produto com LS não é constituir um documento representativo do texto de partida mas sim fazer com que o produto final cumpra, junto do utilizador final, a mesma função que o texto audiovisual original tem junto enquanto texto de partida.

Para que um espectador com surdez tenha acesso à programação regular da televisão existem duas soluções principais: A interpretação dos programas em língua gestual ou a legendagem. Visto que apenas uma parte das pessoas com surdez utiliza uma língua gestual como forma de comunicação a interpretação gestual, serve apenas a um número reduzido de espectadores. Por seu lado, a legendagem pode servir tanto pessoas que usam uma língua gestual como sua primeira língua, como a pessoas que tenham adquirido a surdez mais tarde na vida, não tendo conhecimento de uma língua gestual.

Embora seja verdade que o interesse pela TAV, em geral, aumentou exponencialmente nos últimos anos, pode dizer-se que, a nível académico, há ainda espaço (e necessidade) de muita investigação. Não são ainda muitos os trabalhos científicos exclusivamente dedicados à LS. No entanto, isto não significa que a LS não tenha sido abordada nos trabalhos de profissionais e em investigações como é, por exemplo, o caso do trabalho de Ivarsson e Carroll (1998:129) que embora não tenham na LS o tema principal, afirmam: "The subtitling of television programmes for those with impaired hearing is a subject for a whole book rather than a short chapter".

Neste trabalho, utiliza-se o termo "tradaptação" no mesmo sentido que define e utiliza Neves (2005:151):

> The meaning that I propose for the word transadaptation in this context [...] stems from the intention to make a subtitled text adequate to the needs of a special public. In the case of SDH this means that whichever the language shift (intralingual ou interlingual) involved, whenever special care is taken to adjust subtitling, in more than purely linguistic terms, to the needs of these audiences, more than translation is required.

O termo "tradaptação" é utilizado para referir um tipo de legendagem que implica, simultaneamente, a tradução da mensagem de sinais acústicos, quer verbais, quer não-verbais,

para códigos visuais, que podem também eles ser verbais ou não-verbais. Este processo implica para além da tradução da mensagem verbal, a adaptação de eventuais códigos visuais às necessidades das pessoas com surdez, garantindo-lhes as necessárias condições de acesso.

Na Legendagem para s/Surdos verificam-se sempre dois níveis de tradução. Por um lado a linguística, nos casos em que a LS é feita a nível interlinguístico onde se verifica a transferência entre duas línguas distintas ou a nível intralinguístico quando a transferência é dentro da mesma língua. Por outro, verifica-se também um processo de tradução intersemiótica sempre que mensagens sonoras não-linguísticas (música, efeitos sonoros) são transformadas em mensagens verbais apresentadas de forma escrita no ecrã (*ibidem*).

A LS pode assumir diferentes formatos distinguindo-se principalmente legendagem previamente preparada e legendagem ao vivo. Países anglófonos como os EUA e o Reino Unido têm uma forte presença na televisão de legendagem destinada a pessoas com surdez.

Neste âmbito é possível disponibilizar na televisão legendas fechadas (teletexto), previamente preparadas. Estas legendas são disponibilizadas através do sistema de teletexto e apenas estão acessíveis a telespectadores com equipamentos que permitam o acesso a esta função. O acesso a estas legendas é facultativo e, geralmente, a existência das legendas é comunicada através da apresentação de um símbolo identificativo no canto superior direito do ecrã.

O actual desenvolvimento da tecnologia permite também disponibilizar legendas fechadas (teletexto), geradas de forma automática, através de sistemas de reconhecimento de voz. E, as novas tecnologias, que permitem a realização de legendagem em tempo real tornam também possível a legendagem ao vivo para pessoas com surdez em conferências e seminários.

Também já é possível disponibilizar legendagem fechada sem recurso ao teletexto. Em Espanha tanto o "Cartoon Network" como o "Disney Chanel" disponibilizam Legendagem para s/Surdos em programas infantis sem recurso ao teletexto. Sendo canais de acesso condicionado, estes canais utilizam uma tecnologia através da qual a activação das legendas é feita com o comando do descodificador.

No caso concreto desta investigação apenas será abordada com maior detalhe a LS na televisão (via teletexto). Como veremos no Capítulo 3 (Os s/Surdos e a Surdez) as pessoas com surdez constituem um grupo bastante heterogéneo, com diferentes necessidades e competências linguísticas no uso da língua natural do seu país. Há mesmo casos mais extremos em que as pessoas com surdez não chegam a adquirir qualquer primeira língua. Assim, não fossem as restrições económicas, o lógico seria que existissem diferentes modalidades de LS com diversos níveis de tradaptação. Por exemplo em Portugal, um Surdo que tenha como língua materna a Língua Gestual Portuguesa terá, geralmente, muito mais dificuldades na

leitura e interpretação do Português, a sua segunda língua. Por outro lado, uma pessoa com um défice auditivo mais moderado ou que tenha adquirido a surdez em fase pós-linguística, poderá captar parte da mensagem oral pelo que não precisaria de tanta informação adicional sobre a componente sonora não verbal. Assim, o ideal seria que existissem pelo menos duas modalidades de legendagem em teletexto disponíveis: Uma com a totalidade da mensagem acústica (verbal e não verbal) traduzida sob a forma de legendas para pessoas com surdez profunda. Esta modalidade necessitaria de um elevado grau de tradaptação para se adaptar aos ritmos de leitura mais lentos. E, outra versão, na qual não seria necessário transpor toda a componente acústica não-verbal (por exemplo, o bater de portas ou o som de uma tempestade) destinada pessoas com surdez parcial ou Surdos com competências de leitura mais desenvolvidas. Esta segunda modalidade poderia apresentar um menor grau de tradaptação pois, iria atribuir às pessoas com surdez maiores competências ao nível da leitura, nomeadamente aquelas com surdez parcial que se inserem na comunidade ouvinte e às pessoas que sofrem de presbiacusia, a perda das capacidades auditivas, como resultado do avançar da idade. A título de exemplo, uma pessoa com surdez parcial ou que tenha perdido a audição numa fase de jovem ou adulto não terá dificuldade em interpretar jogos de palavras homófonas, enquanto um surdo congénito poderá não conseguir interpretar o humor por não conhecer o som destas palavras.

Este é apenas um dos exemplos de situações que, exigiriam diferentes níveis de tradaptação. A meu ver, esta segunda versão poderia também ser explorada como um produto a utilizar em espaços públicos, onde geralmente existe televisão, mas onde o som da mesma está demasiado baixo ou o ruído ambiente não permite captar a totalidade (e por vezes nada) da mensagem, como é o caso de salas de espera em consultórios médicos, centros comerciais ou transportes públicos. Todavia, se é já um desafio conseguir que os operadores televisivos aumentem a sua oferta com uma só modalidade de LS, creio que não passa de uma utopia pensar que, a curto-prazo, a opção de escolha, em termos do tipo de LS, se possa tornar uma realidade.

Assim, a oferta de legendagem fechada actualmente disponibilizada visa servir simultaneamente (Neves, 2008b:131):

- Espectadores surdos e com défice auditivo
- Surdos pré e pós-linguais
- Surdos que usam uma Língua Gestual e surdos oralizados
- Surdos que se integram na comunidade Surda e surdos que se integram na comunidade ouvinte
- Surdos para quem a língua escrita é a segunda língua
- Surdos com audição residual

Facilidade de leitura: *Verbatim* vs Adaptação

Intra and interlingual subtitling does play a major role
in strengthening reading skills. We are reading TV!

Gambier (2001:XVII)

Apesar de todo o respeito que é necessário ter pelo texto original, o principal objectivo da LS é conseguir um "efeito equivalente" junto do público-alvo, permitindo às pessoas com surdez receberem e entenderem a totalidade de um texto audiovisual, tal como um ouvinte tem acesso ao todo.

Regra geral, quando questionadas, as pessoas com surdez tendem a preferir o *verbatim*, mais por uma questão de afirmação dos seus direitos do que por sentirem, verdadeiramente, que esta seja a fórmula mais indicada. Na verdade, seria impossível mesmo para um ouvinte acompanhar o ritmo de leitura de legendas *verbatim* na maioria dos programas, situação que se complica ainda mais para a generalidade das pessoas com surdez que, como comprovado, apresentam ritmos de leitura mais reduzidos.

Também a legendagem interlinguística recorre à adaptação da mensagem, de modo a respeitar quer ritmos de leitura, quer limitações de espaço. No entanto, parece que no caso das legendas intralinguísticas esta questão ganha mais importância, pois algumas pessoas com surdez interpretam esta adaptação como uma negação de um direito, como se não se lhes estivesse a dar toda a mensagem a que os ouvintes têm acesso. No entanto, dar toda a informação sem que o espectador tenha tempo para a ler não seria certamente a melhor solução, nem para surdos nem para ouvintes.

A LS deve sempre ter em conta a noção de relevância, ou seja, o texto final deve manter tudo o que é necessário e indispensável, para que a experiência da pessoa com surdez se aproxime ao máximo da experiência do ouvinte. No entanto, a redundância não ocorre no texto audiovisual por acaso. Esta constitui uma ferramenta que ajuda a tornar um texto coeso e coerente, pelo que a eliminação ou manutenção de redundâncias e reiterações tem sempre de ser uma escolha, mas consciente. O som pode, por exemplo, servir para reforçar imagens, estas podem explicar um determinado som ou o som pode fazer a interligação entre diferentes cenas ou transmitir informação complementar nestes casos, como afirma Neves (2005:164): " This means that subtitles must find ways to guarantee that they are faithful to the letter and to the spirit of the original".

Quando Gambier (2003:179) destaca a importância da TAV, enquanto forma de acessibilidade, e apresenta uma série de características presentes em todos os tipos de TAV há uma que não é incluída e que é central à LS: a adequação Para além da informação que

é transmitida, é também fundamental avaliar como é que essa informação é transmitida, de modo a garantir a acessibilidade ao texto audiovisual por parte de pessoas com surdez.

Transferência linguística de mensagens acústicas

> *For hearers, sound aids the reading of subtitles, and subtitles help the understanding of sound. In the case of SDH, this relationship no longer seems approprite.*
> (Neves, 2005: 165)

O texto audiovisual é o resultado da interacção de mensagens transmitidas através de diferentes códigos. A incapacidade de receber e interpretar alguma parte dessas mensagens pode traduzir-se numa quebra da comunicação, bem como na não-interpretação do todo representado pelo texto polissemiótico.

No caso da LS, tanto as mensagens orais verbais como não-verbais são sujeitas a uma transferência linguística e o produto audiovisual final, neste caso o produto audiovisual legendado, tem de garantir que se preserva a estrutura, coerência, função, o desenvolvimento e o carácter do original (Neves, 2005:156). Assim, cabe ao tradaptador a responsabilidade de garantir que o produto final "não-sonoro" transmite toda a informação e a mensagem do texto original, incluindo os elementos sonoros.

Os aspectos paralinguísticos do discurso, muitas vezes transmitidos pelo tom da voz, não são percebidos pelo espectador com surdez através das legendas ditas 'tradicionais' e raramente podem ser, verdadeiramente, transmitidos apenas pelo uso de pontuação expressiva. Sempre que existe esta impossibilidade a LS recorre ao processo de explicitação, que é uma forma de compensar a falta de acesso aos elementos orais do produto audiovisual.

Um dos principais desafios da LS passa por encontrar formas adequadas de transmitir as informações paralinguísticas de uma forma equilibrada, ou seja acrescentando o que é necessário e relevante (sem excessos) e eliminando o que é redundante (Neves, 2007:95 / Zabalbescoa, 2008:33). Para poder seleccionar as formas mais adequadas de transferir mensagens acústicas de forma linguística, o tradaptador necessita de compreender como é que o som pode transmitir informação emocional, narrativa e metatextual (Neves, 2008: 178).

Para as pessoas com surdez profunda as legendas correspondem a uma substituição da totalidade do som. No entanto, os ouvintes, que tomam o som como um dado adquirido subvalorizam-no, não se apercebendo, conscientemente, da importância deste e da mensagem transmitida por pequenos sons, que ouvem e interpretam, automaticamente, sem que disso

tenham consciência. A compreensão da função do som nos textos audiovisuais é de extrema importância para os tradutores que trabalham, ou pretendam vir a trabalhar, em LS. Muitos programas televisivos apresentam sons que os caracterizam (por exemplo, palmas ou risos em concursos) e, noutros casos, a música e os efeitos sonoros têm uma função narrativa, como o som do bater de uma porta que anuncia a entrada de alguém numa sala, ou o chilrear de um pássaro que se escuta vindo de uma janela aberta, podem ser utilizados para transmitir uma informação ou para criar um determinado contexto. Aliás, a banda sonora dos produtos audiovisuais é hoje em dia cada vez mais importante e transmite muita informação, podendo a música servir para criar um determinado ambiente, mas também para anunciar perigo ou a entrada de determinado personagem.

Erradamente, poderia considerar-se que a fala é a parte mais linear e simples de ser transmitida. No entanto, também esta pode ser bastante complexa de transpor a um código visual, pois para além da informação puramente linguística, a fala comporta informação para-linguística, como a qualidade da voz, o tom, a cadência.

Como tal, não basta ter bons conhecimentos linguísticos para ser um bom tradaptador. Para desempenhar esta função é necessário também ter sensibilidade ao som, à música e ser capaz de descodificar mensagens subjacentes a estes, de modo a poder encontrar soluções adequadas para transmitir verbalmente estas sensações. E não importa só o som, os silêncios podem também ser portadores de significado e quando fazem, intencionalmente, parte do texto audiovisual, esta informação deve também ser transmitida ao espectador com surdez.

Características específicas

Tradicionalmente, as legendas via teletexto são apresentadas em branco sobre preto. Alguns operadores, nacionais e internacionais, optam pela utilização de cores como forma de diferenciar os falantes. No entanto, Neves (2005:137, 195) afirma ter dúvidas sobre as vantagens da utilização deste sistema por poder aumentar as dificuldades de interpretação e concentração: “I posit that the use os coloured subtitles quite often loads the decoding effort and can become a disruptive instance of noise”.

A regra dos 6-segundos que se aplica à Legendagem aberta, é na LS, geralmente, substituída pela regra dos 9-segundos visto que se assume que, regra geral, um adulto com surdez terá um ritmo e nível de leitura inferiores aos de um adulto ouvinte. Segundo de Linde e Kay (1999: 6,7) como o nível seria equiparável ao de uma criança de 9 anos, a legendagem para ambos os públicos deveria recorrer a soluções semelhantes.

Segundo estes autores (1999:11), a velocidade de leitura equivale a 66% da velocidade da fala, logo as legendas em geral têm de ser reduzidas em 1/3 para pessoas com uma

capacidade de leitura média, pelo que a situação é ainda mais relevante quando falamos de pessoas com maiores dificuldades de leitura e de legendagem especificamente destinada a pessoas com surdez.

Como na LS as legendas são condicionadas pelo ritmo do texto audiovisual e pelo tempo necessário à leitura, é necessário encontrar um compromisso entre ambas as limitações, não esquecendo que, quando se trata de LS, a sincronização das legendas não tem obrigatoriamente de ser feita com a fala, podendo optar-se por uma sincronização com a imagem (desde que não ocorram situações em que, por exemplo, se veja uma personagem a mover os lábios, sem que haja uma legenda a acompanhar). É também necessário relembrar que a velocidade de leitura é um aspecto individual de cada espectador e depende de diversos aspectos: grau de literacia, grau de familiaridade com o tema, mas também aspectos práticos relacionados com a qualidade da imagem e da projecção das legendas no teletexto.

As legendas específicas para pessoas com surdez devem ser estruturadas a nível sintáctico e semântico, de forma a facilitarem a leitura. Obviamente, não podemos assumir que as pessoas com surdez não conseguem ler frases e vocabulário complexo. No entanto, como anteriormente indicado, a grande maioria das pessoas com surdez apresenta, de facto, dificuldades de leitura, pelo que as legendas para pessoas com surdez devem ser criadas de forma a serem os ideais para a maioria dos membros deste grupo tão heterogéneo. Assim, todas as soluções são sempre uma tentativa de encontrar um compromisso entre o possível e o ideal, tentando servir o maior número possível de pessoas.

Quando se trabalha em LS é fundamental perceber a importância do som no texto audiovisual. Nalguns programas, a importância de determinados sons, música, efeitos sonoros será certamente superior, enquanto noutros a preponderância poderá estar na mensagem verbal sonora (por exemplo, numa entrevista). O fundamental é perceber a importância de cada som para poder seleccionar a melhor forma de os tradaptar. A LS deve caracterizar-se pela consistência nas soluções escolhidas, não só nos diferentes programas do mesmo género, como nos diversos canais disponíveis, visto que isto permite aos espectadores desenvolverem hábitos de descodificação.

2.4.1 A Legendagem para s/Surdos no Mundo

O início da Legendagem para s/Surdos tal como hoje a conhecemos, deu-se nos anos 70 e 80 nos EUA e no Reino Unido.

Nos EUA o sistema utilizado passou a ser conhecido como “closed captioning” Em 1993, deu-se a implementação do Television Decoder Circuitry Act que definia que todas as

televisões com 13 polegadas ou mais deveriam incorporar um descodificador que permitisse a exibição de "closed captioning". Também o Telecommunications Act of 1996 que veio definir limites mínimos de LS que oscilam entre os 75 e os 100% foi fundamental para a fixação da LS enquanto forma privilegiada de acessibilidade ao texto audiovisual para pessoas com surdez.

Já em Inglaterra o sistema era diferente e conhecido, tal como acontece actualmente em Portugal, por legendagem em teletexto. Contrariamente ao que se verificou nos EUA, na Europa a introdução da legendagem não teve como principal objectivo tornar a televisão acessível a pessoas com surdez. Na verdade, o objectivo inicial passava por permitir o acesso a programas com origem nos EUA.

Cada país escolheu diferentes soluções de Tradução Audiovisual, sendo as principais a dobragem e a legendagem. Na Europa, a legendagem (aberta e interlinguística) surgiu como uma forma mais económica de permitir o visionamento de programas em língua estrangeira, visto que acarreta custos inferiores à dobragem. Assim, na Europa, a legendagem interlinguística permitia o acesso a filmes estrangeiros simultaneamente a ouvintes e a surdos.

Faltava, no entanto, na maioria dos países tradicionalmente legendadores, sensibilidade para compreender as necessidades especiais das pessoas com surdez.

Na Europa, foi no Reino Unido que a Comunidade Surda melhor se conseguiu impor e chamar a atenção para os seus direitos e necessidades. Este país seguiu, nos anos 70, o exemplo americano e começou a disponibilizar legendas para surdos, via teletexto. O teletexto foi desenvolvido no início dos anos setenta como um projecto de engenharia que juntou colaboradores da BBC da ITC (na altura ITA - Independent Television Authority) e investigadores da Universidade de Southampton, numa tentativa de encontrar uma solução económica para disponibilizar legendas a pessoas com surdez. O sistema de teletexto desenvolvido foi, desde então, adoptado por diversos países da Europa, da Ásia, de África e do Pacífico e tem sido modernizado.

O Reino Unido assumiu a liderança, em termos de disponibilização de LS desde que, em 1990, o Broadcasting Act definiu que a legendagem na TV analógica devia aumentar, gradualmente, de modo a que, até 2010, fosse atingida uma taxa de legendagem de 90%. Outros países europeus seguiram o exemplo desde a década de oitenta com especial referência para a TWF (Television Without Frontiers Directive - Directiva da Televisão sem Fronteiras) de 1989 posteriormente actualizada com a Directiva 36/1997 e a Directiva 65/2007. Ainda que o objecto desta directiva não fosse, especificamente a LS, esta legislação abriu caminho a discussões a nível Europeu sobre a Public Service Broadcasting.

Também directivas como a Framework Directive 2002/21/EC e a Universal Service Directive 2002/227EC deram lugar a diversas iniciativas que aumentaram o interesse no tema da acessibilidade.

Actualmente, o teletexto disponibiliza dois tipos de conteúdos. Por um lado, informação de interesse geral, tal como meteorologia, farmácias de serviços ou grelha televisiva. Por outro disponibiliza legendas fechadas para pessoas com surdez, legendas que apenas são apresentadas quando se acciona a página dedicada à legendagem por teletexto.

Na Europa, a oferta de LS tem crescido substancialmente, não só como resultado de uma maior consciência, mas também graças às directivas europeias e à legislação própria que os países têm implementado.

No entanto, a legendagem via teletexto apresenta ainda várias limitações. Para além das limitações técnicas da exibição da própria legenda (tipo de letra, dimensão, impossibilidade de utilizar itálico), existem ainda poucos gravadores que permitam aos utilizadores gravarem os programas com LS. Por outro lado, a necessidade de activar e desactivar a legenda via teletexto torna muito complicado fazer zapping, algo perfeitamente banal para os espectadores ouvintes e que é extremamente difícil a uma pessoa com surdez.

2.4.2 A Legendagem para s/Surdos em Portugal

Embora Portugal seja um país onde há muitos anos predomina a tradição de legendagem como forma de acesso a programas estrangeiros, foram necessárias várias décadas até que se compreendesse que as pessoas com surdez têm necessidades específicas, que não são satisfeitas com a legendagem tradicional.

Em Portugal, a primeira tentativa de disponibilização de LS partiu da RTP, no âmbito de um acordo com a Associação Portuguesa de Surdos, e desde 15 de Abril de 1999 alguns conteúdos da RTP1 e RTP2 passaram a ser legendados via teletexto. Esse acordo previa que, inicialmente, fossem disponibilizadas, no primeiro ano, 15 horas de legendagem via teletexto por semana. Oficialmente, este serviço arrancou a 15 de Abril de 1999, tendo no primeiro ano sido legendadas "800 horas de emissões, entre programas de informação, humor, séries documentais e telenovelas" (jornal "A Capital", 13 de Abril 2000, pág. 31). Embora a RTP tenha mantido a oferta ao longo dos anos, os dados disponíveis indicam que a legendagem não tinha a qualidade desejável por não se adaptar às necessidades deste público-alvo.

Neste momento, a RTP dispõe também de um projecto experimental de Legendagem Automática em Teletexto dos noticiários da RTP1 e RTP2, bem como um serviço de Legendagem em Teletexto de alguns eventos desportivos.

Importa referir que esta iniciativa da RTP foi ainda anterior à existência de legislação sobre o efeito. De facto, apenas a 11 de Fevereiro de 2002 é que foi introduzida uma nova alínea (f) no Artº 44 da Lei da Televisão Portuguesa (Lei nº8/2002):

> Assegurar igualdade de acesso à informação e à programação em geral a todos os cidadãos, garantindo por isso que as emissões possam também ser acompanhadas por pessoas surdas ou com deficiência auditiva, recorrendo para o efeito a legendagem ou à interpretação através da língua gestual.

O ano de 2003 representou um marco na história da Legendagem para s/Surdos a nível nacional. A 26 de Agosto de 2003, os representantes dos vários canais assinaram um acordo denominado "Novas Opções para o Audiovisual", que visava reestruturar a televisão pública (RTP) e promover a troca de experiências e conteúdos entre os vários operadores. No âmbito deste documento a SIC e a TVI chegaram a acordo para garantirem semanalmente duas horas e meia de programas com interpretação em língua gestual ente as 8 e as 24h, bem como cinco horas semanais de Legendagem para s/Surdos via teletexto. Definiu-se um prazo de 90 dias para a implementação do acordo, ou seja, até Dezembro desse mesmo ano.

A SIC começou a oferecer legendagem em teletexto através da página 888, a 6 de Outubro de 2003. Este serviço foi inaugurado com a legendagem de uma telenovela brasileira transmitida em horário nobre. A legendagem oferecida pela SIC surgiu como um trabalho de uma equipa que incluía um professor e alunos, que optaram pela aplicação de novas técnicas de legendagem com base num trabalho de investigação que estava à data a ser desenvolvido por Josélia Neves.

Após a fase experimental, que coincidiu com o final da telenovela "Mulheres Apaixonadas", a legendagem da telenovela seguinte passou a ser assegurada por uma empresa de legendagem fornecedora de serviços, que manteve alguns dos elementos da referida equipa experimental e que, se esforçou por manter, no global, os padrões de qualidade do trabalho anterior. De referir, que as telenovelas continuam a ser o género televisivo escolhido pela SIC para disponibilização de Legendagem para s/Surdos.

Já a TVI, dando cumprimento ao acordo assinado em Agosto de 2003, passou a disponibilizar Legendagem para s/Surdos com a telenovela "Queridas Feras" a 30 de Novembro de 2003, data de estreia. Visto que ao contrário da primeira telenovela com legendagem na SIC, esta era falada em português continental, as legendas apresentavam-se em grande parte como uma transcrição quase directa das palavras pronunciadas.

Desde o estudo de Neves (2005), a situação da LS tem evoluído, ainda que lentamente.

Começam já a surgir no mercado de DVD alguns filmes com LS e outro tipo de acessibilidade (como interpretação em língua gestual e áudio-descrição para cegos), embora a oferta continue a ser bastante escassa. De acordo com Saúl Rafael, da Zon Lusomundo Audiovisuais (2010, correspondência pessoal), a empresa tem feito uma aposta no aumento da oferta de DVD com acessibilidade a pessoas com surdez e cegueira. Actualmente, estão disponíveis três títulos que dispõem de LS, interpretação em LGP e áudio-descrição para cegos: os filmes "Nascimento de Cristo" e "Atrás das Nuvens" e o documentário "Aventura no Ártico".

No seguimento do acordo assinado a 21 de Agosto de 2003, e considerando o disposto no nº 3 do artigo 34º da Lei nº 27/2007, de 30 de Julho (Lei da Televisão), a ERC deveria definir:

> […]o conjunto de obrigações que permitam o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais, nomeadamente através do recurso à legendagem, à interpretação por meio de língua gestual, à áudio-descrição ou a outras técnicas que se revelem adequadas, com base num plano plurianual que preveja o seu cumprimento gradual, atendendo ainda às condições técnicas e de mercado em cada momento por ela verificadas[…]

O Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) promulgou o Plano plurianual que define o conjunto de obrigações que têm por objectivo permitir o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais.

Este Plano Plurianual visa também dar cumprimento à Directiva 89/552/CEE, de 3 de Outubro, alterada pela Directiva 2007/65/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 11 de Dezembro de 2007 (Directiva "Serviços de Comunicação social Audiovisual"), cujo artigo 3.º-C, indica que "Os Estados-Membros devem incentivar os fornecedores de serviços de comunicação social sob a sua jurisdição a assegurarem que os seus serviços se tornem progressivamente acessíveis às pessoas com deficiência visual ou auditiva."

O Plano Plurianual define os mínimos que devem ser cumpridos em termos de LS, interpretação em LGP e áudio-descrição para cegos entre 1 de Julho de 2009 a 31 de Dezembro de 2012, segmentando a implementação em dois períodos temporais distintos.

No período compreendido entre 1 de Julho de 2009 e 31 de Dezembro de 2010, os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre deverão garantir, no horário compreendido entre as 8h00 e as 02h00 oito horas semanais de programas de ficção ou documentários com legendagem especificamente destinada a pessoas com deficiência auditiva, recorrendo, para o efeito, a qualquer meio técnico ao seu alcance. E três horas

semanais de programas de natureza informativa, educativa, cultural, recreativa ou religiosa com interpretação por meio de Língua Gestual Portuguesa, incluindo, com periodicidade semanal, a interpretação integral de um dos serviços noticiosos do período nocturno.

Os serviços de programas temáticos informativos de acesso não condicionado com assinatura deverão garantir, no horário compreendido entre as 19h00 e as 00h00, duas horas semanais de programas de natureza informativa com interpretação por meio de Língua Gestual Portuguesa, incluindo, com periodicidade semanal, a interpretação integral de um dos serviços noticiosos.

A partir do período compreendido entre 1 de Janeiro de 2011 a 31 de Dezembro de 2012, os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre e temáticos informativos de acesso não condicionado com assinatura deverão duplicar os valores das obrigações fixadas para o período compreendido entre 1 de Julho de 2009 e 31 de Dezembro de 2011.

Mais ainda, os serviços de programas generalistas de âmbito nacional do operador de serviço público devem também difundir programas especificamente direccionados aos públicos com necessidades especiais, não devendo estes ser emitidos em períodos de audiência reduzida.

Refere também o Plano Plurianual que "os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre que procedam à difusão de mensagens do Presidente da República, do Presidente da Assembleia da República e do Primeiro-Ministro, assim como à divulgação de comunicações dos serviços de protecção civil, deverão assegurar a acessibilidade das mesmas às pessoas com dificuldades auditivas, através de legendagem e interpretação por meio de língua gestual portuguesa, assim como a disponibilização em linha dos respectivos conteúdos às pessoas cegas e com baixa visão".

No que se refere à contabilização das horas de emissão com vista ao cumprimento das metas definidas no Plano, "será contabilizada apenas a primeira exibição de um programa que tenha sido objecto de qualquer das medidas de acessibilidade previstas". E, caso parte do programa tornado acessível através de legendagem, interpretação por meio de língua gestual ou áudio-descrição seja emitida fora dos horários definidos, apenas será contabilizada a parte emitida dentro dos horários estabelecidos.

Todavia, a SIC e a TVI impugnaram judicialmente o Plano Plurianual, tendo este último operador optado por interpor uma providência cautelar. A decisão de avançar com o pedido de suspensão é justificada pelos canais privados pelos custos exigidos para a disponibilização dos serviços. Neste momento, o Plano Plurianual encontra-se suspenso por decisão judicial de 10 de Março de 2003, mas a ERC avançou com um recurso desta decisão, pelo que se aguarda a decisão final.

CAPÍTULO III

Os s/Surdos e a Surdez

3.1 A pessoa com surdez

By 'recipients' I do not mean the totality of the people who just happen to have received the product, but that group of the general public that have consciously consumed the product and to which the target product is addressed.
(Karamitroglou, 2000:76)

Os Estudos de Tradução modernos, nomeadamente com Nord e Reiss, partem da premissa que, para desempenhar uma boa tradução, é fundamental conhecer o destinatário e o objectivo dessa tradução. Para que um tradaptador possa desempenhar um trabalho consciente e de qualidade necessita de conhecer as implicações sociais e linguísticas da surdez.

Neste capítulo faz-se uma breve abordagem das implicações da surdez, de forma a promover um melhor entendimento das principais características e necessidades dos destinatários da LS.

É um conceito genericamente aceite que as pessoas com surdez têm maiores dificuldades de comunicação, bem como ao nível da leitura e da escrita. Mas será que realmente se compreende o impacto que estas dificuldades têm quando é necessário produzir um produto audiovisual para este público?

As dificuldades existentes ao nível da leitura resultam não só do percurso educativo das pessoas com surdez, como da altura da vida em que adquirem essa surdez. A abordagem tradicional de pendor clínico vê a surdez como a "falta" de alguma coisa. No entanto, as pessoas Surdas sempre se sentiram diferentes dos ouvintes mas não inferiores, integrando-se, assumidamente, na Comunidade Surda, que tem uma língua própria para comunicar, uma língua gestual. Nesta Comunidade, a incapacidade de ouvir não é vista como um problema. Os Surdos assumem-se como uma minoria cultural e linguística que vive no seio de uma sociedade, onde a maioria das pessoas é ouvinte e tem uma língua oral como língua materna. Já os Surdos têm como língua natural, uma língua gestual, aprendendo geralmente a língua oral do país onde se inserem como sua segunda língua.

Quando se trabalha em LS é necessário ter sempre presente que a língua Portuguesa pode não ser a língua materna do nosso público-alvo. Como recorda Neves (2008:173), diz-se muitas vezes que um tradutor apenas deve traduzir para a sua língua materna e que esta será, simultaneamente, a língua materna do destinatário da tradução. No entanto, isto nem sempre acontece em LS e é necessário ter esta noção sempre presente, de modo a recorrer a soluções que sejam adaptadas a competências linguísticas geralmente inferiores.

3.2 A importância das necessidades específicas deste público-alvo

Quando Nida cunhou o conceito de equivalência dinâmica por oposição à noção de equivalência formal, no seu trabalho "Principles of correspondence" (2000[1964]), este visava destacar que qualquer tradução tem de ser vista de acordo com o público-alvo a que se destina. Nida desviou as atenções do processo comunicativo para o receptor final do produto, algo que faz todo o sentido quando estamos a falar de um tipo de legendagem criado para um público-alvo muito específico. Outros investigadores que se dedicam mais concretamente à TAV, tais como Gambier, Gottlieb, Neves e Díaz-Cintas, têm também destacado a necessidade desta adequação às necessidades do público-alvo do produto audiovisual.

Se considerarmos a legendagem à luz da *skopostheorie* de Reiss e Vermeer, o seu *skopo* (objectivo) tem de ser perfeitamente compreendido por todas as pessoas envolvidas no trabalho. No entanto, muitas vezes os tradutores ou mesmo legendadores que trabalham em LS desconhecem as necessidades específicas do utilizador final do seu produto e, pelo menos em Portugal, não deixa de ser frequente que aqueles que trabalham em Legendagem para Surdos tenham apenas formação em legendagem ou tradução em geral.

O facto dos destinatários da LS serem substancialmente diferentes dos destinatários do texto original faz com que os profissionais responsáveis pela elaboração do produto final tenham de ter consciência das necessidades das pessoas com surdez para poderem criar um produto que, realmente, se adapte ao seu destinatário final. No entanto, no caso da LS, os tradaptadores ouvintes raramente têm conhecimento das especificidades cognitivas e sociais do seu público-alvo. Contudo, para se poder desempenhar adequadamente a profissão de profissional de LS é necessário ter conhecimentos de composição fílmica, importância do som, redundância, relevância, adequação, coesão, coerência, etc…

Embora, como sabemos, nem todos as pessoas com surdez sejam utilizadoras de Língua Gestual, julgo que seria uma mais-valia a integração de uma cadeira de Introdução à Língua Gestual do País em cursos superiores, especificamente dedicados à LS e à TAV. Compreender as diferenças entre a Língua Gestual e a Língua Oral, seja em termos de estruturas gramaticais, posicionamentos dos diferentes constituintes da frase, dificuldade na expressão de conceitos abstractos em LG, menor número de sinónimos etc, é, a meu ver, um aspecto de extrema importância para conseguir criar legendas que melhor se adaptem às especificidades deste público-alvo.

3.3 Diferentes tipos e graus de surdez

A surdez é um dos cinco sentidos do ser humano e é através dela que recebemos e interpretamos os sons que nos rodeiam. Em termos gerais, o processo de audição implica a percepção, o processamento e a interpretação do som. O ouvido capta e traduz as ondas sonoras através de impulsos nervosos que são, posteriormente, captados e interpretados pelo cérebro.

A surdez pode ser classificada de acordo com três parâmetros distintos:

- A origem do problema no ouvido - perda auditiva condutiva, perda auditiva neurosensorial, e perda auditiva mista;
- O momento em que se verifica a surdez no desenvolvimento da linguagem – surdez prelinguística ou pós-linguística;
- A causa do problema – surdez genética ou não-genética

A identificação do tipo de surdez, relativamente ao momento em que esta ocorre no desenvolvimento linguístico, é de extrema importância para a integração social do indivíduo com surdez.

Visto que existem diversos graus de perda auditiva e que esta pode ser classificada de acordo com vários parâmetros, nem sempre é simples fazer uma distinção entre ser Surdo ou ter uma perda auditiva. É certo que a surdez pode ser classificada em termos de avaliação audiológica, avaliando-se para tal o nível de perda, mas existem outras variáveis que condicionam o desenvolvimento da pessoa com surdez, pelo que a surdez deve também ser avaliada em termos de influência na integração social e nos desenvolvimentos linguístico, cognitivo e educativo.

Quadro 1 - Graus de surdez

Leve	entre 20 e 40 dB
Média	entre 40 e 70 dB
Severa	entre 70 e 90 dB
Profunda	mais de 90 dB • 1º Grau: 90 dB • 2º Grau: entre 90 e 100 dB • 3º Grau: mais de 100 dB

Geralmente, o indivíduo que nasce surdo ou perde as suas capacidades de ouvir antes da aquisição da língua oral (surdez pré–linguística[3]) terá maiores limitações no seu desenvolvimento, limitando a sua capacidade comunicativa e dificultando a sua inserção social.

3. Existe divergência na terminologia utilizada, neste trabalho utiliza-se o termo "surdez pré-linguística" e "surdez pós-linguística" por serem os termos mais vulgarmente utilizados na literatura especializada em Tradução Audiovisual em Portugal.

Quando a perda auditiva ocorre após o desenvolvimento da linguagem oral, por volta dos dois, três anos (surdez pós – linguística), torna-se mais viável tentar conservar a língua oral que já tinha adquirido e enriquecê-la, a partir dos conhecimentos que já possui. Muito frequentemente, a surdez é detectada a partir dos dezoito meses, altura em que os pais começam a ficar apreensivos, relativamente à demora na aquisição da língua oral.

3.4 Formas de comunicação

Os seres humanos têm uma capacidade inata para a aprendizagem de línguas. Neste aspecto, as pessoas com surdez não diferem dos ouvintes e têm as mesmas capacidades para a aprendizagem das línguas e, claro, necessitam delas em igual medida. A principal diferença reside no facto de os s/Surdos não processarem a língua oral através da audição. No entanto, para colmatar a sua perda auditiva, as pessoas com surdez recorrem à visão e a língua torna-se visual na sua forma escrita, podendo ainda ser transmitida através de sinais e gestos.

A leitura/escrita é considerado o meio de comunicação disponível mais adequado à comunicação entre surdos e ouvintes. Mas, as pessoas com surdez dispõem de várias opções para comunicar quer com outros s/Surdos quer com ouvintes. Regra geral, esta escolha não é tomada pelos próprios, mas pelos pais quando decidem sobre o tipo de educação que pretendem dar aos filhos. Quando se verifica uma surdez pré-linguística os pais têm de decidir com que língua(s) querem comunicar com os seus filhos. Esta decisão irá influenciar, em grande medida, as capacidades de comunicação, enquanto jovens e na idade adulta.

Ao longo dos tempos, têm sido várias as tendências na educação, abrangendo desde uma fase em que as crianças com surdez eram forçadas a oralizar e proibidas de usar uma língua gestual, até tendências mais recentes, que fomentam uma educação bilingue. Certo é que nenhuma das soluções pode ser considerada a ideal, pois todas elas têm as suas vantagens e desvantagens. Contudo, sintetizando, existem cinco opções principais na educação de pessoas com surdez:

- **Abordagem auditiva-verbal** (também denominada oral-aural), que ajuda as crianças a ouvirem e falarem, recorrendo a qualquer resíduo de audição que possam ter e ampliando-o de modo a que possam ter acesso à língua falada.
- **Abordagem bilingue e bicultural** é frequente entre aqueles que pretendem fazer parte da Comunidade Surda. As crianças são educadas para utilizarem a Língua Gestual do seu país, mas aprendem também a língua nacional, enquanto segunda língua, através da escrita e da leitura. Estas crianças aprendem, assim, duas línguas e duas culturas.
- **Cued speech**, uma técnica, desenvolvida em 1966 pelo Dr. R. Orin Cornett, que é muitas vezes confundida com a Língua Gestual. O cued speech é feito com recurso a

8 sinais com as mãos, que representam as consoantes, e quatro posições com a mão em frente à cara, que representam os sons consonânticos. As diferentes combinações de sinais e o posicionamento das mãos ajudam a visualizar a pronúncia das palavras pronunciadas.

- *Abordagem Oral* em que a maioria dos métodos depende da existência de alguma audição residual, sendo estas pessoas educadas para exercitarem a sua audição residual e utilizarem a visão para fazerem leitura labial.
- *Comunicação total* consiste na abordagem educativa que dá à pessoa com surdez a possibilidade de escolhe entre todas as formas de comunicação ao seu dispor, conforme considere mais adequada para interagir com pessoas s/Surdas ou ouvintes. Mais do que uma técnica trata-se de dar liberdade de escolha ao s/Surdo para utilizar gestos, mímica, leitura labial, amplificação e/ou dactilologia (alfabeto manual) em simultâneo ou consoante a situação.

3.5 Os s/Surdos e as competências de leitura

[…] the reading development of students who are deaf or hard of hearing is qualitatively similar to that of younger hearing students.
Trezek *et al* (2010:18)

Uma criança ouvinte aprende, em média, três mil novas palavras por ano o que corresponde, em média, a 8 novas palavras por dia, como explicam Trezek *et al* (2010:122). No entanto, tal como afirmam os autores, esta aprendizagem não se resume ao contexto escolar. Grande parte da aprendizagem, em termos de linguagem, e mais especificamente de vocabulário, ocorre durante o quotidiano, o convívio com os adultos, com as leituras feitas pelos adultos, a visualização de cartazes publicitários, os rótulos. etc.

Todavia, o mesmo não ocorre com uma criança, cuja surdez se verifique ainda na fase pré-linguística, ou seja, antes dos três anos de idade, o que terá, posteriormente, consequências no percurso escolar destas crianças e jovens.

> […] in general, it is well documented that most students with severe to profound hearing impairment do not read as well as their hearing counterparts upon graduation from high school" (ibid 2010:7)

A situação *op cit* é tanto mais grave se tivermos em conta que se traduz em que, por exemplo em Portugal, o número de pessoas com surdez que frequenta e termina um curso superior seja substancialmente reduzido.

O modelo de desenvolvimento da leitura proposto por Chall (1996) *apud* Trezek et al (2010:28-37) é um dos mais conhecidos e aceites. Chall (*ibidem*) propôs 6 fases ou estádios

Estádio 0 – Pré-leitura (do nascimento até 6 aos anos): Durante este período, crianças aprendem diversos componentes da leitura.

Estádio 1– Leitura Inicial ou descodificação (6-7 anos): ocorre quando as crianças compreendem que letras ou grupos de letras representam sons falados.

Estádio 2 – Confirmação, fluência (7-8 anos): Constitui uma consolidação do estádio 1. Durante a fase 2, o leitor consegue lidar com jogos de letras mais complexos. É a grande fase prática.

Estádio 3 – Ler para aprender (9-14 anos): A descodificação é automatizada. Começa a leitura para informação.

Estádio 4 – Pontos de vista múltiplos (escola secundária, 14-16 anos): A principal característica desta fase é a capacidade de negociar múltiplos pontos de vista (multiplicidade de conhecimento: factos, ideias, opiniões, discussões).

Estádio 5 – Construção e reconstrução de uma visão mundial (ensino universitário, mais de 18 anos): As estratégias da fase 4 são automatizadas e a capacidade da memória de trabalho tornou-se disponível para formular uma síntese dos múltiplos pontos de vista ou formular uma opinião pessoal sobre o que leram.

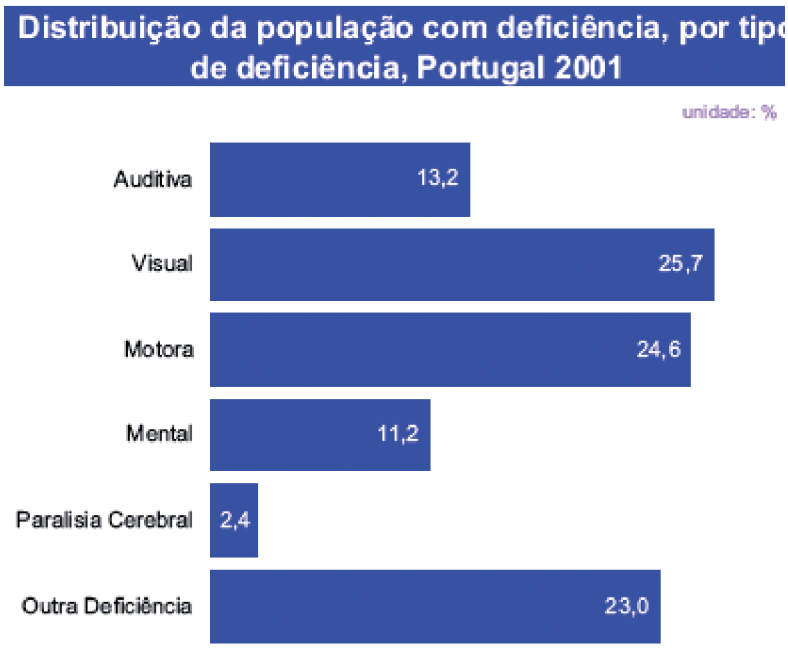
Como é possível verificar na divisão proposta pela autora (*ibidem*), os estágios mais avançados de leitura começam por volta dos nove anos de idade, mas, na minha opinião, é na fase 0, a de pré-leitura, que se criam verdadeiramente as bases para uma futura aprendizagem bem sucedida. Obviamente, não podemos nunca esquecer que a aprendizagem ocorre de forma diferente em crianças ouvintes ou com surdez, mas a importância do estádio 0 pode ser comprovada pela diferença ao nível das competências de leitura verificadas entre pessoas que adquirem a surdez numa fase pré ou pós-linguística.

Todavia, tendo em conta que as diferenças ao nível da aprendizagem existem mas podem ser ultrapassadas, importa encontrar a melhor forma de dar a uma criança com surdez, logo desde o início da sua vida, todas as bases para que estas sejam no futuro bem sucedidas ao nível das competências linguísticas. Entendo que a abordagem bilingue e bicultural desde uma fase muito precoce seria a melhor forma de dar a todas as crianças com surdez ferramentas e possibilidades de desenvolverem ritmos e capacidades de leitura equivalentes à dos seus colegas ouvintes da mesma faixa etária.

3.6 As pessoas com surdez em Portugal

De acordo com os dados dos Censos 2001 a população portuguesa com algum grau de deficiência auditiva atinge uma taxa de 13,2% da população e 1,7 milhões de pessoas têm mais de 65 anos, sendo que estas geralmente manifestam problemas de audição próprios do avançar da idade.

Fig. 1 – Distribuição da população por tipo de deficiência, Portugal, 2001



Os dados estatísticos disponíveis sobre o número de pessoas com surdez são bastante reveladores e estão em consonância com os dados disponíveis relativos à Europa.

De acordo com a média Europeia, mais de uma pessoa em cada dez pessoas sofre de algum grau de défice auditivo:

- No Reino Unido 19 por cento dos homens e 13 por cento das mulheres com mais de 16 anos, apresentam algum défice auditivo.
- Um estudo Alemão revela que na Alemanha a proporção poderá ser de uma em cada cinco pessoas.
- Na Finlândia uma em cada sete pessoas sofre de algum grau de perda auditiva.
- Em Itália as proporções são de uma em casa seis pessoas.
- Na Dinamarca e na Suécia a proporção é de uma em cada dez pessoas.
- Em França, também uma em cada sete pessoas sofre de problemas auditivos.

Fonte: http://www.hear-it.org [consultado a 17 de Setembro de 2010]

Em Portugal, uma parte substancial dos Surdos assume-se como membra de uma comunidade distinta. Durante muitos anos, os Surdos tiveram de lutar para verem reconhecido o seu direito à educação e à igualdade a nível profissional.

Foi apenas na sua 4ª Revisão que a Constituição da República Portuguesa passou a incluir a Língua Gestual Portuguesa como uma língua minoritária.

O Decreto-Lei 7520/98 de 1998 definiu a criação de serviços especiais nas escolas públicas, com a criação de "Unidades de Apoio à Educação de Crianças e Jovens Surdos". Até então as crianças surdas viam-se obrigadas a seguir uma educação oralizante, e só então passaram a poder utilizar a LG nas escolas.

Actualmente, as crianças e jovens surdos têm, felizmente, mais oportunidades, contrariamente ao que acontecia com os seus antecessores, nomeadamente durante a ditadura. Hoje em dia, os surdos de gerações mais novas conseguem atingir níveis de escolaridade mais elevados, o que faz com que tenham também mais oportunidades ao nível do emprego. Ainda assim, a situação está longe de ser a ideal pois o número de surdos que completa um nível universitário é ainda bastante reduzido.

Actualmente, considera-se que a forma mais adequada de educar uma criança com surdez, e aquela que permitirá obter mais competências linguísticas e comunicativas é o bilinguismo. O bilinguismo começa, cada vez mais, a ser considerado a melhor forma de educação básica das crianças surdas, sendo as crianças educadas, simultaneamente, na língua gestual e na língua escrita do país. Esta fórmula é a que tem apresentado melhores resultados.

Todavia, julgo que a procura exaustiva da inclusão, da promoção da ideia de que todos somos iguais apesar das nossas diferenças, levou a que se tenha optado por integrar as crianças com surdez em escolas e turmas de ouvintes, esquecendo que estas poderiam não conseguir captar a totalidade da informação transmitida e também que os professores poderiam não estar habilitados a comunicar e a ensinar crianças com surdez. Acabou por se criar uma situação que é, na minha opinião, algo "artificial", na qual as crianças com surdez não têm as mesmas possibilidades de participar nas actividades da aula que os seus pares ouvintes e onde acabam por interagir mais com o intérprete do que com o professor.

Tratar "por igual todos os indivíduos" não significa dar um ensino igual e nas mesmas condições a todas as crianças, mas proporcionar a cada indivíduo condições que lhes permitam aprender a todos por igual.

O Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro veio promover a igualdade de direitos e de oportunidades ao nível do ensino, tornando as escolas cada vez mais inclusivas (no sentido de não-discriminação, embora, como referido, o excesso de inclusão também possa ser contraproducente). Com vista a criar mais condições de acesso à educação de crianças s/Surdas,

foram criadas, por despacho ministerial, escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos. De acordo com o Ministério da Educação, "A educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da Língua Gestual Portuguesa como primeira língua do aluno surdo e o domínio do Português escrito e, eventualmente, falado, como segunda língua do aluno surdo". Apesar deste esforço, da consulta da página oficial do Ministério da Educação fica a ideia de que ainda não há um número suficiente de escolas bilingues.

Abrantes (2010:36) defende que as legendas podem ser uma boa ferramenta para a aprendizagem de uma língua estrangeira, através de um método de aprendizagem incidental, apresentando uma resenha de diversas investigações no mesmo sentido. Também autores como Neves (2005:149) e Abrantes (2010) defendem que as legendas podem ser uma óptima ferramenta educativa nomeadamente para as pessoas com surdez. Estas podem servir para aumentar as competências de leitura dos s/Surdos, bem como uma forma de enriquecer o seu vocabulário activo e passivo. No entanto, esta continua a ser uma área que ainda carece de muita investigação.

Perante este panorama haverá que equacionar a importância da televisão e do acesso à mesma para as pessoas com surdez.

CAPÍTULO IV

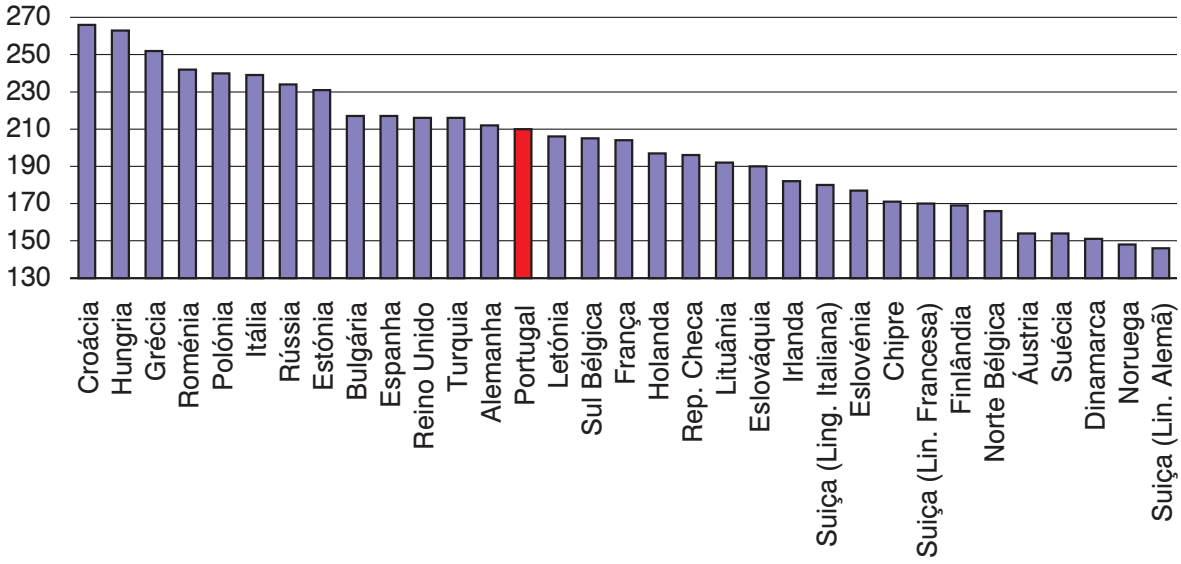
Estudos de Caso

4.1 Enquadramento dos Estudos de Caso

A par da revisão bibliográfica de cariz mais descritivo, esta investigação comporta uma componente prática que consiste na realização de três estudos de caso. Esta componente prática é pautada por uma análise qualitativa e quantitativa da oferta de LS na televisão portuguesa.

À semelhança dos jovens de outros países europeus, um dos passatempos preferidos das crianças e jovens portugueses, em geral, é ver televisão. De acordo com o seguinte gráfico, verifica-se que Portugal se situa na média, em termos de visionamento de minutos de televisão por espectador na Europa (minutos/dia).

Fig. 2 – Tempo médio de visionamento de TV em 2007



Fonte: European Audiovisual Observatory, Yearbook 2007 in Anuário da Comunicação 2006-2007, Obercom

É de prever que também as pessoas com surdez considerem a televisão um dos principais meios de entretenimento e ocupação dos seus tempos livres.

Considerando que os gostos dos s/Surdos, em termos de ocupação dos tempos livres não devem diferir dos gostos dos ouvintes, a questão que se coloca é se estes têm, realmente, igualdade de acesso a este meio de comunicação.

O estudo realizado em 2003 por Neves (2005) permitiu chegar a algumas conclusões:

- Existia pouca oferta de legendagem intralinguística, via teletexto, nos canais de sinal aberto;
- Nos casos em que esta existia, os programas eram geralmente transmitidos em horários tardios.
- As legendas abertas eram o método a que muitos s/Surdos recorriam para poderem assistir a mais horas de TV e a alguns programas da sua preferência. No entanto, estas

legendas não satisfaziam as necessidades das pessoas com surdez por não terem em conta aspectos como o ritmo de leitura, a identificação do falante e a falta de acesso à parte não-verbal da mensagem acústica.

- As legendas tipo *crawl* nos noticiários não eram apresentadas em sincronia com a notícia a que dizem respeito, pelo que serviam de pouca ajuda e chegavam mesmo a ser um factor de confusão.
- Os programas mais populares à data do referido estudo eram de produção nacional e não dispunham de legendagem intralinguística. Os programas que apresentavam legendagem fechada eram pouco ou nada populares.
- Na RTP, canal pioneiro em Portugal na disponibilização de legendas fechadas, os programas com shares mais razoáveis não tinham legendas, pois muitos deles eram programas ao vivo e a RTP não dispunha na altura dos meios técnicos e humanos necessários.
- As outras emissoras também desconheciam as necessidades especiais deste público-alvo.
- Muitas pessoas com surdez desconheciam que podiam ter acesso a um tipo de legendagem 'diferente', adaptado às suas necessidades.

Uma das recomendações do Plano Plurianual promulgado em 2009 pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, e que se encontra actualmente suspenso por ordem judicial, diz que:

> 6. […] No sentido da elevação da qualidade dos serviços prestados ao público com necessidades especiais, o Conselho Regulador recomenda, designadamente:
>
> 6.1. A uniformização do formato de transmissão da legendagem do teletexto, por parte dos operadores de televisão, acompanhada da adopção de um código de tradaptação comum, bem como o estabelecimento de sinalética conjunta de identificação dos programas que disponibilizem meios de acessibilidade.

A questão que se coloca é se os operadores de canais de sinal aberto estarão realmente a cumprir esta, entre outras das recomendações previstas no Plano Plurianual, ou se as dificuldades no cumprimento do plano foram um dos motivos que levou à acção interposta sobre o Plano, nomeadamente:

- Utilização, nos processos de legendagem automática, de técnicas de reverbalização ou outras técnicas que assegurem uma melhor qualidade do resultado final;
- Aproveitamento dos mais recentes programas de sintetização de voz;
- Adequação das páginas dos operadores de televisão na Internet às necessidades de acessibilidade dos cidadãos com necessidades especiais;

- Divulgação das funcionalidades de acessibilidade através dos guias electrónicos de programação, teletexto, páginas na Internet e outros meios.

4.1.1 Objectivos e metodologia dos Estudos de Caso

De modo a poder fazer uma análise comparativa da evolução da oferta nos quatro canais de sinal aberto da televisão Portuguesa, face à situação verificada aquando do estudo de Neves (2005), optou-se por realizar três estudos de caso semelhantes a três dos cinco estudos de caso realizados pela investigadora na sua tese de doutoramento.

Caso de Estudo 1 - Análise quantitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa.

Procedeu-se à gravação de 24 horas de oferta televisiva dos quatro canais abertos, RTP, RTP2, SIC e TVI, com recurso a um gravador que permite a gravação das legendas disponibilizadas via teletexto

De modo a realizar uma análise verdadeiramente comparativa, foram utilizados os mesmos critérios: escolha aleatória de uma data para gravação; comparação da programação anunciada dois dias antes e no próprio dia da gravação; exclusão dos anúncios publicitários e análise da oferta quantitativa de legendagem para s/Surdos.

Caso de Estudo 2 – Análise qualitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa.

Procedeu-se à análise qualitativa da oferta de legendagem para s/Surdos na televisão portuguesa, à luz das regras propostas no guia "Vozes que se vêem" (2007). O principal objectivo deste estudo de caso foi avaliar a qualidade das práticas actuais de Legendagem para s/Surdos e a sua evolução nos últimos anos.

Caso de Estudo 3 – Inquérito junto dos s/Surdos.

O principal objectivo deste estudo de caso foi o envolvimento da Comunidade Surda no projecto. Com a colaboração das Associações de Surdos do país e através de contactos pessoais, realizou-se um questionário junto dos s/Surdos, de modo a avaliar o seu grau de satisfação, face à oferta quantitativa e qualitativa dos canais portugueses e à acessibilidade dos textos audiovisuais.

Utilizou-se a estatística descritiva no tratamento estatístico dos dados, sendo os dados apresentados em gráficos e quadros.

Em suma, o objectivo geral dos três casos de estudo que se seguem é provar a validade da

hipótese lançada e que levou ao desenvolvimento desta investigação: a quantidade e qualidade de legendagem em teletexto para pessoas com surdez, disponível nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa é, claramente, insuficiente e não satisfaz as expectativas dos seus destinatários.

4.2 Análise quantitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa. 10 de Março de 2010

4.2.1 Objecto e objectivo do primeiro estudo de caso

O objecto deste estudo de caso é a emissão televisiva dos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa – RTP1, RTP2, SIC e TVI , por um período de 24 horas.

O objectivo do estudo é analisar as condições de acessibilidade à televisão por parte dos telespectadores surdos ou portadores de deficiência auditiva, nomeadamente se estão a ser cumpridas as obrigações impostas pelo Plano Plurianual, apesar de, actualmente, este se encontrar suspenso.

As 24 horas gravadas e analisadas foram escolhidas arbitrariamente, tendo-se definido como único critério que a gravação decorresse num dia de semana considerado "normal", sem que existissem acontecimentos que pudessem permitir prever uma alteração da programação anunciada.

Seleccionou-se o dia 10 de Março de 2010 e procedeu-se da seguinte forma:

1) Análise da programação anunciada pelos diferentes canais televisivos e divulgada nos meios de comunicação: páginas de Internet, jornais, semanários e diários, e revistas de especialidade.

2) Visualização e gravação de toda a programação dos quatro canais, no dia proposto, para verificação do cumprimento da programação anunciada e recolha do corpus para análise.

3) Análise detalhada de todo o material e informação recolhida.

4) Compilação e síntese dos resultados da análise.

4.2.2 Delimitação temporal

Embora o objectivo fosse a análise de 24 horas de televisão portuguesa, na verdade traduziu-se na análise de 16:36:47 horas de legendagem interlinguística aberta e intralinguística fechada) que resulta da soma da programação de cada canal, considerando-se, desde o início da emissão a 10 de Março até ao fecho da mesma, já na madrugada de 11 de Março de 2010, conforme quadro em baixo.

Quadro 2 – Programação com legendagem a 10 de Março de 2010

RTP1	Hora início -10 Março 2010	Duração	Tipo Legendagem
Telejornal	20:00:00	0:53:47	Fechada
Jornal da Tarde	13:00:00	1:07:18	Fechada
Poder Paralelo	14:15:36	0:55:06	Fechada
Vila Faia (R)	15:18:49	0:45:17	Fechada
Filme: O especialista	24:54:30	1:29:07	Aberta
Irmãos e Irmãs	2:31:03	0:40:33	Aberta
Tempo total de observação e análise		5:51:08	
RTP2	**Hora início -10 Março 2010**	**Duração**	**Tipo Legendagem**
Todos contra o Chris	20:45:49	0:19:53	Aberta
Série: 24	22:44:52	0:41:42	
Jornal: 2	22:00:02	0:39:48	Fechada
Consigo (R)	15:39:43	0:24:20	Fechada
Tempo total de observação e análise		2:05:43	

SIC	Hora início -10 Março 2010	Duração	Tipo Legendagem
Viver a Vida	23:11:49	0:57:43	Fechada
Mulheres Apaixonada (R)	14:42:46	0:30:25	Fechada
CSI: Nova Iorque	24:26:21	0:38:59	Aberta
Mentes Criminosas (R)	1:20:56	0:41:41	Aberta
Tempo total de observação e análise		2:48:48	

TVI	Hora início -10 Março 2010	Duração	Tipo Legendagem
Meu amor	21:10:23	0:57:36	Fechada
Morangos com Açúcar VII	19:13:43	0:43:15	Fechada
Morangos com Açúcar VII	18:16:54	0:43:35	Fechada
Série: Icon, Segredo de Estado	24:27:13	1:20:55	Aberta
Num3eros (R)	3:55:02	0:41:45	Aberta
Num3eros (R)	4:41:22	0:42:28	Aberta
Tempo total de observação e análise nos 4 canais		16:36:47	

Fonte: Marktest-Audimetria/Mediamonitor –Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

4.2.3 Programação do dia 10 de Março de 2010

Quadro 3 – Programação efectiva do dia 10 de Março de 2010

RTP 1	RTP 2	SIC	TVI
06.30 Bom dia Portugal	07.15 Zig Zag	06.00 Sic Notícias	07.00 Diário da Manhã
10.00 Praça da Alegria	14.00 Sociedade Civil	07.00 Edição da Manhã	10.15 Você na TV!
13.00 Jornal da Tarde	15.30 Diário Câmara Clara	10.00 Companhia das Manhãs	13.00 Jornal da Uma
14.15 Poder Paralelo	15.40 Consigo	13.00 Primeiro Jornal	14.00 As tardes da Júlia
15.15 Vila Faia	16.00 National Geographic	14.00 A Armadilha	17.00 Quem quer ganha
16.00 Portugal no Coração	17.00 Zig Zag	14.45 Mulheres Apaixonadas	18:15 Morangos com açúcar VII
18.00 Portugal em Directo	18.30 A Fé dos Homens	15.30 Vida Nova	20.00 Jornal Nacional
20.00 Telejornal	19.00 Biosfera	18.00 Paraíso	21.30 Meu Amor
21.00 Grande Entrevista: Aníbal Cavaco Silva	19.45 Zig Zag	19.00 Nós por cá	22.30 Deixa que te leve
23.00 O que se passou foi isto	20.45 Todos contra o Chris	20.00 Jornal da Noite	23.30 Sentimentos
23.30 Futebol: Liga dos Campeões	21.15 Hora Discovery	21.30 Notícias em 2ª mão	00.15 Filme: Icon – Segredo de Estado
01.00 Filme: "O Especialista"	22.00 Jornal 2	22.00 Perfeito Coração	02.15 Sempre a Somar
03.00 Irmãos e Irmãs	22.40 24	23.15 Viver a Vida	04.00 Núm3ros
03.45 Televendas	23.30 Diário Câmara Clara	00.30 CSI Nova Iorque	05.30 Televendas
06.05 Nós	23.45 Janela Indiscreta	01.30 Mentes Criminosas	
	00.30 5 para a meia-noite	02.30 Quando o telefone toca	
	01.30 Universidades		
	02.30 Biosfera		
	03.30 Euronews		
	05.10 Diário Câmara Clara		
	05.15 Sociedade Civil		

4.2.4 *Shares* e Audiências

A fim de aferir a pertinência da selecção de programas disponibilizados com Legendagem para s/Surdos torna-se importante definir o perfil e preferências do telespectador português. Partindo do pressuposto que os gostos das pessoas com surdez serão idênticos aos dos seus pares ouvintes é importante ver se a oferta disponibilizada estará de acordo com as expectativas dos principais utilizadores deste serviço.

De acordo com os dados disponibilizados pela Marktest relativamente ao Perfil de Audiência do primeiro semestre de 2010, verifica-se que a RTP1, SIC e TVI têm, em termos gerais, um perfil de audiência muito semelhante, sendo a RTP2 a estação que mais de distancia das restantes.

À excepção da RTP2, que é assumidamente um canal com um perfil de audiência diferente, existe alguma semelhança entre a oferta televisiva dos restantes três canais do dia analisado. A RTP2 é o único canal que apresenta os noticiários num horário diferente dos restantes e cuja programação se caracteriza pela diversidade, fugindo às tendências seguidas pelos restantes três canais de sinal aberto.

Verifica-se, claramente, uma distinção em termos de programação entre o horário da "manhã", da "tarde" e da "noite", facto que está relacionado com o perfil médio dos telespectadores em cada um dos períodos e em cada canal.

É frequente que, em determinados momentos do dia, a RTP1, a SIC e a TVI estejam a emitir programas do mesmo género, o que, aliás, foi confirmado pela programação em análise. Em termos gerais, a manhã é dedicada a "talk-shows", o início e o fim da tarde a telenovelas, o meio da tarde novamente a "talk-shows" e, no período nocturno, após o noticiário da noite, são emitidas telenovelas em língua portuguesa e filmes e séries em língua estrangeira.

Contudo, um dos aspectos fundamentais a ter em conta é se, de facto, a programação apresentada com legendagem em teletexto corresponde ou não aos programas que ocupam o *top* de preferência dos telespectadores.

De acordo com os dados divulgados pelo Marktest/Mediamonitor, relativos ao dia 10 de Março de 2010, os 10 programas mais vistos em cada um dos canais foram:

Quadro 4 – *Top* 10 de programas do dia 10 de Março de 2010

RTP1

	Data	Hora Início	Duração_T	Descrição	Share%
1	10-03-2010	20:00:00	00:53:47	TELEJORNAL	33,5
2	10-03-2010	20:59:58	00:51:29	GRANDE ENTREVISTA: ANIBAL CAVACO SILVA	30,0
3	10-03-2010	19:10:23	00:48:52	O PRECO CERTO	31,0
4	10-03-2010	22:00:16	00:50:57	JOGO DUPLO	16,3
5	10-03-2010	13:00:00	01:07:18	JORNAL DA TARDE	35,0
6	10-03-2010	18:00:00	00:51:26	PORTUGAL EM DIRECTO	25,1
7	10-03-2010	23:25:43	01:09:16	LIGA DOS CAMPEOES - RESUMO	19,5
8	10-03-2010	23:01:09	00:23:32	O QUE SE PASSOU FOI ISTO	9,1
9	10-03-2010	14:15:36	00:55:06	PODER PARALELO	22,0
10	10-03-2010	10:00:02	02:29:47	PRACA DA ALEGRIA – ESPECIAL 15 ANOS	26,1

RTP2

	Data	Hora Início	Duração_T	Descrição	Share%
1	10-03-2010	21:08:13	00:50:44	NATIONAL GEOGRAPHIC – ANIMAIS GENIAIS	5,0
2	10-03-2010	19:50:24	00:49:35	ZIG ZAG	4,8
3	10-03-2010	20:45:49	00:19:53	TODOS CONTRA O CHRIS	4,1
4	10-03-2010	22:44:52	00:41:42	24	4,7
5	10-03-2010	22:00:02	00:39:48	JORNAL:2	3,4
6	10-03-2010	24:15:03	01:01:27	5 PARA A MEIA-NOITE	7,0
7	10-03-2010	17:00:44	01:22:38	ZIG ZAG	6,2
8	10-03-2010	07:15:09	06:41:33	ZIG ZAG	9,0
9	10-03-2010	23:26:46	00:06:27	DIARIO CAMARA CLARA	2,5
10	10-03-2010	23:39:10	00:30:22	JANELA INDISCRETA	2,8

SIC

	Data	Hora - Início	Duração_T	Descrição	Share%
1	10-03-2010	19:59:53	00:56:43	JORNAL DA NOITE	23,8
2	10-03-2010	21:51:14	01:03:18	PERFEITO CORAÇAO	22,9
3	10-03-2010	21:10:08	00:27:59	NOTICIAS EM 2ª MAO	17,8
4	10-03-2010	23:11:49	00:57:43	VIVER A VIDA	29,1
5	10-03-2010	19:12:51	00:46:04	NOS POR CA	16,4
6	10-03-2010	18:11:45	00:46:33	PARAISO	23,3
7	10-03-2010	12:59:53	00:59:30	PRIMEIRO JORNAL	26,6
8	10-03-2010	14:12:17	00:30:17	A ARMADILHA	29,9
9	10-03-2010	14:42:46	00:30:25	MULHERES APAIXONADAS (R)	31,3
10	10-03-2010	24:26:21	00:38:59	CSI NOVA IORQUE	31,6

TVI

	Data	Hora - Início	Duração_T	Descrição	Share%
1	10-03-2010	21:10:23	00:57:36	MEU AMOR	37,6
2	10-03-2010	22:21:43	00:32:17	DEIXA QUE TE LEVE	42,5
3	10-03-2010	19:13:43	00:43:15	MORANGOS COM AÇUCAR VII	36,3
4	10-03-2010	19:59:55	00:57:39	JORNAL NACIONAL	25,1
5	10-03-2010	23:10:58	00:45:46	SENTIMENTOS	33,2
6	10-03-2010	18:16:54	00:43:35	MORANGOS COM AÇUCAR VII (R)	27,5
7	10-03-2010	12:59:55	00:59:40	JORNAL DA UMA	28,2
8	10-03-2010	14:12:18	01:55:52	AS TARDES DA JULIA	25,3
9	10-03-2010	10:00:03	02:11:08	VOCE NA TV!	32,7
10	10-03-2010	16:55:53	00:52:15	QUEM QUER GANHA	13,9

Fonte: Marktest-Audimetria/Mediamonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

Universo: 9.459.000 indivíduos

Nota: Programas sombreados disponibilizam LS

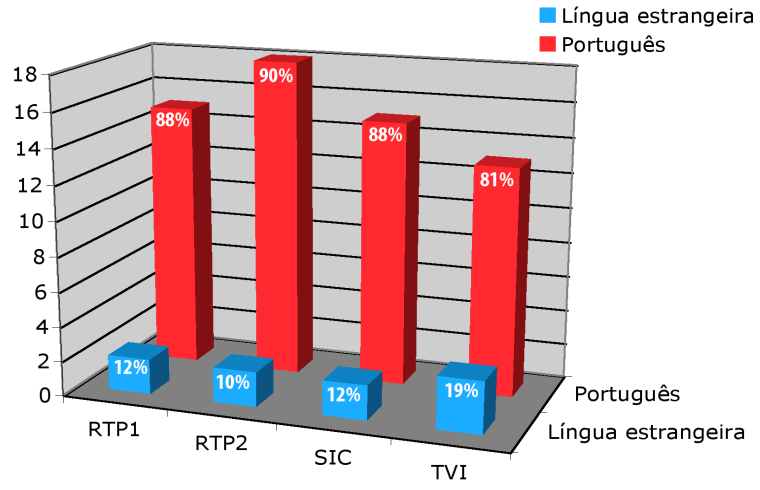
Ora, se tivermos em consideração que os gostos dos telespectadores surdos e ouvintes serão semelhantes, concluímos que poucos são os programas do *Top Ten* que são verdadeiramente acessíveis (legendagem fechada) ou, pelo menos, parcialmente acessíveis (legendagem aberta) aos telespectadores s/Surdos portugueses.

4.2.5. Línguas de emissão

De acordo com o Artigo 34, da Lei da Televisão (Lei nº 27/2007), as televisões portuguesas "devem dedicar, pelo menos, 50% das suas emissões, com exclusão do tempo consagrado à publicidade, televendas e teletexto, à difusão de programas originariamente em língua portuguesa".

Assim, de acordo com os gráficos apresentados, verifica-se que das 81 horas, 22 minutos e 40 segundos de emissão analisada, no global dos 4 canais apenas foram emitidas 08 horas 47 minutos e 03 segundos de programas em língua estrangeira, sendo todos estes emitidos com legendas abertas em Português.

Gráfico 1 – Línguas da programação emitida a 10 de Março de 2010



Embora os restantes programas sejam falados em Português, nem todos os programas contabilizados são de origem lusófona, pois grande parte da programação infantil, embora seja de origem estrangeira, é emitida com dobragem em língua portuguesa.

Conclui-se também que os programas em Língua Portuguesa dominam no período da manhã e da tarde, sendo principalmente à noite que são transmitidos os programas em língua estrangeira, a saber séries e longas-metragens.

Importa destacar que, no caso da SIC embora 88% da emissão sejam programas em Língua Portuguesa, existe, contudo, um volume significativo de programas em Português do Brasil, mais concretamente telenovelas.

E, ainda mais relevante é o facto dos dois únicos programas apresentados com Legendagem para Surdos, via teletexto, emitidos no dia 10 de Março (e nos restantes dias da semana) na SIC serem, precisamente, duas das telenovelas de origem brasileira, sendo que também um dos programas legendados em teletexto na RTP1 era também uma produção brasileira ("Poder Paralelo")

Quadro 5 – Programação em Português do Brasil no dia 10 de Março de 2010

Duração	Telenovelas Brasileiras - SIC
0:57:43	VIVER A VIDA
0:30:25	MULHERES APAIXONADAS (R)
1:28:08	TOTAL
Duração	**Telenovelas Brasileiras – RTP1**
0:55:06	Poder Paralelo

4.2.6. Condições de acessibilidade a pessoas com surdez

Apesar do acesso à informação ser, indiscutivelmente, aceite como um direito e uma obrigatoriedade numa sociedade democrática como a portuguesa, a análise das condições de acessibilidade das pessoas com surdez ao texto audiovisual televisivo permite verificar que ainda há muito a fazer neste campo e que, na verdade, a programação disponibilizada com LS, além de não ser suficientemente diversificada para agradar a todos os tipos de telespectadores, não é divulgada da forma mais adequada.

Fig. 3 – Programação anunciada pela TV7 Dias para 10 de Março de 2010



Divulgação da programação nos meios de comunicação

Raras são as publicações analisadas que fazem referência a condições de acessibilidade à programação televisiva do dia 10 de Março. Qualquer pessoa com surdez que consulte estas publicações e que desconheça o perfil dos programas, continuará a não ter informação quanto à língua de emissão do programa, à existência ou não de legendas abertas, de legendas fechadas, de interpretação em LGP ou de qualquer apoio para minimizar a falta de acesso à componente sonora do texto audiovisual.

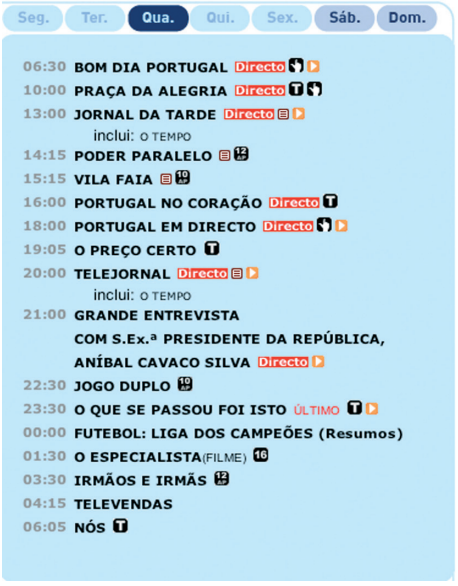
Apenas a TV7 Dias indica que 2 das telenovelas da SIC ("Viver a Vida" e "Mulheres Apaixonadas") disponibilizam Legendagem em Teletexto. No entanto, esta publicação não apresenta qualquer informação relativamente aos programas com este tipo de legendagem emitidos nos outros três canais.

Não deixa de ser lamentável verificar que, quase oito anos após um estudo semelhante de 24 horas de televisão publicado por Neves (2005), a maioria dos meios de comunicação impressa continue a não disponibilizar esta informação. Como vimos, não existem grandes flutuações nos programas apresentados diariamente com LS (diariamente emitem-se, basicamente, telenovelas) e com interpretação em LGP, pelo que a disponibilização deste tipo de informação nem sequer representaria um esforço de maior para os diferentes meios de comunicação.

Divulgação on-line

A mesma crítica tem de ser feita relativamente à programação on-line. Apenas a RTP apresenta informação específica na sua página oficial de Internet, relativamente à acessibilidade da programação, indicando--se, através de um símbolo, a existência de legendagem em teletexto ou de interpretação em LGP.

Fig. 4 – Programação da RTP1 divulgada no site oficial da estação



Divulgação via teletexto

Verificou-se que a RTP e a SIC disponibilizam um calendário de serviço, onde se indicam os programas com acessibilidade para pessoas com sudez. Para além da programação prevista, ambas as estações disponibilizam também páginas específicas, onde se indicam outras informações adicionais, nomeadamente sobre as regras e a simbologia utilizadas. Já a TVI, não disponibiliza aos seus telespectadores qualquer tipo de informação adicional sobre acessibilidades.

RTP

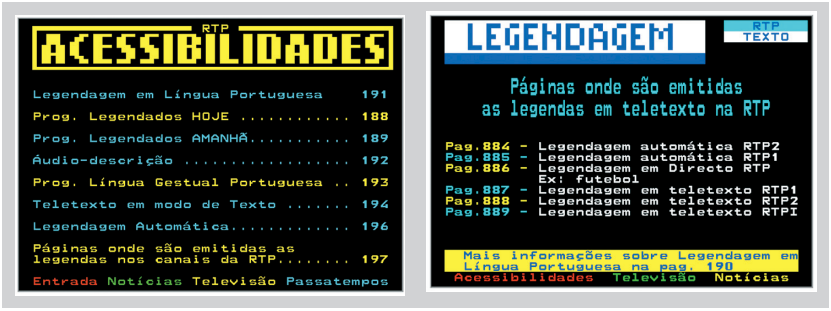


Fig. 5 - Páginas de acessibilidades do teletexto da RTP



Fig. 6 – Notas explicativas sobre LS no teletexto da RTP

SIC

Fig. 7 – Páginas de teletexto da SIC dedicas à LS



No que se refere à SIC, importa, referir que, no calendário de serviço disponibilizado à

data da emissão objecto de estudo, apenas se indicava a existência de um programa com legendagem via teletexto. De acordo com a informação em teletexto, apenas a telenovela "Mulheres Apaixonadas" (reposição) apresentaria LS, embora, na verdade, também a telenovela "Viver a Vida" apresentasse as mesmas condições de acessibilidade. Em telefonema efectuado para a própria SIC, a 09 de Março de 2010, para confirmar quais os programas com LS, verificou-se que os colaboradores que fazem o atendimento ao público desconheciam a existência deste segundo programa com LS, insistindo em afirmar que apenas "Mulheres Apaixonadas" dispunha de LS.

Tal como se verificará mais adiante não foi este o único problema verificado relativamente à programação com legendagem fechada na SIC, mas importa destacar que cerca de seis meses após a gravação a situação se mantém e, apesar dessa novela já nem estar a ser emitida, continua a ser a única informação disponível no calendário de serviço.

Fig. 8 – Calendário de serviço de LS da SIC

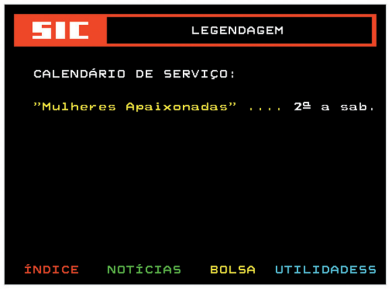


Imagem retirada a 22 de Setembro de 2010

4.2.6.1 Comparação da programação divulgada com a emissão efectiva

De forma a analisar a divulgação da programação televisiva anunciada, fez-se uma recolha exaustiva dos meios de divulgação utilizados pela maioria das pessoas. Assim, recorreu-se a diversas publicações disponíveis em banca na semana anterior e no próprio dia em análise.

Para além da imprensa escrita, analisou-se a programação oficial divulgada nas páginas de Internet dos diferentes canais de televisão, em três momentos distintos, para uma melhor aferição das possíveis alterações de programação anunciada.

Divulgação na imprensa escrita

Foi objecto de análise a programação divulgada nas seguintes publicações:

- Jornal Expresso
- Jornal Sol
- Jornal Público
- Revista TV 7 Dias
- Revista TV Guia

A comparação cruzada das diferentes publicações permite concluir que a programação de todos os canais não sofreu alterações significativas, face ao previsto, para além das flutuações horárias resultantes de ajustamentos da emissão. No caso das longas-metragens, as publicações apresentadas com maior antecedência temporal não indicavam, em vários casos, o nome do filme a transmitir, situação que se alterou com o aproximar da emissão, sendo que nos jornais diários já se indicavam os nomes dos filmes a transmitir. Importa também referir a constância dos principais blocos noticiosos que se mantêm inalterados nos seus horários, obrigando toda a programação circundante aos ajustes necessários. Em termos gerais, as diferenças mais significativas, face ao anunciado e ao efectivamente transmitido, são apresentadas de seguida.

Programação da RTP1

As cinco publicações analisadas (Expresso, Sol, Público, TV Mais e TV Guia) noticiam uma programação muito semelhante. A única alteração relevante prende-se com o facto das publicações editadas com maior distância temporal (Expresso, Sol, e TV Guia) não contemplarem informação sobre a emissão no dia 10 de Março de 2010 da "Grande Entrevista" com o Exmo. Sr. Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva. Os horários apresentados pelas diversas publicações foram cumpridos com rigor.

Programação da RTP2

No horário da transmissão de "Todos contra o Chris", a TV Guia anuncia a emissão de "Dois homens e meio", o que na realidade não se verificou.

A revista semanal TV Guia anuncia a transmissão, às 02:00 horas, do Programa "Bastidores" o que também não se verificou. Os horários apresentados pelas diversas publicações foram cumpridos com rigor.

Programação da SIC

A programação emitida pelo canal SIC correspondeu à programação publicitada pelos diversos meios de comunicação analisados.

Programação da TVI

A programação anunciada pelos diversos meios correspondeu, quase na totalidade, à programação efectivamente emitida. A única alteração a destacar verificou-se na emissão da madrugada, visto que quatro meios de comunicação (Sol, Expresso, TV Guia, TV 7 Dias) anunciavam a emissão da série "Eureka", sendo que na realidade a série transmitida foi a "Num3ros", de resto já anunciada pelos outros meios de comunicação.

Divulgação on-line

Analisou-se o alinhamento de programas anunciado no sítio oficial de cada canal nos dias 7 e 9 de Março, ou seja, respectivamente, 24 e 48 horas antes do início do período em análise.

No próprio dia da emissão houve uma nova pesquisa on-line para confirmação da programação anunciada. A informação apresentada manteve-se, na generalidade, inalterada, sendo a principal alteração relevante, e à semelhança do verificado nos meios de comunicação impressa, a divulgação do nome das longas-metragens a transmitir.

4.2.6.2 Programas com Legendagem (aberta e para s/Surdos)

Contabilizando as diferentes formas de acesso à informação por telespectadores com surdez, conclui-se que das 81 horas, 22 minutos e 40 segundos de horas totais de emissão analisada, apenas 16:36:47 se fizeram acompanhar de qualquer tipo de legendas, o que significa que 79,6% da programação era totalmente inacessível, em termos de mensagem auditiva a estes públicos.

De notar que nesta contabilização de "horas" acessíveis a pessoas com surdez se considerou também a legendagem aberta de programas estrangeiros e as legendas automáticas apresentadas nos noticiários da RTP, pois apesar de não serem certamente condições ideais, são estes, sem dúvida, os meios que os s/Surdos utilizam para poderem assistir a mais alguns programas, mesmo que não estejam reunidas as condições ideais.

Todavia, se considerarmos apenas os programas com acessibilidade especificamente destinada a pessoas com surdez, do total de horas de emissão, este público apenas tem verdadeiro acesso a um total de 08:38:10 de programação, ou seja, 10,6% da programação.

Quadro 6 – Programação de 10 de Março de 2010 com LS

Canal	Nome do Programa	Duração	Tipo de Acessibilidade
RTP1	Jornal da Tarde	01:07:18	Legendagem automática
RTP1	Poder Paralelo	00:55:06	Legendagem fechada
RTP1	Vila Faia	00:45:17	Legendagem fechada
RTP1	Telejornal	00:53:47	Legendagem automática
RTP2	Consigo (R)	00:24:20	Legendagem fechada
RTP2	Jornal 2	00:39:48	Legendagem automática
SIC	Viver a Vida	00:57:43	Legendagem fechada
SIC	Mulheres Apaixonadas (R)	00:30:25	Legendagem fechada
TVI	Morangos com Açúcar[1]	00:43:15	Legendagem fechada
TVI	Morangos com Açúcar	00:43:35	Legendagem fechada
TVI	Meu amor	00:57:36	Legendagem fechada
Total do dia 10 de Março dos 4 canais		8:38:10	

RTP1

Tal como anteriormente referido, da programação com solução de legendagem especificamente destinada às pessoas com surdez, verifica-se que apenas foram emitidos quatro programas com LS, o que totaliza 3:41:28. No entanto, para este valor, que como veremos é mais expressivo que o dos restantes canais, muito contribui a legendagem automática dos noticiários.

O caso das legendas automáticas de noticiários merece uma especial atenção, pois, apesar de ter sido considerado, em termos de contagem de horas de televisão ditas "acessíveis", importa explicar que estas emissões não satisfazem o que poderíamos denominar de "condições mínimas de qualidade", não permitindo mesmo o acompanhamento a compreensão das informações veiculadas. Esta situação será analisada e exposta em espaço próprio no capítulo VII, dedicado à análise da qualidade da legendagem.

À excepção dos noticiários, apenas foram disponibilizadas com legendagem para surdos duas telenovelas, "Poder Paralelo" e "Vila Faia", sendo esta última uma reposição.

Tendo-se questionado Noélia Macedo (correspondência pessoal: 2010), responsável pela legendagem em teletexto na RTP, sobre os critérios que estão na base da escolha dos programas a legendar, explicou que

> [...] actualmente, o serviço de legendagem é orientado por uma deliberação da ERC que estipula o género e o número de programas que devem ser legendados [...] e que [...] a escolha dos programas era decidida considerando um critério de diversidade (à semelhança da grelha para a população ouvinte, tentávamos legendar a mesma proporção por género de programas, contemplando informação, documentários, ficção, entretenimento, etc.) e também auscultávamos a Federação das Associações de Surdos, que nos ia dando conta dos pedidos dos seus associados.

Na realidade, tendo em conta que o dia 10 de Março de 2010 corresponde a um dia típico de programação semanal, será, tal como demonstram os dados estatísticos, altamente questionável que os programas seleccionados correspondam aos critérios apresentados, visto que o género telenovela não agrada a todo o tipo de pessoas, sendo normalmente preferido por pessoas do sexo feminino, com a agravante de ambos os programas serem transmitidos fora do horário nobre, num período em que a grande maioria das pessoas se encontra a trabalhar e não serem, de forma algum,a programas com *shares* elevados.

Gráfico 2 – "Poder Paralelo" (RTP) – Classe Social [4]

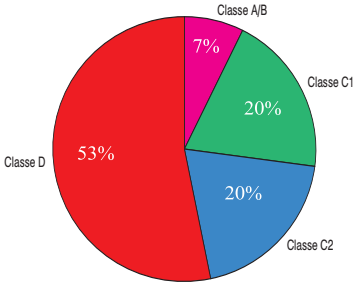


Gráfico 3 – "Poder Paralelo" (RTP) – Género

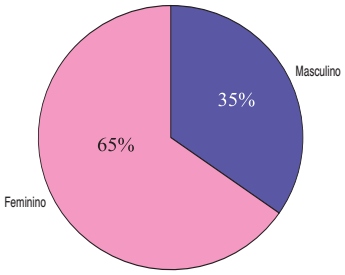
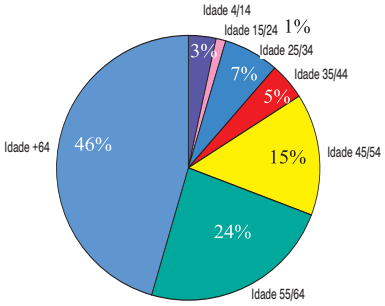


Gráfico 4 – "Poder Paralelo" (RTP) – Faixa Etária



Fonte: Marktest-Audimetria/MediaMonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

Como se pode verificar, as duas telenovelas escolhidas pela RTP1 para apresentação com LS estão longe de reunir a preferência dos espectadores. A telenovela "Poder Paralelo" surge apenas na 28ª posição do *TOP* 30 e a "Vila Faia" nem sequer consegue lugar no referido *top*.

De entre o universo de telespectadores da "Poder Paralelo" destaca-se a classe D, maioritariamente do sexo feminino, com mais de 64 anos.

Tal como confirma Noélia Macedo (*ibidem*), na entrevista que poderá ser lida na íntegra no anexo 3, não existe forma de medir o número de pessoas que visiona programas com legendas fechadas. No entanto, é espectável que o público com surdez tenha os mesmos hábitos e gostos televisivos que os telespectadores ouvintes. Considerando os *shares* registados no dia 10 de Março, verifica-se que as duas telenovelas não se encontram entre os programas mais vistos, pelo que, provavelmente, seria de considerar a legendagem também de programas mais diversificados e mais procurados.

Quanto à legendagem automática dos noticiários, trata-se de um projecto ainda em fase de desenvolvimento, cujo balanço é, segundo Noélia Macedo (*ibidem*), "positivo, embora não seja óptimo. Actualmente é a forma disponível para podermos facultar a legendagem de programas de informação". Mas, como veremos mais à frente, a qualidade deste serviço apresenta lacunas significativas.

RTP2

Apesar do chamado "segundo canal" ser considerado de interesse público, no que se refere a legendagem para surdos a amostra do dia 10 de Março deixa muito a desejar. Como foi já referido, o dia em análise foi seleccionado de forma aleatória por ser uma amostra da programação normal dos dias de semana. Ainda assim, visto a oferta da RTP2 ser manifestamente parca nesse dia, verificou-se a programação em vários outros dias de semana, aleatoriamente, sem que, se verificassem melhorias significativas.

À excepção do Jornal 2, que recorre à mesma tecnologia de legendagem automática uti-

4. Existe uma nomenclatura pré-definida para a caracterização das classes sociais. Classe A – classe alta; Classe B – classe média-alta; Classe C1 – classe média; Classe C2 – classe média-baixa; Classe D – classe Baixa.

lizada pelos noticiários da RTP1, no dia analisado apenas foi transmitido mais um programa (com duração de pouco mais de 24 minutos) com legendagem em teletexto, sendo que neste caso o programa era uma reposição de uma emissão de Dezembro de 2009.

Novamente, a escolha da programação com LS é questionável, pois não vai de encontro às preferências reveladas pelos dados disponibilizados pela Marktest, tal como confirmado pelo quadro 6 – *Top* 30, anteriormente apresentado, onde o programa "Consigo" não consegue ocupar qualquer posição.

SIC

A escolha da SIC, relativamente aos programas a legendar, recai, à semelhança do que se verifica na RTP1, nas telenovelas, neste caso de origem brasileira. Há, contudo, um aspecto positivo a salientar, a escolha da telenovela "Viver a Vida", que, de facto, se encontra entre os programas mais vistos neste canal (ocupando a 13ª posição de *TOP* 30) e é transmitida no chamado horário nobre.

Gráfico 5 – "Viver a Vida" (SIC) – Classe Social

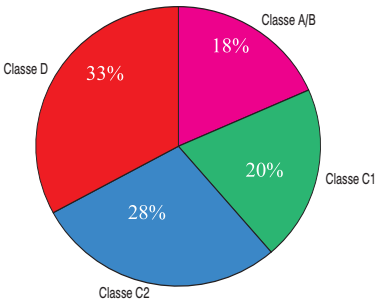


Gráfico 6 – "Viver a Vida" (SIC) – Género

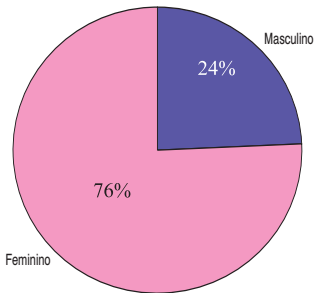
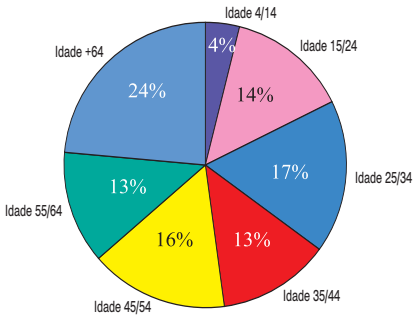


Gráfico 7 – "Viver a Vida" (SIC) – Faixa Etária



Fonte: Marktest-Audimetria/MediaMonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

Gráfico 8 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Classe Social

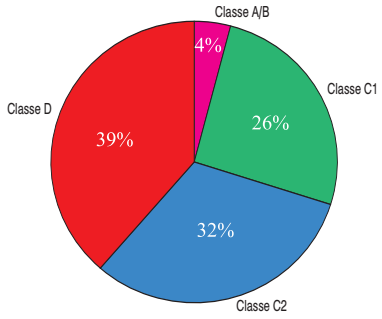


Gráfico 9 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Género

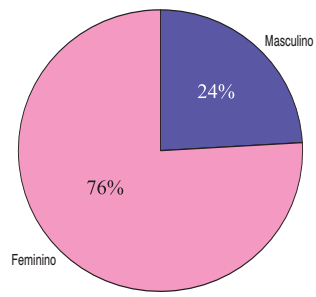
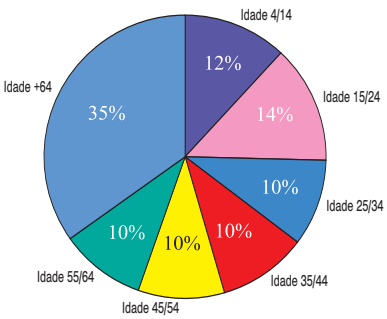


Gráfico 10 – "Mulheres Apaixonadas" (SIC) – Faixa Etária



Fonte: Marktest-Audimetria/MediaMonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

Tal como demonstram os gráficos, ambas as telenovelas reúnem, maioritariamente, as preferência das Classes C2 e D e do sexo feminino. A restrição da programação com LS a

este género de programas é altamente limitadora para os s/Surdos, visto que muitos não se incluirão, neste perfil.

Infelizmente o outro programa acessível às pessoas com surdez, via teletexto, é a telenovela (também brasileira) "Mulheres Apaixonadas". Para além de se levantar novamente a questão de que o género televisivo telenovela não agrada aos públicos de todas as idades e géneros, há a agravante desta telenovela ser uma reposição, cuja Legendagem para Surdos foi realizada no âmbito da investigação para Tese de Doutoramento de Neves (2005).

TVI

No caso da TVI, a situação não parece fugir à regra. Mais uma vez, a escolha dos programas a legendar em teletexto recai, exclusivamente, em telenovelas, mas neste caso de produção nacional. No caso do quarto canal, verifica-se a escolha de telenovelas para públicos distintos, sendo uma delas uma telenovela transmitida em horário nobre para um público mais adulto ("Meu Amor") e a outra a telenovela juvenil "Morangos com Açúcar"[5].

Gráfico 11 – "Meu Amor" (TVI) – Classe Social

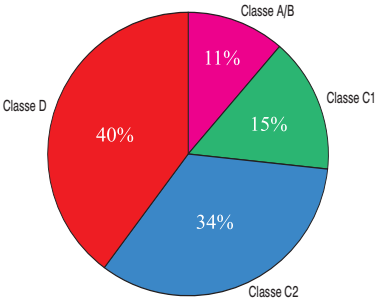


Gráfico 12 – "Meu Amor" (TVI) – Género

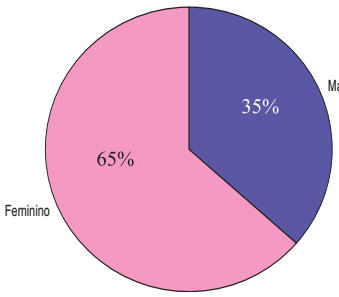
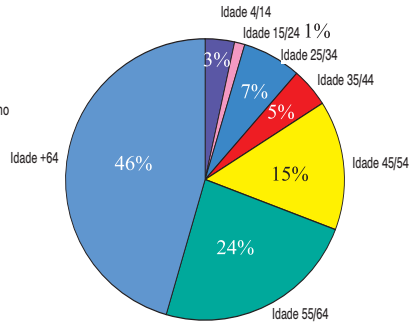


Gráfico 13 – "Meu Amor" (TVI) – Faixa Etária



Fonte: Marktest-Audimetria/MediaMonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

Gráfico 14 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Classe Social

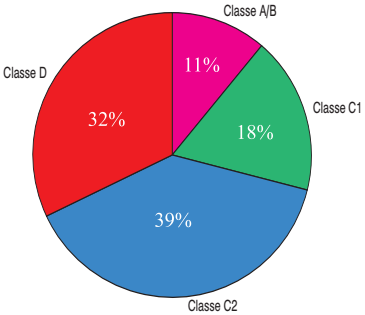


Gráfico 5 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Género

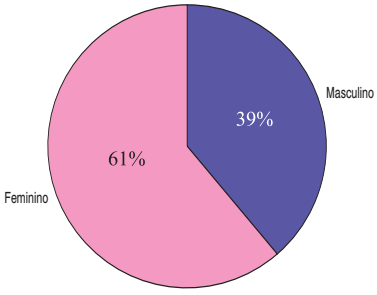
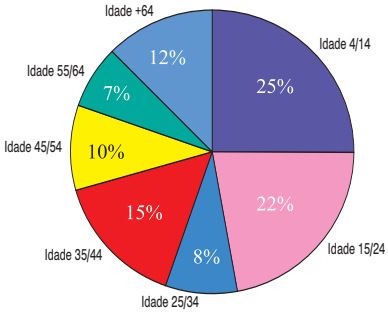


Gráfico 16 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Faixa etária



Fonte: Marktest-Audimetria/MediaMonitor – Dados retirados do MMW/Telereport/Audipanel

5 No caso da série juvenil "Morangos com Açúcar", apesar de na contagem se ter considerado os dois episódios, é necessário ter em conta que apenas o segundo episódio emitido é novo, visto que o primeiro corresponde diariamente à repetição do segundo episódio emitido na véspera.

Apesar do cuidado de se tentar abarcar públicos de diferentes faixas etárias, não deixa, mais uma vez, de se aplicar a crítica que é transversal aos outros 2 canais (RTP1 e SIC) de se limitarem a legendar em teletexto telenovelas, quando existem diversos outros programas que se enquadrariam perfeitamente nas indicações da ERC no Plano Plurianual de 28 de Abril de 2009, "Oito horas semanais de programas de ficção ou documentários com legendagem especificamente destinada a pessoas com deficiência auditiva, recorrendo, para o efeito, a qualquer meio técnico ao seu alcance".

4.2.7 Síntese dos factos observados

Apesar de, neste momento o Plano Plurianual, se encontrar suspenso por ordem do Tribunal, é relevante cruzar os dados recolhidos directamente pela gravação e análise da transmissão e os dados obtidos junto da Marktest com os dados recolhidos pela ERC.

De acordo com Ângela Nobre da ERC (2010, correspondência pessoal), a recolha dos elementos por parte da ERC é feita "para efeitos da observação e acompanhamento destas matérias no âmbito do exercício regular das funções da ERC".

No entanto, verifica-se que, apesar da suspensão do plano, raras são as semanas em que não são cumpridas as 8 horas mínimas de legendagem em teletexto previstas no Plano Plurianual para o período até 2010. O mesmo não acontece com outro género de solução de acessibilidade que, no entanto, não são objecto deste estudo. Contudo, não deixa de ser curioso observar que, caso o Plano Plurianual não estivesse suspenso, haveria um elevado nível de incumprimento ao nível da interpretação em LGP em programas generalistas de acesso não condicionado livre e programas com áudio-descrição. Em ambos os casos, apenas a RTP1 apresenta alguma oferta, aproximando-se quase sempre dos mínimos previstos no Plano Plurianual.

O cruzamento dos dados recolhidos neste estudo com os disponibilizados pela ERC permite concluir do cumprimento geral dos mínimos definidos em termos de LS, no plano.

Mas nem sempre quantidade é sinónimo de qualidade. De acordo com Ângela Nobre da ERC (*ibidem*), no âmbito das actividades relacionadas com o acompanhamento das emissões para pessoas com necessidades especiais, está prevista a análise da qualidade. Contudo, ainda não existem dados sistematizados sobre essa matéria.

Quadro 7 – Legendagem através de teletexto, 1º trimestre de 2010

1º Trimestre 2010	GENERALISTAS				
	RTP 1	RTP 2	SIC	TVI	
Semana 1 (4 a 10 de Jan.)	9h 29m	50m	9h 29m	9h 23m	Oito horas semanais de programas de ficção ou documentários com legendagem especificamente destinada a pessoas com deficiência auditiva, emitidas entre as 8h00 e as 02h00
Semana 2 (11 a 17 de Jan.)	9h 14m	1h 40m	10h 11m	10h 24m	
Semana 3 (18 a 24 de Jan.)	9h 40m	50m	10h 36m	9h 10m	
Semana 4 (25 a 31 de Jan.)	9h 48m	49m	8h 47m	9h 49m	
Semana 5 (1 a 7 de Fev.)	12h 18m	50m	10h 06m	8h 24m	
Semana 6 (8 a 14 de Fev.)	10h 28m	49m	10h 02m	8h 34m	
Semana 7 (15 a 21 de Fev.)	7h 51m	49m	9h 10m	10h 00m	
Semana 8 (22 a 28 de Fev.)	8h 59m	48m	9h 04m	9h 37m	
Semana 9 (1 a 7 de Mar.)	9h 30m	49m	9h 32m	8h 17m	
Semana 10 (8 a 14 de Mar.)	10h 23m	48m	8h 19m	9h 42m	
Semana 11 (15 a 21 de Mar.)	9h 30m	49m	5h 37m	8h 42m	
Semana 12 (22 a 28 de Mar.)	8h 48m	50m	5h 31m	9h 38m	

Fonte: MMW (Mediamonitor)

O segundo caso de estudo visa ser um passo para a análise da qualidade, sendo fundamental que haja uma avaliação contínua da qualidade dos serviços prestados a este nível.

4.3 Análise qualitativa da oferta de Legendagem para s/Surdos oferecida em 24 horas de televisão portuguesa. 10 de Março de 2010

4.3.1 Objecto e objectivos do presente estudo de caso

Estando próximos do final do primeiro período definido no Plano Plurianual (que terminaria a 31 de Dezembro de 2010), importa fazer uma avaliação dos resultados obtidos e dos serviços prestados às pessoas com surdez, no que se refere ao acesso à programação televisiva.

Neste trabalho, apresenta-se apenas uma análise da qualidade da legendagem dos programas legendados em Português via teletexto nos quatro canais da televisão portuguesa. À semelhança do que foi já defendido por Neves (2005), continua a ser necessário o desenvolvimento de um estudo relativamente à qualidade da oferta de programação com interpretação em Língua Gestual Portuguesa nas televisões nacionais.

O presente estudo parte da premissa de que os s/Surdos constituem uma grande variedade de diferentes públicos, com diferentes competências linguísticas e necessidades. Nesta perspectiva, a legendagem apresenta-se como a forma mais abrangente de acesso ao texto audiovisual televisivo, visto que permite o acesso não só à Comunidade Surda e outras pessoas com surdez, como às comunidades imigrantes, actualmente em grande número em Portugal, ou mesmo a pessoas que estejam temporariamente sem acesso à parte áudio da mensagem televisiva, como é o caso de pessoas que se encontrem em salas de espera ou cafés onde existem televisões, mas "sem som".

A análise efectuada reflecte a observação directa de diversos programas exibidos nos quatro canais televisivos ao longo dos últimos meses, bem como uma análise centrada em 24 horas de televisão, nos 4 canais.

4.3.2 Análise detalhada dos programas com Legendagem para s/ Surdos emitidos a 10 de Março de 2010

Segue-se uma análise de cada um dos programas apresentados com Legendagem em Teletexto em cada um dos quatro canais.

Importa referir que o que se apresenta são apenas alguns exemplos de aspectos positivos ou manifestamente negativos, mas que para cada uma das situações referidas existiriam muitos outros exemplos que, por limitação de espaço, se tornam impossíveis de apresentar. Os *clips* resultantes das gravações são apresentados nos dois DVD em anexo.

Em virtude de não existir, em Portugal, uma norma oficial sobre a produção de Legendagem para s/Surdos (contrariamente ao que se verifica noutros Países), a análise foi feita tendo por base o "Guia de Legendagem para Surdos – Vozes que se vêem" de Neves (2007).

Os aspectos analisados foram:

- Informação inicial sobre LS e Créditos finais
- Apresentação do texto (exemplo: cores, posicionamento do texto, etc.)
- Sincronização
- Existência ou não de tradaptação
- Componente Verbal (exemplo: estilo, segmentação de frases, segmentação entre legendas, pontuação)
- Componente não-verbal (exemplo: identificação dos falantes, indicação de efeitos sonoros, uso de *smileys*, música)

Neste caso de estudo a análise das soluções adoptadas é apresentada por cada canal e por cada programa, visto que o objectivo é fazer uma análise descritivista das soluções escolhidas por cada canal e não realizar uma análise comparativa entre canais.

Nesta secção de análise utiliza-se o seguinte código visual para mais fácil interpretação:


Para indicar aspectos positivos


Para indicar aspectos negativos


Para indicar aspectos questionáveis e de cariz mais subjectivo


Proposta de legenda

RTP

RTP1 -"Vila Faia"

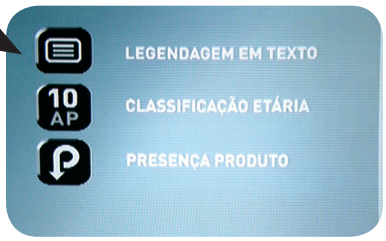


Fig. 9 – "Vila Faia" (RTP1) – Genérico

Imediatamente antes do genérico indica-se aos telespectadores que o programa terá Legendagem em Teletexto, sendo esta informação acompanhada do respectivo símbolo. Esta informação, para além do símbolo, deveria ser incluída no início e após o intervalo de todos os programas com LS, visto que muitas pessoas desconhecem o significado do símbolo no canto do ecrã, pelo que não utilizam o serviço. e é preciso lembrar que as pessoas podem não começar a visualização do programa de início.

Durante todo o programa mantém-se a presença do símbolo acompanhado do número 887, que indica a página do teletexto para acesso às legendagens.

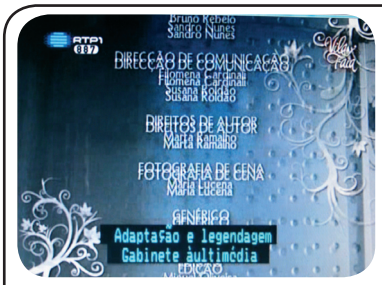


Fig. 10 - "Vila Faia" (RTP1) – Créditos finais

O programa apresenta no final os créditos relativos ao trabalho de legendagem. A apresentação do nome do tradaptador é sempre conveniente como garantia de qualidade e responsabilização pelo serviço prestado. Esta situação deveria estar presente em todos os programas com Legendagem para s/Surdos.

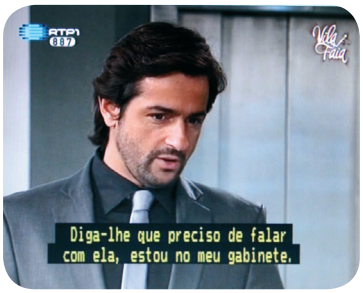


Fig. 11 - "Vila Faia" (RTP1) – Tradaptação

Recorre-se a técnicas de tradaptação, como a redução, de modo a transmitir a mensagem de forma abreviada, facilitando a leitura e evitando ter de se recorrer a frases demasiado complexas ou a uma segmentação da frase em mais do que uma legenda. Neste caso, a redução é feita pela omissão de uma parte da informação (subentende-se que o recado será dado quando a pessoa sair da reunião) e pela opção por um tempo verbal simples.
Original: "Assim que ela acabar, diga-lhe que eu preciso de falar com ela, está bem! Eu vou estar no meu gabinete".

A utilização da dupla pontuação - ?! - é questionável. Embora seja possível, deve ser reservada para situações de manifesta incredulidade ou espanto, o que não é o caso, tendo em conta o tom com que as personagens falam na primeira imagem.

Na segunda imagem utiliza-se o ponto de exclamação entre parênteses como forma de reforçar a exclamação.



Fig. 12 - "Vila Faia" (RTP1) – 1º exemplo de pontuação expressiva



Fig. 13 - "Vila Faia" (RTP1) – 2º exemplo de pontuação expressiva

Embora sejam possíveis as duas formas de utilização de pontuação expressiva a sua utilização deve ser reservada para casos que, verdadeiramente, o justifiquem. No entanto, deveria optar-se por uma das formas de utilização da pontuação expressiva e não alternar sem que haja justificação para a distinção, principalmente dentro do mesmo programa.

Tradaptação através da supressão de informação que não é relevante para o entendimento da mensagem, de modo a permitir um ritmo de leitura e um tempo de projecção da legenda mais adequados.
Na mensagem sonora ouve-se: "Fiquei com a sensação que não, até tinha pedido à Alice [empregada] para fazer o jantar para os três."

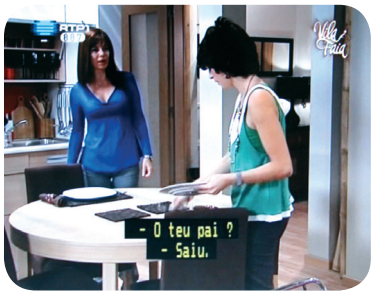


Fig. 14 - "Vila Faia" (RTP1) – 1º exemplo de condensação da informação

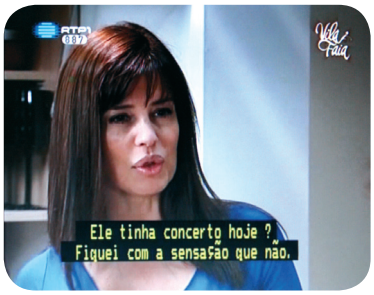


Fig. 15 - "Vila Faia" (RTP1) – 2º exemplo de condensação da informação

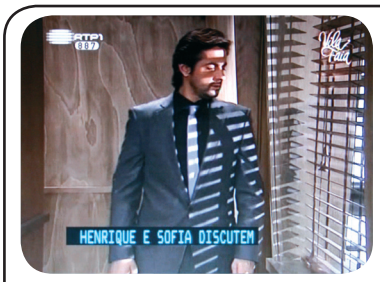


Fig. 16 - "Vila Faia" (RTP1) – Identificação de vozes de personagens não visíveis

Visto não ser possível escutar o diálogo das duas personagens fora do ecrã, mas por ser importante informar que se ouve uma discussão, a mensagem está correctamente apresentada, resumida e identificada com uma cor diferente das falas em discurso directo.



Fig. 17 - "Vila Faia" (RTP1) – Identificação do falante

Identificação do falante, através do alinhamento das legendas por baixo do personagem. Utilização correcta do travessão, visto que surgem falas de dois interlocutores.



Fig. 18 - "Vila Faia" (RTP1) – Informação sobre música


Fig. 19 - "Vila Faia" (RTP1) – Informação sobre continuação da música

Relativamente à indicação da banda sonora, a sua apresentação é bastante positiva, pois o facto de uma pessoa ser s/Surda não significa que não possa conhecer diferentes estilos musicais, cantores ou mesmo desenvolver competências musicais. Na primeira imagem verifica-se a indicação de qual a música (Lembra-te de mim), mas com a ressalva que é neste momento apenas em versão instrumental. A segunda imagem apresenta, correctamente, a indicação de que a mesma música continua.



Fig. 20 - "Vila Faia" (RTP1) – Elemento sonoro com valor narrativo

Indicação de um elemento sonoro com valor narrativo. Verifica-se que a solução escolhida pela RTP, neste caso, é a apresentação da informação em letra maiúscula sem parêntesis.



Fig. 21 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação de presença de música



Fig. 22 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação da letra da música



Fig. 23 - "Vila Faia" (RTP1) – Indicação da continuação da música

Neste caso, alguns minutos mais tarde, retoma-se a informação da presença da mesma música mas desta vez com a indicação do cantor e seguida de legendas onde se apresenta o refrão da música que antes das personagens começarem a falar.

RTP1 - "Poder Paralelo"

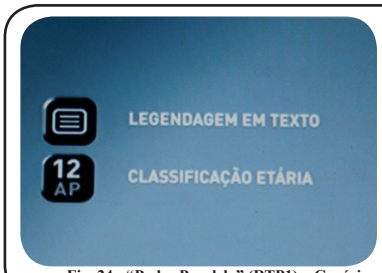


Fig. 24 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Genérico

Indicação antes do início do programa da existência de legendagem em teletexto. Esta mesma imagem deveria ser apresentada depois do intervalo, antes de retomar o episódio. Importa também referir que depois do intervalo as legendas foram lançadas com cerca de 5 falas de atraso, o que é, certamente, frustrante para um espectador com surdez que perde parte da mensagem.



Fig. 25 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Créditos finais

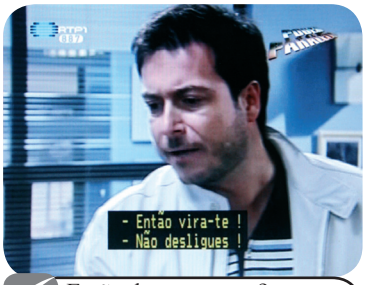
O programa apresenta no final os créditos relativos ao trabalho de legendagem.



Fig. 26 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Identificação do falante

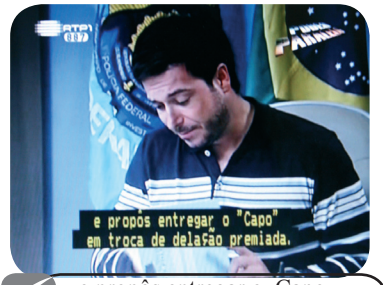
Deslocação da legenda para junto dos falantes para mais fácil identificação.

A telenovela em análise é de origem brasileira e são várias as situações em que nas legendas se verifica uma contaminação de expressões típicas do Português do Brasil, situação que não deveria acontecer e que pode, na minha opinião, levar à não compreensão da mensagem.
Também as diferentes formas de tratamento utilizadas no Brasil e em Portugal não foram devidamente adaptadas, sendo que nas legendas se utiliza, quase exclusivamente, a segunda pessoa do singular, quando, de facto, esta forma de tratamento não é tão generalizada em Portugal. No entanto, algumas pessoas defendem que sendo o Português do Brasil apenas uma variante da mesma língua, as legendas deveriam reflectir essas diferenças e serem fiéis ao Português utilizado no texto audovisual original.



✓ -Então desenrasca-te?
- Não desligues.

Fig. 27 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de contaminação do Português do Brasil



✓ e propôs entregar o Capo
em troca de redução da pena.

Fig. 28 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de contaminação do Português do Brasil



✓ Lucas, desvia para mar alto
e aguarda instruções.

Fig. 29 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de erros de segmentação



✓ Foi Senador
na época da ditadura militar.

Fig. 30 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de erros de segmentação



✓ Viste a explosão.
Se fez o que disseste, foi justo.

Fig. 31 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 3º Exemplo de erros de segmentação

– Erros na segmentação das legendas para além de erro na utilização da pessoa verbal (desvia / aguarde)



Fig. 32 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de erros gramaticais

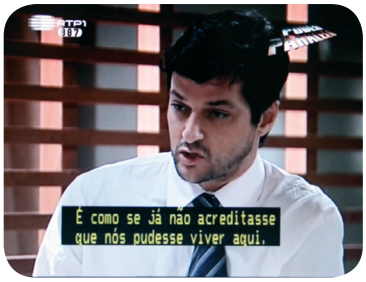


Fig. 33 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de erros gramaticais

– Erros gramaticais e gralhas que devem ser evitados. A correcção linguística deve ser sempre uma prioridade pois as legendas devem servir como um modelo e podem servir para promover uma melhoria das competências linguísticas das pessoas com surdez.

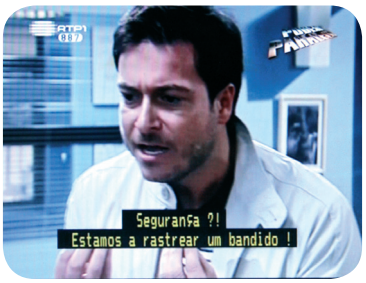


Fig. 34 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Uso de pontuação expressiva

– Uso excessivo da dupla pontuação, com cariz expressivo. Este uso deve ser reservado para casos muito concretos, pois, quando utilizada em excesso, perde a sua eficácia, o que se verifica neste programa.

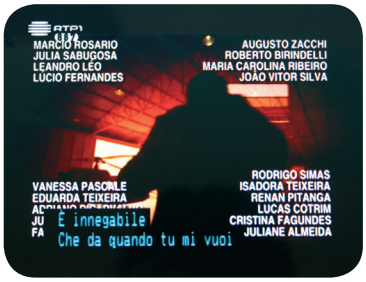


Fig. 35 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Apresentação da letra da música do genérico

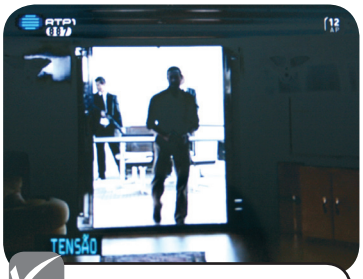
Durante o genérico inicial é apresentada a letra original da música em Italiano. Será de questionar quantas pessoas com surdez tirarão partido destas legendas.
Bastaria indicar # música do genérico – cantada em Italiano



Fig. 36 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação de efeitos sonoros

Para além da legenda da mensagem linguística, apresenta-se em cor diferente (neste caso azul) a presença de um efeito sonoro com valor narrativo.

Na primeira imagem, indica-se a existência de um clima de tensão. No entanto, o espectador com surdez não é informado de que forma esse clima é transmitido, neste caso, através da música.
Na segunda imagem, as reticências indicam que o clima de tensão se mantém, seria também de deixar no ecrã o simbolo de música (#), enquanto esta continuasse. Esta situação verifica-se sempre que a música transmite tensão.



(# tensão no ar)

Fig. 37 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação de música com valor narrativo



Fig. 38 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação da continuação de música com valor narrativo

Indicação desnecessária do nome da música e da cantora, visto esta ser desconhecida do público português. A apresentação da letra é adequada pois tem valor narrativo, mas bastaria indicar na primeira imagem (# música romântica). Neste programa utiliza-se a cor azul para a identificação de música.
Esta situação volta-se a repetir por diversas vezes, sem que tal apresente qualquer mais-valia.



Fig. 39 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação do nome da música e do cantor



Fig. 40 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação da letra da música



Fig. 41 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de informação de mensagens não-verbais



Fig. 42 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de informação de mensagens não-verbais

Informações adequadas de mensagens não-verbais e efeitos sonoros.

Utilização de uma cor diferente na legenda para identificar o facto da personagem que fala estar fora da cena e indicação do nome da mesma, pois o espectador com surdez não tem a possibilidade de a identificar ou, no caso da segunda imagem, de uma voz que se ouve por telemóvel.



Fig. 43 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 1º Exemplo de informação de personagens não-visíveis

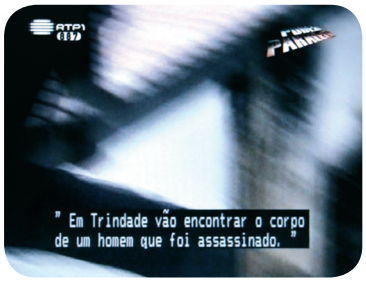


Fig. 44 - "Poder Paralelo" (RTP1) – 2º Exemplo de informação de personagens não-visíveis



Fig, 45 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Identificação do falante

Na primeira imagem, visto que existem várias personagens em cena simultaneamente e um espectador com surdez não conseguiria identificar quem fala, indica-se o nome do falante.
O mesmo se passa na segunda imagem, visto que a personagem que fala está fora do campo de visão.



Fig. 46 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Legendas crawl

As legendas *crawl,* que apresentam informações adicionais, por exemplo, sobre a programação a ser posteriormente transmitida, tornam-se confusas para um s/Surdo que esteja a ler as legendas de teletexto e tenha outra informação desconexa a correr imediatamente por baixo.



Fig. 47 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Indicação do tom da voz

Utilizam-se, os parênteses para indicar que as personagens estão a sussurar, mas esta intenção poderá passará desapercebida ao espectador uma vez que não faz parte das normas gramaticais da Língua Portuguesa.

(A SUSSURAR)
O teu pai engana-me
e o Bruno engana a Maura.

Uma alternativa seria substituir o (a sussurar) pelo icone :-º sendo esta solução apenas válida se se optasse pela utilização consistente e informada de ícones (emoticons).



Fig. 48 - "Poder Paralelo" (RTP1) – Grupo de vozes imperceptíveis

Apesar da conversa não ser perceptível, as várias pessoas à mesa estão a conversar e escutam-se as vozes. Essa situação devia ser reflectida numa legenda.

CONVERSAS CRUZADAS

RTP1 - "Consigo"



Fig. 49 – "Consigo" (RTP2) – Indicação da página de legendagem via teletexto

Indicação no canto superior direito do ecrã da página de acesso às legendas (888) e no canto superior esquerdo a indicação de se tratar de uma reposição.

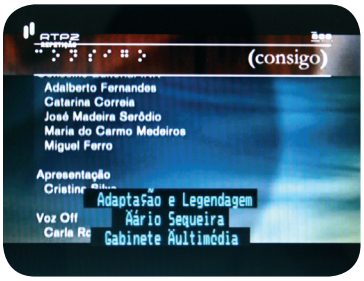
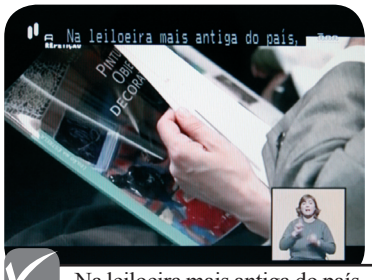


Fig. 50 – "Consigo" (RTP2) – Créditos finais

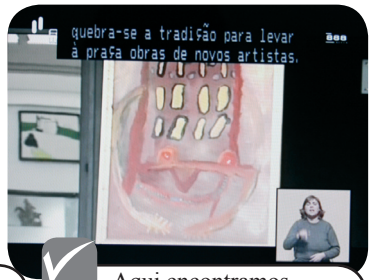
O programa apresenta no final os créditos relativos ao trabalho de legendagem.
No entanto, mais uma vez, verificam-se erros de reconhecimento de alguns caracteres no sistema de teletexto.

Visto o programa dispor de interpretação em Língua Gestual Portuguesa, numa caixa apresentada no canto inferior direito, as legendas foram deslocadas para o topo do ecrã. A solução não será certamente a ideal, visto as legendas ocultarem parte da simbologia apresentada no topo do ecrã, mas é a única solução, dadas as limitações da tecnologia disponível



Na leiloeira mais antiga do país quebra-se a tradição.

Fig. 51 – "Consigo" (RTP2) – 1º exemplo de indicação de discurso directo



Aqui encontramos obras de novos artistas.

Fig. 52 – "Consigo" (RTP2) – 2º exemplo de indicação de discurso directo

Utilização da cor amarela nas legendas que correspondem a discurso directo e da cor branca nas legendas do narrador para facilitar a diferenciação.

Ao longo de todo o programa verifica-se que as legendas apresentadas são uma transcrição quase directa da mensagem oral, não existindo praticamente tradaptação. Além de ser uma solução inadequada por exigir ritmos de leitura acelerados, traduz-se também em diversos problemas: segmentação, divisão de uma frase em várias legendas e uso de expressões que podem não ser reconhecidas pelos s/Surdos.

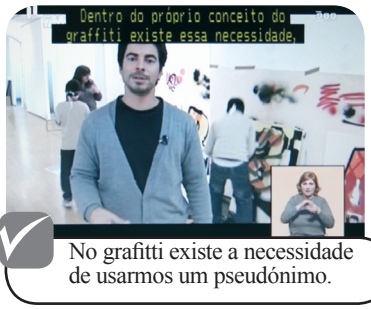


Fig. 53 – "Consigo" (RTP2) – 1º exemplo de marcas da oralidade



Fig. 54 – "Consigo" (RTP2) – 2º exemplo de marcas da oralidade

As hesitações e reticências apenas devem ser utilizadas quando são absolutamente necessárias e transmitem uma mensagem, por exemplo, a vontade expressa do interlocutor não terminar o que estava a dizer ou criar *suspense*. Neste caso, utilizam-se as reticências apenas para reflectir uma hesitação normal de quem está a pensar na melhor forma de transmitir a sua mensagem. Por se ter procurado um total sincronismo entre a legenda e a fala, o resultado foi que o final da frase ("…para não sermos facilmente apanhados") foi apresentado numa legenda em estilo *flash*, projectada tão rapidamente que nem sequer permitiu a captação da imagem. Neste caso, não havia necessidade de um sincronismo com a fala, situação possível em muitos casos na LS, e a redução a duas legendas teria sido mais benéfica, pois a mesma seria apresentada durante tempo suficiente para permitir a sua leitura.



Fig. 55 – "Consigo" (RTP2) – 1º exemplo de transcrição literal



Fig. 56 – "Consigo" (RTP2) - 2º exemplo de transcrição literal

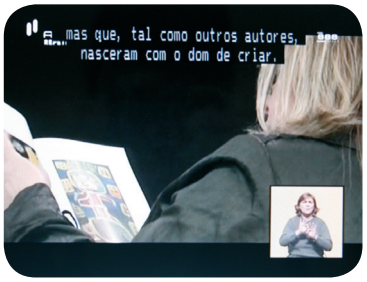


Fig. 57 – "Consigo" (RTP2) - 3º exemplo de transcrição literal

Mais um exemplo negativo de uma transcrição literal, que resulta na divisão da frase em três legendas, o que deve ser evitado, pois dificulta a leitura e exige uma maior memorização.
Esta situação é constante ao longo de todo o programa.

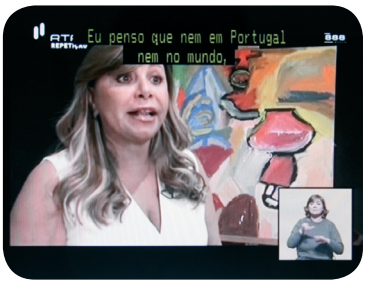


Fig. 58 – "Consigo" (RTP2) – 1º exemplo de erros gramaticais

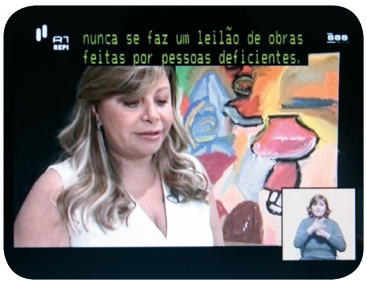


Fig. 59 – "Consigo" (RTP2) – 2º exemplo de erros gramaticais

Como resultado da transcrição directa das falas, reflecte-se nas legendas um erro típico da oralidade: o uso da dupla negativa.

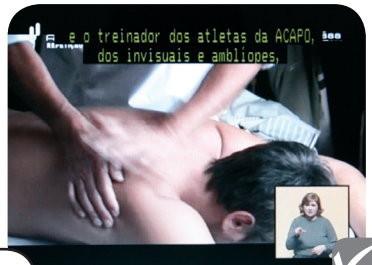


Fig. 60 – "Consigo" (RTP2) – Utilização de estrangeirismos

A utilização de estrangeirismos deve ser evitada, pois muitos s/Surdos não falam qualquer língua estrangeira, pelo que o seu uso deve ser reservado a casos estritamente necessários. Neste caso, poderia substituir-se a palavra "tag" por "pseudónimo" ou "alcunha". Aliás, o termo pseudónimo é utilizado na legenda seguinte.
Também o "Bem", no início da frase, é uma marca da oralidade, que não faz sentido reflectir na legenda, mas que resulta, novamente, da transcrição praticamente literal.



Uma manhã estava a treinar no estádio universitário.





O treinador dos atletas da ACAPO, disse que queria falar comigo.



Perguntei-lhe o que queria.



Ele disse que sabia
que tinha eu tinha um curso de massagens.

Fig. 61 – "Consigo" (RTP2) – Sequência de falas com tradaptação

Neste programa, esta é uma das poucas situações em que se verifica uma tentativa de tradaptação, passando a mensagem do discurso directo ao indirecto.
Voz Original: "Um dia de manhã que andava a treinar no estádio universitário e o treinador dos atletas da ACAPO, dos invisuais e amblíopes, disse-me "Oh Vladimiro! preciso de falar contigo", eu disse "O que é que queres?" e ele disse que sabia que eu tinha tirado um curso de massagens e recuperação física." Apesar do esforço de tradaptação a solução escolhida está longe de ser a mais adequada em termos de leitura.



Fig. 62 – "Consigo" (RTP2) – Erros do teletexto

Erros do próprio teletexto, possivelmente pelo não reconhecimento de alguns caracteres.



Fig. 63 – "Consigo" (RTP2) – Música e vozes originais em língua estrangeira

Durante a apresentação de um filme denominado "O Jogo", apresentam-se algumas cenas do mesmo onde se ouvem as vozes originais em Inglês e os efeitos sonoros. Embora não existam legendas para os espectadores ouvintes sobre o conteúdo desse *clip* de apresentação, deveria existir para os espectadores com surdez a indicação de que se trata de um *clip* de apresentação em língua estrangeira não traduzido para Português. Da forma como foi apresentado, uma pessoa com surdez poderá pensar que lhe está a ser negada informação, pois fica com a sensação que as falas estão a ser transmitidas em Português para os ouvintes, sentindo-se, assim, parcialmente excluído.



Fig. 64 – "Consigo" (RTP2) – Ausência de indicação da presença de música

➖ Durante a fase final do programa são apresentadas várias imagens alusivas ao Natal (recorde-se que se trata de uma reposição de um programa de Dezembro de 2009), sendo estas mensagens acompanhadas de música. Não existe, contudo, qualquer indicação da existência da música utilizada para criar ambiente.

✔ Proposta: # Música ou em alternativa ao cardinal, uma nota de música (♪) se a tecnologia assim o permitir.

SIC – "Viver a Vida"



Fig. 65 – "Viver a Vida" (SIC) – Genérico

➕ Indicação, no início do programa, da existência do serviço de legendagem em teletexto. Esta informação deveria ser apresentada ao retomar o episódio após o intervalo.
Durante o episódio o símbolo de LS mantém-se no canto superior direito. Contudo, depois do intervalo, passaram diversos minutos até este voltar a ser apresentado, o que é negativo para alguém que comece a assistir à emissão apenas depois do intervalo.

➖ A legendagem foi lançada com duas falas de atraso, perdendo o espectador parte da mensagem.



Fig. 66 – "Viver a Vida" (SIC) – Identificação do falante

➕ Deslocação da legenda para junto da personagem à qual corresponde a fala para uma adequada identificação.

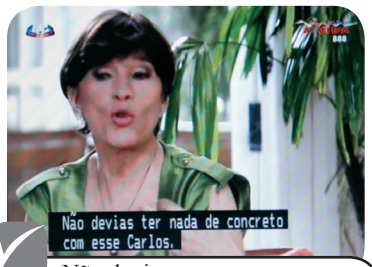
➕ Verifica-se também que, em várias situações, onde é possível, a sincronização da legenda é feita de acordo com a imagem e não com o som. Visto que o espectador com surdez se guia pela imagem e não pelo som, esta situação é benéfica, pois pode permitir aumentar o tempo de projecção da legenda para facilitar a leitura.
Ao longo do episódio verificou-se uma única situação em que uma legenda ficou em projecção durante várias falas do diálogo, perdendo-se parte da mensagem, mas tratou-se de uma situação pontual (00:16:38 segunda parte do episódio).

➖ A tradaptação da informação, com vista à redução da legenda, traduziu-se, neste caso, numa alteração da mensagem. Além disso, neste caso em concreto, a legenda foi lançada um pouco antes de se ver a personagem que fala (uma criança).
Original: "Estou tão feliz que eu vou ganhar um irmãozinho!"

➕ A redução e condensação da informação são visíveis ao longo de todo o episódio e são, na generalidade, bem conseguidas, traduzindo-se numa simplificação da legenda, com vista a facilitar a leitura sem, no entanto, omitir informação relevante.



Fig. 67 – "Viver a Vida" (SIC) – Tradaptação



Não devias
ter nada concreto com o Carlos.

Fig. 68 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação



Devias ver outros ginásios.

Fig. 69 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação

Em alguns casos verificam-se erros na segmentação das frases. No entanto, não é frequente.



Uma das primeiras coisas que colocamos foram as fotos.

Fig. 70 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência



As que mandaste à nossa mãe.

Fig. 71 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência)

Segmentação errada entre duas legendas. Sendo que a primeira parte da frase, na primeira legenda, é projectada antes de se ver a personagem a falar e é necessário ter sempre presente que uma pessoa com surdez se orienta pela imagem e não pelo som.



No outro dia
mostrei-lhe umas fotos tuas.

Fig. 72 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência)



Ele ficou encantado.
O Jorge ficou emocionado.

Fig. 73 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência)



Fig. 74 – "Viver a Vida" (SIC) – Erros gramaticais



Fig. 75 – "Viver a Vida" (SIC) –Legendas *crawl*

As informações adicionais apresentadas em sinal aberto no meio da imagem sobre a programação podem tornar-se confusas para o espectador com surdez. O mesmo acontece com as legendas que correm em rodapé.

Erro na regência do verbo desconfiar (desconfiar que).



Fig. 76 – "Viver a Vida" (SIC) –Identificação de personagens não-visíveis

Indicação da personagem que fala visto esta estar fora do campo de visão.



Fig. 77 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de música e efeito transmitido



Fig. 78 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de música e efeito transmitido



Fig. 79 – "Viver a Vida" (SIC) – 3º exemplo de música e efeito transmitido

Correcta indicação do tipo de música e do efeito transmitido. Nos casos em que a música se prolonga esta informação é transmitida mantendo no ecrã o #.
A cor escolhida para a apresentação de informação sobre música é o azul.



Fig. 80 – "Viver a Vida" (SIC) – Classificação do tipo de música

Em alguns casos, a classificação da música pode não ser compreensível, pelo que se torna desnecessária. Na primeira imagem, teria sido preferível indicar o efeito produzido pela música (tensão).



Fig. 81 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de indicação de efeitos sonoros



Fig. 82 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de indicação de efeitos sonoros



Fig. 83 – "Viver a Vida" (SIC) – 3º exemplo de indicação de efeitos sonoros

Correcta indicação de efeitos sonoros com valor narrativo e da continuação dos mesmos sempre que se justifica.

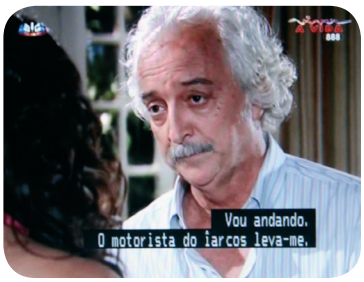


Fig. 84 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo de erros do teletexto



Fig. 85 – "Viver a Vida" (SIC) – 2º exemplo de erros do teletexto

– Erros do teletexto que, neste episódio, se verificam em grande número sempre que existe a utilização de um "M" maiúsculo.

– Utilização excessiva de *smileys*. Estes apenas devem ser utilizados quando forem considerados uma mais-valia e ajudarem, verdadeiramente, a melhor interpretar as emoções. Ao longo de episódio são uma constante, sendo que, em muitos casos, a expressão facial ou corporal da personagem é suficiente para exprimir a "cor" da voz.



Fig. 86 – "Viver a Vida" (SIC) – 1º exemplo do uso de *smileys*



Fig. 87 – "Viver a Vida" (SIC) –2º exemplo do uso de *smileys*

– Um aspecto negativo a destacar é o facto de, no final do episódio, não serem disponibilizadas legendas para o novo "Caso de Vida" que é sempre apresentado. Em todos os episódios conta-se, resumidamente, um caso real e o espectador com surdez não tem acesso a esta parte da informação.

"Mulheres Apaixonadas"

Tal como foi anteriormente referido, a telenovela brasileira "Mulheres Apaixonadas" é uma reposição de uma telenovela da Globo, emitida em Portugal na SIC, em 2003.

Esta telenovela foi utilizada num dos estudos de caso de Neves (2005), conducente a tese de doutoramento. Em colaboração com a SIC, com um grupo de alunos do Instituto Politénico de Leiria e com a Solegendas, Neves (2005) coordenou o projecto-piloto de Legendagem para s/Surdos deste programa. Deste estudo de caso resultou a elaboração do "Guia de Legendagem para Surdos-Vozes que se vêem", onde se reúnem aquelas que foram consideradas pela autora as regras para LS em televisão. Ora, se considerarmos que na presente análise, de 24 horas de TV esse mesmo guia está a ser utilizado como modelo, não faria qualquer sentido fazer a análise pois, naturalmente, esta telenovela corresponde àquelas que se consideram as "normas" ideais.

Não deixa de ser negativo que um dos dois únicos programas com LS emitidos no momento em análise fosse uma reposição. Neste momento, esta telenovela já terminou, tal como a outra telenovela da SIC, tendo ambas sido substituídas por duas novas telenovelas, também brasileiras, nos mesmos horários.

TVI - "Morangos com Açúcar"

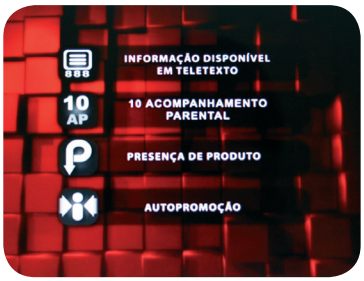
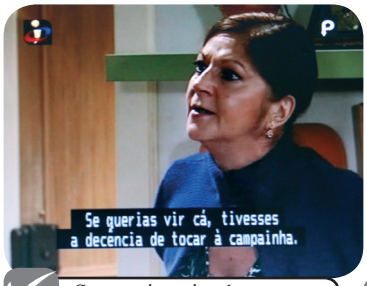


Fig. 88 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Generico

+ Indicação no início do programa da disponibilidade de legendagem em teletexto.

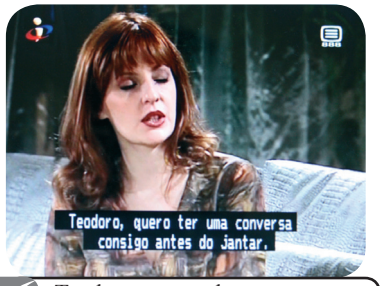
O lançamento das legendas verificou-se com um atraso de uma fala e a colocação em sinal aberto, no canto superior direito do simbolo de LS, demorou cerca de 3 minutos a ser apresentada.

– No final do episódio não é dada qualquer informação sobre a empresa responsável pela legendagem.



✓ Se querias vir cá, devias tocar à campainha.

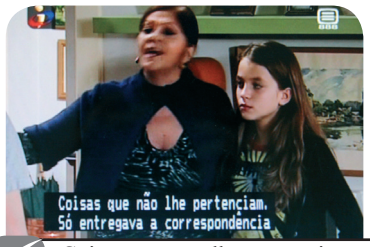
Fig. 89 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal



✓ Teodoro, temos de conversar antes do jantar.

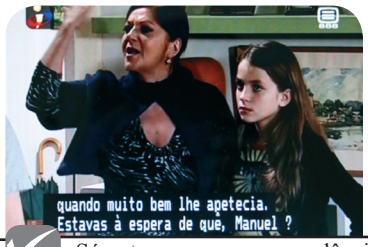
Fig. 90 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal

– As legendas aproximam-se demasiado do texto oral, o que se traduz em frases complexas e, frequentemente, numa segmentação que não facilita a leitura, podendo mesmo impossibilitá-la, no caso de pessoas com surdez com menores competências de leitura.



✓ Coisas que não lhe pertenciam.

Fig. 91 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência)



✓ Só entregava a correspondência quando lhe apetecia.

Fig. 92 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Exemplo de erros de segmentação entre duas legendas (sequência)

– O facto das legendas serem demasiado literais faz com que, com demasiada frequência, a frase fique dividida em mais do que uma legenda, o que deve ser evitado por dificultar a leitura, e obrigar a uma maior memorização e esforço na interpretação.

A interrogação é retórica e nada acrescenta pelo que pode ser suprimida.

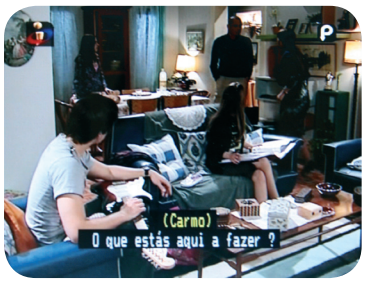


Fig. 93 – "Morangos com Açúcar" (TVI) – Identificação de personagens não-visíveis

Nos casos em que não é possível ver pelo movimento dos labios quem está a falar, ou quando a personagem se encontra fora do campo de visão, existe uma adequada identificação do falante.

Existem inúmeros momentos em que não se dá a indicação ao espectador da presença de música com valor narrativo nomeadamente para transmitir tensão, tristeza, etc.

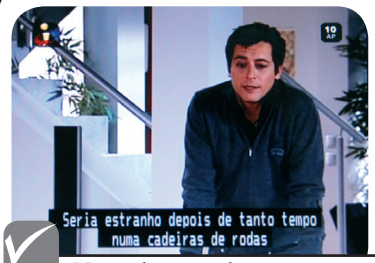


Fig. 94 – "Morangos com Açúcar" (TVI) –Ausência de identificação de efeitos sonoros

Falha também a indicação de vários efeitos sonoros, como por exemplo o som de uma porta a abrir que indica a entrada de uma personagem. No entanto, quando estes são apresentados, seguem as regras habituais.

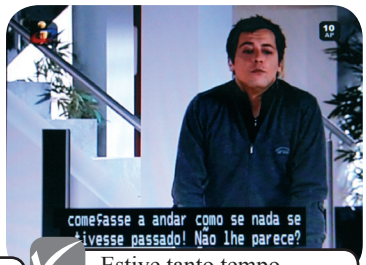
"Meu Amor"

À semelhança do que acontece com a outra telenovela da TVI com LS, também neste caso se apresenta antes do programa iniciar a informação da presença de Legendagem em Teletexto. No entanto, passam alguns minutos até que o símbolo de LS seja colocado no canto superior direito do ecrã, situação que se repete após o intervalo.



Não acha estranho começar logo a andar bem?

Fig. 95 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal



Estive tanto tempo numa cadeira de rodas.

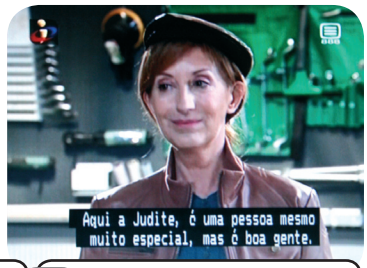
Fig. 96 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de transcrição quase literal

À semelhança do que acontece nos "Morangos com Açúcar", também aqui as legendas são muitas vezes literais, o que faz com que, com demasiada frequência, a frase fique dividida em mais do que uma legenda, recorrendo-se a frases complexas, quando na LS se devem priveligiar as frases simples, evitando-se sempre que uma frase se estenda em mais do que uma legenda.



Não te faças de parvo! Sabes bem do que estou a falar.

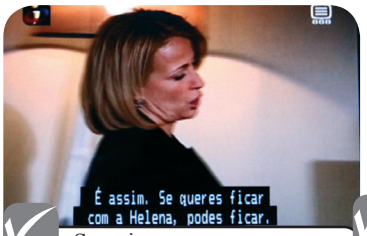
Fig. 97 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de erros na segmentação de legendas



A Judite é muito especial, mas é boa pessoa.

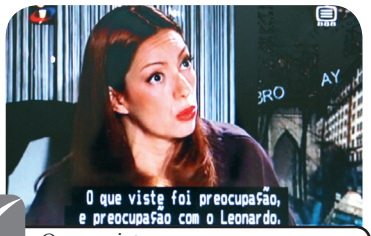
Fig. 98 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de erros na segmentação de legendas

Em diversos casos, verificam-se erros na segmentação das legendas. Para além de erros na segmentação de frases, frequentemente, frases distintas começam na mesma linha, ficando, por vezes, uma única palavra da segunda frase ainda na primeira linha.



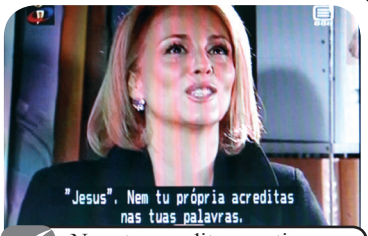
Se quiseres
fica com a Helena.

Fig. 99 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de marcas da oralidade



O que viste
foi preocupação com o Leonardo.

Fig. 100 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de marcas da oralidade



Nem tu acreditas em ti.

Fig. 101 – "Meu Amor" (TVI) – 3º exemplo de marcas da oralidade

As linguagens oral e escrita regem-se por regras distintas e as marcas típicas da oralidade (interjeições, repetições, rectificações, etc.) não devem ser transpostas para as legendas. Apenas devem ser utilizadas quando são marcantes para a personagem ou dão algum tipo de informação.



Fig. 102 – "Meu Amor" (TVI) – Utilização de vocabulário coloquial

A colagem excessiva à mensagem oral traduz-se na utilização de palavras que podem não ser reconhecidas por uma grande parte dos Surdos. Por uma questão de economia de espaço e de de tempo de leitura, deve priveligiar-se sempre sinónimos mais facilmente reconhecivéis e, se possível, mais curtos.

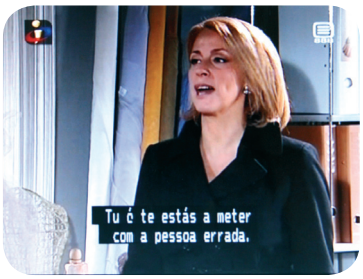
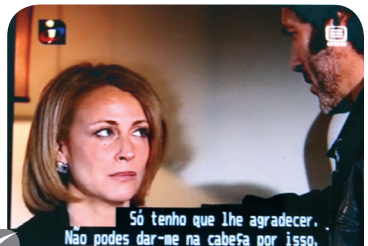


Fig. 103 – "Meu Amor" (TVI) – Gralhas e erros gramaticais

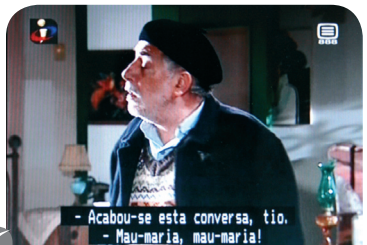
Verificam-se, por vezes, gralhas e erros gramáticais.

A escolha de manter nas legendas metáforas e figuras de estilo é uma questão controversa e não podemos considerá-lo meramente certa ou errada. No entanto, é necessário ter em conta que para os Surdos o Português é a sua segunda língua e expressões como as que vemos nas seguintes fotografias podem não ser compreensíveis.



So tenho que lhe agradecer,
não me podes criticar por isso.

Fig. 104 – "Meu Amor" (TVI) – 1º exemplo de utilização de metáforas e figuras de estilo



-Acabou-se esta conversa tio.
- Já me estou a chatear.

Fig. 105 – "Meu Amor" (TVI) – 2º exemplo de utilização de metáforas e figuras de estilo

Não é dada qualquer indicação ao espectador da presença de música com valor narrativo, que, por vezes, transmite aspectos importantes para o desenrolar da acção e emoções (tensão, clima amoroso). Há, inclusive, uma situação destas na segunda parte, numa cena longa em que o "suposto silêncio" deve parecer, no mínimo, estranho aos espectadores s/Surdos.

Falham também, em vários casos, indicações sobre efeitos sonoros, como portas que abrem e que indicam a entrada de uma personagem ou o tilintar de chaves. No entanto, quando são apresentados, seguem a norma.



Fig. 106 – "Meu Amor" (TVI) – Identificação de emoções

Embora as emoções mais relevantes sejam apresentadas, como, por exemplo, (Emocionado) ou (Indignada), de vez em quando falham.

(Murmura)
Só me faltava isto.



Fig. 107 – "Meu Amor" (TVI) – Legendas *crawl*

À semelhança do que acontece noutros programas deste tipo e dos demais canais, verificam-se legendas *crawl* em rodapé com informação sobre programação.

4.3.3 Análise da Legendagem Automática dos noticiários da RTP

Embora este trabalho incida especialmente nos programas pré-gravados disponibilizados com Legendagem para s/Surdos nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa, entendeu-se necessário analisar em espaço próprio o serviço de legendagem automática dos noticiários disponibilizado pela RTP 1 e 2.

A RTP, numa parceria com o Laboratório de Língua Falada (L2F) do INESC-ID, lançou, em 2008, um sistema de legendagem automático dos noticiários que é utilizado, desde então, encontrando-se ainda em fase experimental.

Ora, a visualização de qualquer um dos noticiários apresentados pela RTP 1 ou RTP 2 permite na mina opinião questionar a utilidade de manter um serviço "experimental" que não possibilita o total acompanhamento dos noticiários por parte das pessoas com surdez.

De facto, verificam-se diversas falhas graves que levam a que nem sequer faça sentido

fazer a análise da qualidade da legendagem dos materiais gravados no dia 10 de Março de 2010. Do contacto directo com vários Surdos, chega-se rapidamente à conclusão que o serviço não é utilizado, por não permitir o acompanhamento da emissão.

Segue-se um exemplo de uma breve sequência de imagens com as respectivas legendas em teletexto e a transcrição da mensagem oral (*clip* disponível no DVD 1 de anexos) :



Fig. 108 – Legendagem automática dos noticiários da RTP

Transcrição:
Jornalista O Sr. sente-se esclarecido ou não?
Entrevistado – Eu não posso dizer se estou esclarecido ou não estou esclarecido.
Jornalista – O Sr. foi primeiro-ministro durante uma década. Se, nesse tempo, uma empresa onde o Estado tivesse algum tipo de participação estivesse envolvida num negócio semelhante a este, era possível que esse negócio acontecesse sem o seu conhecimento?
Entrevistado – Eu penso que não….

Esta breve sequência e os *clips* em anexo são representativos dos principais problemas verificados diariamente:

- Grande parte da informação não é transmitida ou existe uma enorme *décalage* entre o som/ imagem e a legenda.
- Quando se passa para a reportagem, as legendas ainda estão a transmitir parte da mensagem do *pivô*.
- Muitas frases não têm uma sequência gramatical lógica ou, apresentando-se por vezes apenas o início ou o final da frase.

- Algumas legendas são projectadas tipo *flash* sem que haja tempo de leitura.

No entanto, de acordo com a informação disponível no site da Voice Interaction, o produto promovido apresenta uma qualidade superior ao que, é efectivamente disponibilizado na televisão.

De acordo com Professor Dr. João Neto[6], este serviço baseia-se num sistema de reconhecimento automático de fala, que faz a transcrição para texto do áudio produzido nos programas de televisão a partir de um vocabulário de cem mil palavras, actualizado diariamente com modelos de linguagem baseados em textos de cariz noticioso.

Esta versão do sistema apresenta as legendas em duas linhas de tamanho duplo, fundo preto, que são colocadas no topo da página do teletexto. A transcrição da fala é apresentada em cores diferentes para os oradores masculinos (branco) e para os oradores femininos (amarelo). Como o sistema produz erros de transcrição, apenas são visualizadas legendas cujo grau de confiança do sistema de reconhecimento seja superior a 85%. De acordo com a empresa responsável pelo desenvolvimento do sistema de processamento, ainda em fase experimental, apresenta alguns erros, sendo os mais comuns palavras mal reconhecidas, especialmente se pronunciadas de forma menos ortodoxa.

As legendas ficam activas durante um intervalo de tempo correspondente à duração respectiva do áudio produzido, o que pode levar a que, em determinadas situações, não fiquem disponíveis durante um tempo suficiente para permitir a leitura, principalmente a pessoas com surdez. O problema mais evidente é o atraso no aparecimento das legendas: cerca de 6,5 segundos.

Em termos técnicos, as palavras demoram 3,5 segundos a ser processadas e uma legenda de duas linhas demora 3 segundos a ficar completa. Este último atraso podia ser eliminado, colocando as palavras à medida que estas fossem reconhecidas, mas o teletexto não o permite. A legenda apresenta também uma tentativa de pontuação, algo mais difícil para fala espontânea, como é o caso das entrevistas realizadas em exteriores e reportagens, conseguindo-se maior fiabilidade no caso da transcrição da fala do pivô.

Segundo o Professor Dr. João Neto, pode, de facto, existir "alguma décalage", ou mesmo algumas legendas que nem cheguem a ser lançadas, mas nada que impeça a compreensão das legendas. Segundo o responsável pelo desenvolvimento do sistema, o produto que vemos na televisão não corresponde ao produto final produzido pela Voice Interaction e as falhas verificadas podem resultar do facto do sistema de teletexto utilizado ser obsoleto e não conseguir acompanhar a utilização de um sistema tão sofisticado. Conforme explicado

6. O Prof. Dr. João Neto é Investigador Sénior do Laboratório de Língua Falada – L2F do Instituto de Engenharia de Sistema e Computadores, Investigação e Desenvolvimento em Lisboa.

pela empresa responsável pelo serviço, as legendas são geradas, diariamente, nas instalações da Voice Interaction.

Ou seja, o sinal é enviado para o servidor da RTP, onde a fala é processada e onde são geradas as legendas, sendo depois enviadas para o teletexto, tudo em questão de segundos.

No site da Voice Interaction encontra-se, diariamente, disponível o Telejornal da RTP 1 do dia anterior, sendo que, de acordo com o Dr. João Neto, esse é o produto final a que deveríamos ter acesso na televisão. De referir que no *website* da empresa as legendas são apresentadas em posição inferior e não em posição superior, pois são apostas directamente ao vídeo.

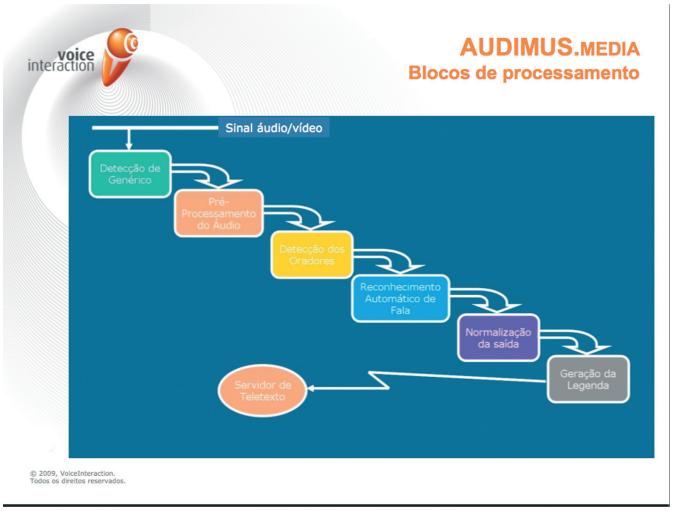


Fig. 109 – Ciclo de geração da Legendagem Automática

Apresenta-se em anexo um clip de um excerto do Telejornal de 13 de Julho de 2010, (Ver anexo 1.3.1, DVD 1) onde se pode constatar que, de facto, nem sequer parece tratar-se do mesmo produto.

Quadro 8 – Exemplo de Legendagem gerada pela Voice Interaction e disponibilizada no site da empresa

(extraído do ficheiro Voice Interaction 01.srt de 13 de Julho de 2010)

00:00:01,120 --> 00:00:04,670	Boa tarde no Tribunal da Relação deLisboa reduziu para 2 anos a prisão	2
00:00:04,680 --> 00:00:08,200	efectiva de Isaltino Morais, eanulou a perda de mandato do	3
00:00:08,210 --> 00:00:10,840	autarca numa decisão a que a RTPteve acesso.	4
00:00:11,250 --> 00:00:14,510	O Tribunal da Relação aplicouIsaltino Morais a pena de 2 anos de	5
00:00:14,520 --> 00:00:17,930	prisão pelos crimes de fraudefiscal e branqueamento de capitais.	6
00:00:18,270 --> 00:00:21,600	O autarca de Oeiras tinha sidocondenado anteriormente a 7 anos de	7
00:00:21,610 --> 00:00:22,090	prisão.	

Em suma, isto não significa que o produto seja perfeito e que os noticiários se tornem assim "acessíveis" à totalidade dos s/Surdos pois o facto de a legendagem ser apresentada ao ritmo da fala traduz-se numa exigência de ritmos de leitura bastante rápidos, falhas de seg-

mentação, utilização de vocabulário que pode não ser reconhecido, e alguns erros, tal como a própria empresa reconhece.

No entanto, neste caso, o produto demonstra realmente ser inovador e uma potencial solução para uma grande parte dos s/Surdos que poderia ter mais acesso à informação, o que não acontece por aspectos técnicos relacionados com a qualidade do próprio teletexto.

Mais recentemente a Voice Interaction a empresa reclamou junto da RTP relativamente aos problemas de timming das legendas (Neto, 2010:correspondência pessoal) tendo a estação pública contactado a FAB (Teletext and Subtitling Systems) que sugeriu uma nova forma de submeter as legendas que está em vigor desde meados de Setembro. De facto as diferenças são visíveis e nota-se que, actualmente, existem mais frases que são apresentadas com uma estrutura sintáctica correcta. No entanto a sincronização ainda deixa muito a desejar o que compromete o entendimento da mensagem por parte das pessoas com surdez. Diversas vezes apresenta-se o texto do pivô e já a notícia está em reportagem, ou o contrário.

Seria também importante também analisar a possibilidade de utilizar este produto noutro tipo de programas, nomeadamente pré-gravados, como ferramenta de suporte ao legendador/tradaptador, que teria apenas a tarefa de adaptar as legendas às necessidades do público-alvo e corrigir os erros.

4.3.4 Síntese dos factos observados

Desde a assinatura do Protocolo entre a RTP/SIC/TVI, em 2003, tem-se verificado alguma evolução, em termos da quantidade de programas com legendagem em teletexto disponíveis. A promulgação do Plano Plurianual visava continuar a aumentar a quantidade e a qualidade das condições de acessibilidade às emissões televisivas por pessoas com necessidades especiais. No entanto, a oferta continua a não ser a desejável, nem em quantidade, nem em qualidade. Mais ainda, a providência cautelar interposta sobre o referido Plano Plurianual inviabiliza que, em 2010, Portugal consiga atingir uma taxa percentual de legendagem de 4,8%, que, ainda, assim estaria muito longe da média de alguns países europeus.

Recomenda-se uma maior sensibilização, de modo a que os operadores de televisão entendam a LS como um investimento que lhes poderia trazer um novo público-alvo e não como uma mera obrigação que teriam de cumprir, ignorando que sem estas condições de acessibilidade os s/Surdos ficam extremamente limitados, em termos de acesso à televisão, que, como sabemos, é a mais popular fonte de informação, cultura e entretenimento.

Com esta sensibilização e entendimento seria, posteriormente, necessário que se garantisse mais variedade ao nível dos programas seleccionados para transmissão com LS, assim como um maior controlo ao nível da qualidade. Para tal, seria necessário um maior investi-

mento, não só em termos de equipamentos, mas também na formação de quadros técnicos e contratação de pessoas especializadas, visto que as pessoas que trabalham em LS têm apenas formação em legendagem interlinguística ou tradução.

Da análise efectuada, para além da óbvia necessidade de corrigir as falhas em termos de qualidade, a principal recomendação é a necessidade de uma maior uniformização das normas utilizadas, de modo a tornar mais fácil para os espectadores criarem hábitos de descodificação da mensagem.

Infelizmente, esta mesma recomendação foi já feita por Neves (2005) e continuamos a verificar que cada canal toma as suas decisões.

Em jeito de síntese das observações feitas, apresenta-se um quadro onde se verificam as principais normas seguidas por cada um dos canais, nas emissões analisadas e onde se comprova a falta de uniformização

Quadro 9 – Normas utilizadas pelos quatro canais de sinal aberto

	RTP1	RTP 2 – Consigo	SIC	TVI
Legendas gerais	Cor amarela	Discurso directo: Cor amarela	Cor branca	Cor branca
Indicação de efeitos sonoros	Cor azul – indicação em maiúsculas	-	Cor amarela entre parênteses	Cor azul entre parênteses
Indicação de Música	Símbolo # Azul alinhado à esquerda	-	Cor azul – alinhamento à esquerda. Tipo de música a azul entre parênteses	
Indicação de emoções	Cor azul – indicação em maiúsculas	Cor azul – indicação em maiúsculas	*Emoticons / smileys* amarelos	Cor azul – indicação entre parênteses
Identificação do Falante fora do ecrã	Cor azul – indicação em maiúsculas	Narrador – Cor Branca	Cor amarela entre parênteses em maiúsculas	Cor amarela entre parênteses

Já existe tecnologia que poderia ser muito útil para a legendagem de programas em directo ou mesmo para facilitar a tradaptação de outros programas. Tecnologias como o reconhecimento de voz e o *respeaking* deveriam começar a ser utilizadas, adequadamente, pelos vários canais, de modo a poderem aumentar a quantidade e a qualidade de programas com LS. Neste momento, apenas a RTP utiliza a tecnologia de reconhecimento de voz para a legendagem dos noticiários, mas, como vimos, com limitações.

Apesar da suspensão do Plano Plurianual, arrisco afirmar que seria urgente criar uma equipa de trabalho que monitorizasse e controlasse a qualidade das práticas nos vários canais, pois de nada serve aumentar a quantidade se não houver, paralelamente, um aumento da qualidade.

4.4 Inquérito a pessoas com surdez

4.4.1 Objectivo do Inquérito e metodologia utilizada

De modo a poder analisar mais de perto as condições de acesso das pessoas com surdez ao texto audiovisual, entendeu-se necessário recolher a opinião dos s/Surdos face à adequação das condições de acesso existentes às suas necessidades. Assim, o principal objectivo do presente Caso de Estudo é aferir a satisfação dos s/Surdos relativamente à quantidade e qualidade de Legendagem em Teletexto na televisão Portuguesa.

De modo a poder fazer uma análise da evolução da satisfação comparativamente com os resultados obtidos num inquérito idêntico levado a cabo por Neves (2005) durante a sua Tese de Doutoramento optou-se pela elaboração de um questionário semelhante. O método escolhido foi a disseminação do inquérito junto das Associações de Surdos do país, continente e ilhas. Este método tinha já sido utilizado por Neves (2005) pelo que parecia ser a forma mais fácil de chegar até à Comunidade Surda.

Considerando as limitações em termos de Língua Portuguesa, foram elaboradas várias versões do inquérito que foram testadas e debatidas com alguns Surdos e com a Federação das Associações de Surdos de modo a obter uma versão que fosse inteligível para o maior número de pessoas possível. Contudo, os inquéritos devolvidos apresentavam diversas lacunas em termos de respostas, visível tanto nas perguntas que ficaram por responder como de respostas descontextualizadas. Tal permite concluir que, apesar do esforço de simplificar a linguagem ao máximo possível, grande parte dos inquiridos tiveram dificuldade na interpretação do enunciado e na formulação das respostas, muitas vezes limitadas à selecção de escolha múltipla.

.

4.4.2 Limitações e Problemas

Dificuldades na disseminação dos inquéritos

Apesar de Portugal ser um país de reduzida dimensão (com 10 356 117 habitantes dos quais 13,2% com algum grau de défice auditivo de acordo com os Censos 2001, dos quais) existem inúmeras Associações de Surdos, Associação de Amigos e Familiares de Surdos e nem todas estão agregadas na Federação das Associações de Surdos. Assim, a primeira grande dificuldade na disseminação do inquérito prendeu-se com conseguir os contactos actualizados (moradas, emails e números de telefone) das associações. Após conseguir reunir uma listagem que se considerou exaustiva optou-se pelo envio dos questionários por correio

electrónico, dando também a possibilidade às associações de optarem pela solicitação de exemplares impressos. Esta solução acabou por ser preferida por apenas duas associações (Associação de Surdos do Porto e Associação de Surdos de Almada). Este pedido foi justificado pela associações como resultado de diversos associados serem pessoas com idade mais avançada e sem acesso às novas tecnologias.

Uma vez que o contacto através das associações apenas permitia chegar junto das pessoas com surdez que se assumem como parte da Comunidade Surda, fez-se também o envio directo a membros de um Fórum na Internet frequentado por Surdos (http://forum.surdos.net) e contactos de amigos e familiares disponibilizados por esses mesmos membros. Esta abordagem directa teve por objectivo contactar pessoas que apesar de apresentar qualquer tipo ou grau de surdez não insiram na Comunidade Surda mas cujas opiniões seriam também importantes. Todavia, este canal revelou-se pouco frutífero pois apenas três membros do Fórum se disponibilizaram para responder ao inquérito e para comunicar através desse canal.

Limitação e dificuldades na recolha e tratamento dos inquéritos

No total apenas foram recepcionados 32 inquéritos sendo que são raros os inquéritos preenchidos na totalidade. Apesar da tentativa de simplificação da linguagem utilizada, a análise dos inquéritos recebidos permite constatar que os s/Surdos não terão grande prática no preenchimento de inquéritos, revelando-se, também, visíveis limitações ao nível da interpretação e da expressão escrita.

Vários grupos de questões acabaram por não ser considerados e não foi possível fazer o cruzamento entre algumas questões pois, em praticamente todos os inquéritos, havia perguntas que ficaram por responder.

A observação dos inquéritos recebidos permite concluir que as dificuldades mais notórias se verificam nas questões abertas, sendo que, além das dificuldades ao nível da escrita estas respostas são também em diversos casos reveladoras do não entendimento da questão formulada. No entanto, mesmo questões fechadas ficam muitas vezes por responder.

Talvez a realização de um inquérito junto de um público tão heterogéneo tenha sido demasiado ambiciosa tendo em conta a limitação de tempo disponível. Seria necessário mais tempo para poder fazer uma acção de ajuda no preenchimento, com o auxílio de um intérprete de LGP, e recolha dos inquéritos pessoalmente em cada uma das principais associações do país. A questão criada sobre a ajuda no preenchimento foi na grande maioria dos casos deixada em aberto, talvez por os inquiridos não quererem admitir que sentiram necessidade de pedir ajuda ou que não o quiseram fazer apesar da necessidade.

4.4.3 O Inquérito

O questionário final (ver anexo nº 3) é composto por 8 grupos de questões (abertas e fechadas):

- Identificação pessoal
- Hábitos televisivos
- Gostos televisivos
- Língua gestual em televisão
- Noticiários
- Futebol
- Legendagem em teletexto de programas portugueses na televisão
- Legendagem aberta de programas falados em língua estrangeira
- Legendagem para s/Surdos de Filmes em DVD/Cinema
- Questão aberta para comentários
- Questão para identificação das condições de preenchimento do inquérito.

O facto de o inquérito conter diversas questões abertas e de estar relacionado com gostos pessoais e opiniões torna-o num questionário de cariz mais subjectivo. Para além das questões de cariz objectivo (por exemplo se utiliza ou não o serviço de legendagem em teletexto) foram intencionalmente introduzidas outras de cariz mais opinativo com vista a receber opiniões mais espontâneas sobre os sentimentos dos s/Surdos face ao actual contexto da LS.

Os principais objectivos do inquérito eram:

- Conhecer os hábitos e gostos televisivos dos telespectadores com surdez;
- Recolher as suas opiniões sobre a adequação das legendas em teletexto disponibilizadas e sobre as demais condições de acessibilidade;
- Recolher sugestões de melhorias para o futuro.

Algumas das questões que devem ser consideradas na interpretação dos resultados estatísticos de um inquérito, nomeadamente a não-validação de inquéritos que apresentem anomalias no preenchimento, não foram levadas em consideração pois, nesse caso, a grande maioria dos inquéritos recebidos teriam de ser invalidados impossibilitando qualquer análise dos resultados. Apesar de se entender que este aspecto, juntamente com o reduzido número de inquéritos recebidos, compromete a validade dos resultados optou-se, ainda assim, por fazer a análise dos resultados.

4.4.4– Análise dos Resultados

Perfil dos Inquiridos

O primeiro grupo de questões tinha por objectivo traçar o perfil dos inquiridos o que deveria ser representativo do perfil dos s/Surdos portugueses em geral. Nos resultados recebidos verifica-se um relativo equilíbrio ao nível do sexo sendo 59% dos inquiridos do sexo masculino e 41% do sexo feminino.

No que concerne à idade a maioria das respostas foram recebidas de grupos em idade activa: 31% das respostas correspondem a pessoas entre os 25 e os 34 anos e 28% a pessoas entre os 35 e os 44 anos. Não foi possível apurar o distrito de origem dos inquiridos visto que foram raras as pessoas que acederam a responder a esta questão.

A questão sobre a escolaridade talvez tenha sido a que resultou nas respostas menos esperadas. Como é sabido, o número de pessoas com surdez que frequenta o ensino universitário é reduzido. No entanto 56% das respostas recebidas foram de pessoas ao nível do ensino universitário e 28% ao nível do secundário. Admite-se que caso se tivesse conseguido um número mais significativo de inquéritos os resultados fossem substancialmente diferentes. As questões sobre o tipo e grau de surdez eram de extrema importância para o estudo visto que a idade em que se adquire a surdez é bastante determinante para as competências linguísticas alcançadas na idade adulta. Felizmente apenas um dos inquiridos não respondeu a uma das questões.

Quadro nº 10. Tipo de Surdez

Profunda	Parcial	Severa	N/respondeu
22	4	6	0

Quadro nº. 11. Idade com que ensurdeceu

Nascença	1-3	Outro	N/respondeu
19	9	3	1

Tal como demonstram os números a maioria dos inquiridos apresenta surdez profunda (69%) sendo que em 60% dos casos trata-se de uma surdez pré-linguística o que esta em consonância com as dificuldades reveladas ao nível da interpretação das questões e ao nível da expressão escrita.

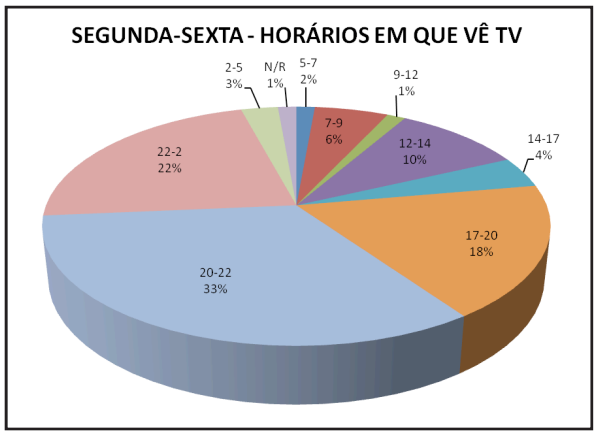
Estes resultados estão também em conformidade com o número de inquiridos que revelou utilizar a LGP como forma de comunicação. Apesar de 6% ter optado por não responder, 72% revelou utilizar LGP e apenas 22% respondeu que não comunicava com recurso a uma língua gestual.

Hábitos televisivos

No que se refere a hábitos televisivos, 66% dos inquiridos revelou dispor de serviços de televisão condicionados ao pagamento de uma assinatura. Sendo que apenas 28% se limitava apenas aos quatro canais de sinal aberto. Seis por cento optou por não responder.

Quando questionados sobre as horas a que costumam ver televisão durante a semana, verificou-se uma preponderância nos horário entre as 17h e as 2h da madrugada, o que está em consonância com o facto da maioria dos inquiridos serem pessoas em idade activa.

Gráfico 17. Horas em que vê TV de segunda a sexta-feira



Como seria de prever os resultados mudam quando a questão é colocada relativamente ao Sábado e ao Domingo por serem dias de descanso para a maioria das pessoas. Assim, ao fim-de-semana mantém-se o interesse nos horários preferidos durante a semana mas cresce o interesse pelo período da manhã.

No que se refere aos programas preferidos, as respostas obtidas foram muito diversificadas visto que existia também um vasto leque de escolha. No entanto, os três programas com maior preferência foram os Filmes Estrangeiros, Programas de Informação e Séries Estrangeiras.

Quadro nº 12. Tipo de Programa Preferido

Artes e cultura	Concursos	Debates	Desporto	Documentários	Entretenimento	Filmes Estrangeiros	Filmes Portugueses	Programas Infantis e Juvenis	Informação	Magazines temáticos	Musicais	Novelas da vida real	Programas Religiosos	Séries Estrangeiras	Séries Nacionais	Talk-Shows	Telenovelas Brasileiras	Telenovelas Portuguesas	N/respondeu
14	7	11	10	16	10	28	8	6	23	6	4	12	1	20	9	6	11	8	1

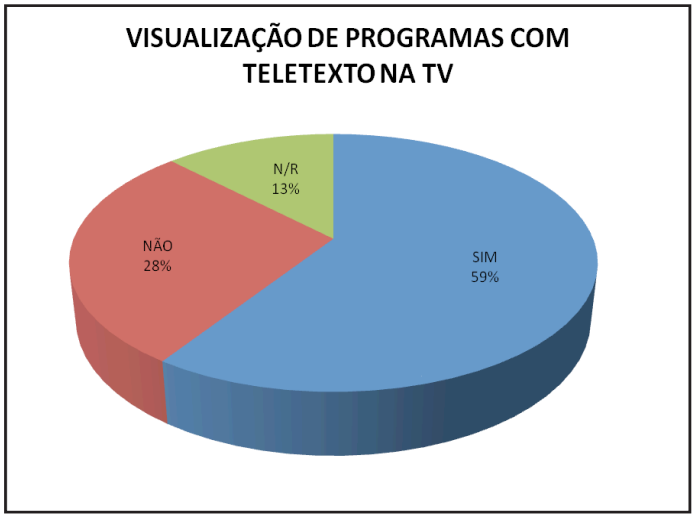
É importante destacar que as telenovelas, que são os programas que reúnem a grande

preferência dos canais televisivos quando se trata de decidir quais os programas a disponibilizar com LS, ficaram aquém dos mais escolhidos.

Legendagem em Teletexto na televisão

Uma vez que a Legendagem para s/Surdos é o objecto principal deste estudo, colou-se um conjunto de questões especificamente dedicadas a este tipo de acessibilidade.

Gráfico 18. Visualização de programas com LS



59% dos inquiridos revelou utilizar o serviço de legendagem em teletexto disponibilizado pelos canais de sinal aberto da televisão portuguesa. Todavia, quando questionados sobre a satisfação relativamente ao produto, as respostas dividem-se havendo um empate entre os que consideram o serviço satisfatório e os que apresentam críticas.

Quadro nº 13. Satisfação relativamente qualidade da LS na TV

Sim	Não	N/respondeu
14	14	4

No caso dos que apontam críticas, as principais são a dificuldade em lerem a totalidade das legendas e o facto dos programas que dispõem este serviço não estarem de acordo com as suas preferências ou serem emitidos nos horários em que habitualmente não vêem televisão.

Já à questão sobre a satisfação relativamente à quantidade, os resultados são mais reveladores. 66% dos inquiridos revela que a oferta é insatisfatória em termos de quantidade. Os

15% dos inquiridos que não se manifesta contra a quantidade correspondem, na maioria, aos que revelam não utilizar o serviço por não precisarem.

Quadro 14. Satisfação relativamente à quantidade de LS na TV

Sim	Não	N/respondeu
5	21	6

Legendagem aberta de programas estrangeiros

Visto que a quantidade de programas com LS é bastante reduzida, tornou-se importante compreender até que ponto os s/Surdos recorrem à legendagem aberta de programas estrangeiros e quais as suas opiniões sobre este serviço.

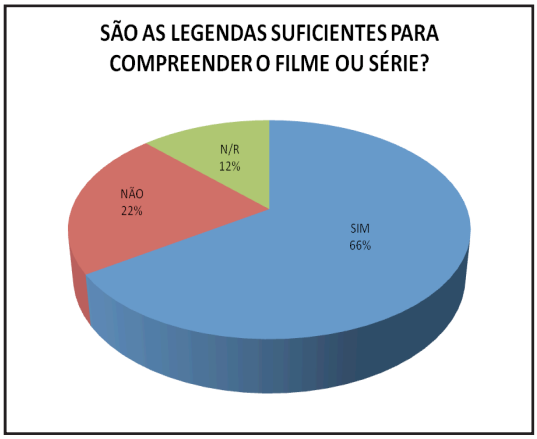
Neste grupo de questões as respostas revelaram-se bastante contraditórias. Quando questionados sobre a utilidade da Legendagem Aberta em programas estrangeiros 34% dos inquiridos considerou o serviço muito útil e 19% útil.

Quadro Nº 15. Opinião sobre a Legendagem Aberta em programas estrangeiros

Muito útil	Útil	Pouco útil	N/respondeu
11	6	10	5

Estes resultados parecem estar em consonância com os resultados sobre a questão se os inquiridos consideram que a Legendagem Aberta seja suficiente para a compreensão dos referidos programas, visto que 66% responde de forma afirmativa.

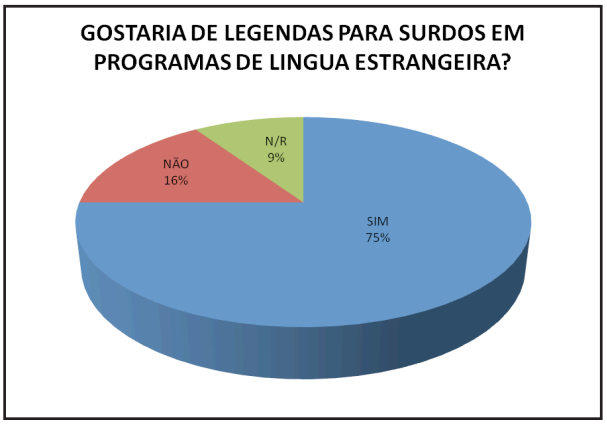
Gráfico 19. São as legendas abertas em programas estrangeiros suficientes para a compreensão do programa?



Mas, as respostas à questão de se teriam interesse em dispor de Legendagem para s/Surdos em programas estrangeiros levantam questões sobre a validade das duas questões

anteriores. Verifica-se que 75% dos inquiridos demonstra interesse em dispor de legendagem fechada não só em programas nacionais o que na verdade vai de encontro aos programas que surgem no top das preferências dos inquiridos, mas contradiz as duas anteriores questões sobre legendagem aberta.

Gráfico 20. Gostaria de legendas para pessoas com surdez em programas estrangeiros?



Mais ainda, quando questionados sobre quais as informações que gostariam de ver incluídas nas legendas dos programas estrangeiros, os inquiridos referem principalmente, a indicação de efeitos sonoros, música e identificação do falante.

O reduzido número de respostas recebidas dificulta a interpretação dos resultados, no entanto admite-se que o facto de considerarem o serviço de Legendagem Aberta em programas estrangeiros "muito útil" ou "útil" prende-se com o facto de que embora estes programas não ofereçam condições ideais de acesso ao texto audiovisual são, na verdade, a única forma que estes telespectadores têm de aumentarem um pouco a variedade de programas a que podem assistir ainda que percam parte da mensagem audiovisual (a componente sonora não-verbal). Ou seja, a pouca quantidade de LS disponível faz com que estes olhem para a Legendagem Aberta como "melhor que nada".

Legendagem para s/Surdos em DVD

Uma vez que em Portugal começam a surgir Legendas em Teletexto noutro tipo de texto audiovisual além da televisão, embora ainda em reduzido número, entendeu-se relevante saber se os inquiridos conheciam a existência de DVD com Legendas para s/Surdos e se já tinham tido oportunidade de assistir a algum filme, dando-se nesse caso a opção de indicarem qual.

Constatou-se que 81% dos inquiridos sabia da existência deste tipo de DVD e 66% já tinha tido oportunidade de assistir, sendo o filme mais referido o "O Nascimento de Cristo"

possivelmente por ter sido o primeiro filme em Portugal editado com este tipo de acessibilidade tendo sido amplamente divulgado no seio das Associações de Surdos. Alguns dos inquiridos revelam mesmo ter assistido a este filme em sessões de apresentação no cinema.

4.4.5 Síntese dos factos observados

Infelizmente o número de inquéritos recebidos compromete as possibilidades de análise dos resultados. Ainda assim, os resultados obtidos permitem concluir que as pessoas com surdez:

- Estão em geral insatisfeitas face à quantidade de programas disponibilizados com LS.
- Gostariam de ver LS nos seus programas preferidos, sendo que as escolhas dos quatro canais nacionais não correspondem aos programas que surgem no top de preferências.
- Manifestam algum descontentamento relativamente à qualidade das legendas em teletexto.

A hipótese lançada por Neves (2005) de que os s/Surdos não viam na televisão os programas preferidos e que é retomada nesta investigação continua a ser difícil de comprovar através da realização de um inquérito. Pessoas de diferentes idades revelaram que umas das suas preferências eram filmes estrangeiros, ainda que estes não disponham no momento de legendagem adaptada às suas necessidades. Os adultos revelaram preferir os noticiários e os mais jovens e mais velhos deram uma certa vantagem ao desporto.

Os portugueses em geral estão muito habituados à legendagem aberta em programas estrangeiros e os s/Surdos aproveitavam esta solução para poderem ter acesso a produtos audiovisuais estrangeiros (TV, DVD, cinema,...). A legendagem aberta é vista por muitos como uma solução positiva, à falta de existirem soluções verdadeiramente adaptadas às suas necessidades. A maioria dos inquiridos (34%) consideravam a legendagem inter-linguística muito útil e esta opinião é consistente mesmo no caso de pessoas com competências de leitura inferiores. Contudo, a maioria dos inquiridos (75%) revelou que teria interesse em ter soluções mais adaptadas que os ajudassem a identificar o falante, aceder a sons/vozes exteriores à imagem, efeitos sonoros e música.

Face a isto, e em comparação com os resultados apresentados no estudo semelhante realizado por Neves (2005), será de concluir que no curso dos oito anos volvidos sobre o primeiro estudo, mantêm-se as condições verificadas então. Embora tenha havido um aumento a nível quantitativo, existem hoje mais programas com LS, subsistem os problemas a nível qualitativo e os serviços continuam a não satisfazer as necessidades dos seus principais destinatários.

CAPÍTULO V

Considerandos finais

5. Considerandos finais

[…]muchos países que hoy parecem muy adelantados [em termos de legendagem para pessoas com surdez], tambien han tenido que pasar por períodos similares.

Díaz-Cintas, (2010: correspondência pessoal)

Ainda que o objectivo de uma investigação seja comprovar uma hipótese, este é um dos casos em que o ideal seria que a hipótese não se comprovasse. Tal não sucedeu com este estudo. De facto, conclui-se que a oferta actual de Legendagem para s/Surdos na televisão portuguesa fica aquém das expectativas no que concerne a quantidade, a qualidade, a utilidade à adequação às necessidades do público destinatário.

Em Portugal, apesar dos Censos 2001 indicarem que existem 84.156 pessoas com surdez e 1,7 milhões de pessoas, com mais de 65 anos (sendo que estas geralmente manifestam problemas de audição) os números parecem não ser suficientes para sensibilizar os operadores de televisão para a importância que a legendagem fechada tem para todas estas pessoas.

Considerando a decisão dos dois operadores privados, SIC e TVI, de impugnarem judicialmente o Plano Plurianual que visava ir aumentando, progressivamente, a quantidade e qualidade de LS, conclui-se que as pessoas com surdez continuam a ser vistas como uma minoria e ainda não se compreendeu que estes podem representar um vasto grupo de potenciais consumidores.

Em Portugal a legendagem para pessoas com surdez é vista pelos operadores de televisão como um custo que não são obrigadas a suportar e para o qual não parecem encontrar um retorno financeiro imediato. Todavia, a meu ver, era fundamental que se compreendesse que ver televisão é um direito de todos. Como comenta Díaz-Cintas (2010: correspondência pessoal) "me parece sorprendente que empresas tan grandes, que gastan presupuestos enormes en cenas y actividades de protocolo que no sirven para nada, muestren tal desprecio por las minorías sociales que más apoyo y ayuda necesitan."

Acresce ainda que as operadores de televisão poderiam também explorar novas utilizações para a LS utilizando-a não só como um produto destinado aos s/Surdos como também um produto para todos aquele que num ou outro momento da vida se encontram temporariamente "surdos", seja por qualquer problema de saúde, seja por se encontrarem num espaço público onde existem televisões mas onde estas não cumprem a sua função por estarem 'sem som' ou por o ruído não permitir captar a mensagem sonora (verbal e não-verbal), ou seja, ainda pela falta de domínio de língua de expressão.

Apesar de se tomar como um dado adquirido que as pessoas com surdez têm compe-

tências de leitura inferiores, não se pode simplesmente baixar os braços, aceitar a situação, e deixar que estas pessoas continuem a não ter igualdade de acesso à televisão. Muito pode ainda ser feito e é preciso continuar a investigar de forma a conseguir melhorar a situação das pessoas com surdez, nomeadamente no acesso aos textos audiovisuais. Estas melhorias podem passar pelo aumento da qualidade e da quantidade de legendagem fechada mas julgo que há também uma vasta área de investigação no que se refere à educação das crianças com surdez e à sua integração no ensino, para que as limitações ao nível das competências de leitura sejam cada vez menores.

De facto, em Portugal há ainda um longo caminho a percorrer. Como vimos ao longo dos casos práticos a Legendagem para s/Surdos disponível nos canais de sinal aberto da televisão portuguesa não satisfaz as expectativas das pessoas com surdez. Verificam-se diversas lacunas, em termos da qualidade dos poucos programas disponíveis com LS, em termos de quantidade, e também em termos da variedade de escolha de programas. Para além de aumentar a variedade de programas com Legendagem para s/Surdos é também urgente criar uma uniformização das normas de legendagem fechada utilizadas pelos operadores de modo a tornar mais fácil aos espectadores criarem hábitos de descodificação da mensagem. A falta de consistência nas normas adoptadas por cada canal de televisão, ou mesmo por diferentes programas de um mesmo canal, dificulta a descodificação no momento do visionamento dos diferentes programas e dos diferentes canais.

Este estudo centra-se, tal como referido, apenas na legendagem dos programas pré-gravados, disponíveis nos quatro canais públicos da televisão portuguesa. No entanto, o mercado dos DVD, do cinema, teatro, museus, ópera, videojogos, materiais educativos e da legendagem de programas em directo justificariam também vários estudos independentes. Também a utilização das novas tecnologias disponíveis, tais como o reconhecimento de voz ou o *respeaking* deveria ser estudada mais a fundo, visto que a sua utilização poderia simplificar a tarefa de todos aqueles que trabalham na elaboração da legendagem para s/Surdos na televisão ou mesmo servir de suporte para a disponibilização de legendagem fechada noutros contextos (ex: salas de aulas em contexto universitário).

A solução utilizada em Espanha em canais de acesso condicionada como é o caso do "Cartoon Network" ou do "Disney Chanel" poderia ser utilizada de forma a alargar a oferta de LS nomeadamente nos canais temáticos de notícias, visto que uma das principais queixas das pessoas com surdez é a falta de acesso à informação noticiosa.

No futuro, as novas tecnologias, a televisão digital e interactiva virão certamente trazer uma nova vida à LS e, quem sabe, possam mesmo vir a tornar possível que cada utilizador escolha o tipo de legendas que necessita de acordo com as suas necessidades, podendo es-

colher quais os elementos que pretende: informação sobre efeitos sonoros, sobre música, tamanho de letra, identificação do falante, etc. (Neves 2007[d])

Mas, também junto da Comunidade Surda há um trabalho a fazer. É necessário sensibilizar os Surdos que as legendas *verbatim* que muitos reclamam não são, efectivamente, uma verdadeira solução, nem para pessoas com surdez nem para ouvintes pois a tradaptação é também uma realidade nas legendas abertas de programas estrangeiros. Ainda que os Surdos interpretem que as legendas tradaptadas correspondem a uma sonegação de informação tal não se verifica, na medida em que se torna impossível para o leitor comum ler à velocidade de palavra dita. Seria, assim, necessário que os próprios Surdos tomassem consciência das suas limitações e percebessem que as legendas devem ser adaptadas e adequadas às suas necessidades enquanto leitores de textos multimodais complexos.

O meu desejo é que esta investigação seja mais um passo para aumentar a sensibilização relativamente às necessidades comunicativas da pessoa com surdez e no que se refere às suas implicações e à importância que a Legendagem para s/Surdos tem para as pessoas que precisam deste serviço.

Passo a passo, havemos de conseguir equiparar-nos aos bons exemplos que existem na Europa, e nos EUA, em termos de Legendagem para s/Surdos onde existem taxas de programação com LS muito próximas dos 100%. Todavia, espero que se procure a quantidade mas acima de tudo, a qualidade, e uma utilidade efectiva para quantos precisam deste serviço para terem acesso à informação, ao lazer e à cultura.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Abrantes, D. 2010. *A Tradução Audiovisual como Ferramenta de Apoio à Aprendizagem das Línguas*. Dissertação de Mestrado. ISCAP.

AENOR. 2003. Norma Española UNE 153010-2003. *Subtitulado para personas sordas y personas con discapacidad auditiva. Subtitulado a través del teletexto*. Madrid: AENOR – Asociación Española de Normalización y Certificación.

Alonso, A. 2007. "Algo más que suprimir barreras: conceptos y argumentos para una accesibilidad universal". In Trans nº 11, pag. 15-30.

Araújo, Vera. 2004. "Closed subtitling in Brazil". In Orero, Pilar (ed). *Topics in Audiovisual Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 199-212.

Associação de Surdos do Porto (s/d). *O Surdo e a Surdez – Textos de Apoio ao Curso de Língua Gestual Portuguesa*.

Badia, T. and Matamala, A. 2007. "La docência en accesibilidad en los medios". In Trans nº 11, pag. 61-71.

Baker, D. 2001. "Television Captioning – Frequently asked questions". In *Hearing Loss*, November/December

Baker, M. 1992. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London and New York: Routledge.

Beverly J., Trezek et al. 2010. *Reading and Deafness. Theory, Research and Practice*. USA, Delmar.

Bulgarelli, L. 2006. "Soporte tecnológico al subtitulado". In I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Cambra, C., Silvestre, N., Leal, A. 2008. "Criterios de subtitulación para facilitar la comprensión de los dibujos animados". III Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 08. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Carney, E., Verlinde, R. 1987. "Caption decoders: Expanding options for hearing impaired children and adults". In American Annals of the Deaf V132 Nº 2

Carvalho, P. V. 2007. *Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo.

Casaubón, C. 2006. "Accesibilidad de las personas sordas a la comunicación, a la información y al conocimiento". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Cattrysse, P. 2001. "Multimedia & Translation: Methodological Considerations". In Gambier, Yves and Henrik Gottlieb. *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 01-12.

Chaume, F. 2001."La Pretendida Oralidad de los Textos Audiovisuales y sus Implicaciones en Traducción", in Chaume and Rosa Agost (eds.) *La Traducción en los Medios Audiovisuales*. Universitat Jaume I.77-88.

Chaume, F. and Rosa Agost (eds.). 2001. *La Traducción en los Medios Audiovisuales*. Universitat Jaume I.

Chesterman, A. and Jenny Williams.2002. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*, Manchester: St. Jerome.

Chesterman, A. 2003. "Does translation theory exist?" Disponível em http://www.helsinki.fi/~chesterm/2003c.exist.html [consultado a 17 de Maio de 2010]

Chiaro, D., Christiane H., and Chiara B. (eds.). 2008. *Between Text and Image. Updating research in screen translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

Chion, M. 1994. *Audio-Vision: Sound on Screen*. New York: Columbia University Press.

Constituição da República Portuguesa de 2 de Abril de 1976. (VII Revisão Constitucional de 2005). http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf. [consultado a 7 Abril de 2010].

Delabastita, D. 1989.: "Translation and Mass-Communication: Film and TV Translation as Evidence of Cultural Dynamics," Babel 35-4, pp. 193-218

Delabastita, D. 1989. Translation and Mass-Communication: Film and TV translation as evidence of cultural dynamics. Babel 35:4 , 193-218.

De Linde, Z. and Kay. 1999. *The Semiotics of Subtitling*. Manchester: St. Jerome.

Diaz Cintas J, Orero P, Remael. A. 2007. *Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description, and Sign Language*, Amsterdam, Rodopi,

Diaz Cintas J, 2004. "Subtitling: the long journey to academic acknowledgement" In *The Journal of Specialised Translation*, Vol:1, 50-68

Díaz.Cintas, J. and Aline Remael. 2007. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Manchester: St. Jerome.

Díaz-Cintas, J. (ed). 2008a. *The Didactics of Audiovisual Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Díaz-Cintas, J. 2007. "Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual". In *Trans* nº 11, pag. 45-59.

Díaz-Cintas, J. 2008b. "Audiovisual translation comes of age" In Chiaro, D., Christiane H., and Chiara B. (eds.) 2008. *Between Text and Image. Updating research in screen translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

Díaz-Cintas, J., Anderman, G. (eds). 2009. *Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen*. London: Palgrave Macmillan

Díaz-Cintas, Jorge (ed.). 2009. *New Trends in Audiovisual*

Díaz-Cintas, Jorge. 2001. *La traducción audiovisual: el subtitulado*. Salamanca: Almar.

Díaz-Cintas, Jorge. 2003. *Teoría y práctica de la subtitulación: Inglés-Español*. Barcelona:Ariel

Kelly D. & Gallardo N. 1988. "Concept of constrained translation. Non-linguistic perspectives of translation". Meta 33(3): 356-367.

Eguíluz, F. et al. (eds). 1994. *Transvases culturales: literatura, cine, traducción*. Vitoria: Universidad del País Vasco.

Even-Zohar. 1990. "Polysystem Theory." Polysystem Studies. [= Poetics Today 11:1], Itamar, pp. 9-26.

Franco, E. and Araújo, V. 2003. "Reaading Television – Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil" In Gambier, Y. Special Issue The Translator – *Screen Translation* (ed). Manchester: St. Jerome. Pag 249-267

Franco, E. and Vera Araújo. 2003. "Reading television". *The Translator* 9(2), 249-267

Fuentes Bueno, V., González Carrasco, I.; Ruiz Mezcua, B. 2006. "Subtitulado en Tiempo Real. Sistemas y Tecnologías". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Gambier, Y. 2003. "Screen Transadaptation: Perception and Reception." The Translator 9(2): 171-189.

Gambier, Y. 2003. Special Issue The Translator – Screen Translation (ed). Manchester: St. Jerome.

Gambier, Y. 2006. "Multimodality and Audiovisual Translation" In MuTra 2006 – Audiovisual Translation Scenarios: Conference Proceedings. EU-High Level Scientific Conference Series

Gambier, Y. 2008 "Recent developments and challenges in audiovisual translation research" In Chiaro, D., Christiane H., and Chiara B. (eds.) 2008 *Between Text and Image. Updating research in screen translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

Gambier, Y., Shlesinger, M. & Stolze, R. (eds) 2007. *Doubts and Directions in Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Gambier, Y. (ed). 1998. *Translating for the Media*. Turku: University of Turku.

Gambier, Y. and Henrik Gottlieb (eds). 2001. *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Gambier, Y. 2003. "Introduction. Secreen transadaptation: Perception and reception." The Translator 9(2), 171-190.

Gambier, Y. 2004. "Tradaptation cinématographique". In Orero, Pilar (ed). *Topics on Audiovisual Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 169-181.

García, L. *et al.* 2006. "El encuentro com un nuevo skopos: la formación de traductores en el subtitulado para sordos e la audiodescripción". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Gentzler, E. 1993. Revised 2nd Edition. *Contemporary Translation Theories*. Routledge, New York.

Gentzler, E. 2003. "Interdisciplinary Connections". In Perspectives Studies in Translatology, Volume 11 Issue 3, Routledge.

Gonçalvez, C. 2003. "Enquadramento familiar das pessoas com deficiência: uma análise exploratória dos resultados dos Censos 2001", Revista de Estudos Demográficos, nº 33, Lisboa. INE, Junho, pp. 69-96

Guia Europeu da Comunidade Surda.1997. União Europeia de Surdos.

Hermans, T. 1999. *Translation in Systems. Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome,

Holmes, J. S. 1988. *The name and nature of Translation Studies*. In L. Venuti (ed.), 2000. The Translator Studies Reader (pp. 172-185). London: Routledge.

INE. 2002. "Resultados Definitivos Censos 2001", Lisboa, Instituto Nacional de Estatística

Jakobson, R. 2000 (1959). "On linguistic aspects of translation". In Venuti, Lawrence (ed). The Translation Studies Reader. London and New York: Routledge, 113-118

Jakobson, R. (2004/1959). *On linguistic aspects of translation*. In L. Venuti (ed.), 2000. The Translation Studies Reader (pp. 138-143). London: Routledge.

Karamitroglou, F. 1998. "A proposed set of subtitling standards in Europe". Translation Journal 2(2). http://accurapid.com/journal/tj.htm. [consultado a 29 Janeiro de 2010].

Karamitroglou, F. 2000. *Towards a Methodology for th Investigation of Norms in Audiovisual Translation. The Choice Between Subtiling and Revoicing in Greece*. Amsterdam and Atlanta: Rodopi.

Laborit, E. 2000. *O Grito da Gaivota*. Lisboa. Editorial Caminho.

Lei da Televisão (Lei nº 31-a/98) de 7 de Julho.

Lei da Televisão (Lei nº 58/90) de 7 de Setembro.

Lei da Televisão (Lei nº8/2002) de 11 de Fevereiro http://dre.pt/pdf1sdip/2002/02/035A00/10761076.pdf [consultado a 14 Junho de 2010].

Lei da Televisão (Lei nº8/2002) de 11 de Fevereiro.

López, F. 2006. "I+D+i en empresas de subtitulación y audiodescipción". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Luyken, G.-M. 1991. *Overcoming Language Barriers in Television.Dubbing and Subtitling for the European Audience*. Manchester: European Institute for the Media.

Marktest. 2004. Portugueses Vêem Mais TV. www.marktest.com/wap/a/n/id~66a.aspx. [consultado a 09 de Agosto de 2010].

Mason, I. 2001. "Coherence in Subtitling: The Negotiation of Face", in Chaume and Rosa Agost (eds.) *La Traducción en los Medios Audiovisuales.Universita*t Jaume I.19-31.

Mayoral A., Roberto. 1993. "La traducción cinematográfica: el subtitulado". Sendebar 7, 73-88.

Mayoral A., Roberto. 2001. "El espectador y la traducción audiovisual", in Chaume and Rosa Agost (eds.) *La Traducción en los Medios Audiovisuales*. Universitat Jaume I.33-46.

Mayoral A., Roberto. 1984. "La traducción y el cine. El subtítulo". Babel: revista de los estudiantes de la EUTI 2: 16-26.

Miller, C. 2007. "Access symbols for use with video content and information and communications technology devices". In Jorge Díaz Cintas, Pilar Orero Clavero, Aline Remael (eds.), *Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language*. p. 53-69.

Mininel, M., Legendagem: Por um Diálogo entre a Tradução Audiovisual e a "Fidelidade" do Tradutor. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/MarianaMininel.pdf [consultado a 8 de Agosto de 2010]

Ministro da Presidência. 2002. Novas Opções para o Audiovisual. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros. Disponível em http://www.gmcs.pt/Ficheiros/serv_pub/Neo_Op_AV.pdf [consultado a 13 de Agosto de 2010]

Munday, J. 2001. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. London and New York: Routledge.

Neves, J. 2004. "Language awareness through training in subtitling" in Pilar Orero (ed.) *Topics in Audiovisual Translation*. Amsterdam: John Benjamins.127-140.

Neves, J. 2007a. "La subtitulación para s/Sordos, panorama global y prenormativo en el marco ibérico". In Trans nº 11, pag. 95-113.

Neves, J. 2007b. "Subtitling Brazilian Telenovelas for Portuguese Deaf Audiences: an Action Research Project". In: TradTerm. Nº 13 São Paulo, p.121-134.

Neves, J. 2007c. "Of pride and prejudice: the divide between subtitling and sign language interpreting on television". In. *The Sign Language Translator & Interpreter* 1:2. p. 251-274.

Neves, J. 2007d."A world of change in a changing world". In Jorge Díaz Cintas, Pilar Orero Clavero, Aline Remael (eds.), *Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language*. p. 89-106.

Neves, J. 2007e. *Vozes que se vêem - Guia de Legendagem para Surdos*. Universidade de Aveiro.

Neves, J. 2008a. "Training in subtitling for the d/Deaf and the hard-of-hearing". In Díaz-Cintas, J. (ed). *The Didactics of Audiovisual Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pag. 171-189.

Neves, J. 2008b."10 fallacies about Subtitling for the d/Deaf and the hard of hearing". Journal of Specialised Translation, Issue 10. Disponível em: http://www.jostrans.org/issue10/art_neves.pdf. [consultado a 7 de Maio de 2010]

Neves, J. 2004. "Language awareness through training in subtitling". In Orero, Pilar (ed) *Topics in Audiovisual Translation.* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 127-140.

Neves, J.2009. "Interlingual Subtliting for the Deaf and Hard-of-Hearing". In Díaz-Cintas, J., Anderman, G. (eds). *Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen*. London: Palgrave Macmillan

Nida, E. A. 1964. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E.J. Brill.

Nida, E. 2000 (1964). "Principles of correspondence". In Venuti, Lawrence (ed). *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 126-140.

Nieto, B. 2008. "La accesibilidad audiovisual de las personas com discapacidad auditiva. Avances Normativos". III Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 08. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Ning, W. 2003. "Translation Studies: Interdisciplinary Approaches". In Perspectives Studies in Translatology, Volume 11 Issue 3, Routledge.

Nord, C. 1997. *Translation as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome.

Orero, P. 2007a. "La accesibilidad en los médios: una aproximación multidisciplinar". In Trans nº 11, pag. 12-14.

Orero, P. 2007b. "Visión histórica de la accesibilidad en los médios en España". In Trans nº 11, pag. 31-43.

Orero, P. (ed). 2004. *Topics in Audiovisual Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Orero, P. 2007c. "A new dynamic umbrella". In Jorge Díaz Cintas, Pilar Orero Clavero, Aline Remael (eds.), *Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language*. p. vi-xiii.

Pérez-Ugena, A. And Linares, R. 2007. "Nuevos retos de la accesibilidad en los medios". In Trans nº 11, pag. 12-14.

Piñera, J. 2008. "Las personas sordas y la accesibilidad a los médios audiovisuales". III Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 08. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Plano Plurianual do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Deliberação 5/OUT-TV/2009. Disponível em http://www.erc.pt [consultado a 7 de Maio de 2010]

Rabadán Álvarez, R. 1991. *Equivalencia y traducción. Problemática de la equivalencia translémica inglés-español*. León: Universidad de León.~

Reiss, K. and Vermeer, Hans J. 1984. *Grundlegung einer Allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

Remael, A. 2001. "Some thoughts on the study of multimodal and multimédia translation". In Gambier, Yves and Henrik Gottlieb. *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 13-22.

Roig, R. 2006. "Sobre el concepto de accesibilidad universal". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Ruano, M. 2007. "Entre la convencion y el futuro: la traducción en la época de la diferencia". In Trans nº 11, pag. 281-286.

Sacks, O. 1989. *Seeing Voices – A Journey into the World of the Deaf*. New York. HarperPerennial.

Sánchez, M. et al. 2006. "Subtitulamos para todos? Propuesta de critérios para una subtitulación accesible". I Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 06. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Segovia, R. 2001. "Adaptación, Traducción e Otros Tipos de Transferencias", in Chaume Varela and Rosa Agost (eds.) *La Traducción en los Medios Audiovisuales*. Universitat Jaume I.227-230.

Snell-Hornby, M. et al (eds). 1994. *Translation Studies: An Interdiscipline*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Snell-Hornby, M. 1988. *Translation Studies – An Integrated Approach*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

S/n. 2004. " Luta pela visibilidade de uma deficiência". Jornal de Notícias.

S/n. 2009. "ACAPO apresenta queixa na ERC contra televisões" Diário Digital.

S/n. 2001. "Acesso de surdos à RTP". Jornal de Notícias.

S/n. 2001. “Acesso dos surdos à TV garantido por unanimidade”. Público.

S/n. 2004. “Associações aplaudem adaptação de filmes”. Jornal de Notícias.

S/n. 2006. “Futebol em directo com legendas para surdos” Jornal de Notícias.

S/n. 2010. “Invisuais queixam-se da SIC e da TVI”. Jornal de Notícias.

S/n. 2008. “Legendagem automática no ‘Jornal 2’” Jornal de Notícias.

S/n. 2000. “Legendagem de programas em português completa um ano”. A Capital.

S/n. 1998. “Legendagem para quem não ouve continua adiada”. Público.

S/n. 2002. “Legendas para um milhão de surdos”. Jornal de Notícias.

S/n. 2010. “Limitação do acesso a invisuais viola direitos, diz secretária de Estado” Jornal de Notícias.

S/n. 2000. “Passaram um ano e oitocentas horas de legendas”. Diário de Notícias.

S/n. 2001. “Surdos exigem respeito”. Revista Focos.

S/n. 2001. “Surdos na RTP”. O Independente.

S/n. 2009. “Televisão: RTP, SIC e TVI têm de reforçar emissão para deficientes a partir de hoje”. Correio do Minho.

S/n. 2001. “TV obrigada a legendar para surdos” Correio da Manhã.

S/n. 1999. “TV para Surdos”. Expresso.

S/n. 2000.“Um ano de legendas”. Expresso.

Stecconi, U. 2007. “Five reasons why semiotics is good for Translation Studies” In Gambier, Y., Shlesinger, M. & Stolze, R. (eds) *Doubts and Directions in Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pag. 15-26

Torrejón, B. 2008. “Mejorando la calidad de los subtítulos para sordos”. III Congreso de Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad, AMADIS 08. Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales

Toury, G. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Titford, G. 1982. “Subtitling. Constrainted translation,” Lebende Sprachen 27 (3), pp. 113-116.

UNESCO. 1948. Universal Declaration of Human Rights. Adoptada e Proclamada pela General Assembly Resolution 217A (III) de 10 de Dezembro.

UNESCO. 1976. Recommendation on the Legal Protection of Translators and Translations and the Practical Means to improve the Status of Translators. Conference of UNESCO at the 19th Session in Nairobi. http://portal.unesco.org/ [consultado a 12 Agosto de 2010].

Veiga, M. 2006. *O humor na tradução para legendagem: inglês/português*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Vermeer, H. 1989. "Skopos and Commission in Translational Action", trans. Andrew Chesterman in Andrew Chesterman, ed. *Readings in Translation Theory*. Helsinki: Oy Finn Lectura, 173-187. Reprinted in Lawrence Venuti, ed. The Translation Studies Reader. London and New York: Routledge. 221-232.

Zabalbeascoa, P. 2001. "La Traducción de Textos Audiovisuales y la Investigación Traductológica", in Chaume and Rosa Agost (eds.) *La Traducción en los Medios Audiovisuales*. Universitat Jaume I.49-56.

Zabalbeascoa, P. 2008. "The nature of the audiovisual text and its parameters" In Díaz-Cintas, J. (ed). *The Didactics of Audiovisual Translation* . Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pag. 21-37

ANEXOS

1. Entrevista - SIC
Marta Auta de Barros

Lisbeth Ferreira - Quais os critérios para a selecção dos programas que são disponibilizados com legendagem fechada (teletexto)?

Maria Auta Barros - Uma vez que a legendagem fechada está limitada a programas em original português, a selecção tem de assentar em programas falados em português.

LF - Neste momento a oferta assenta quase em exclusivo em telenovelas. Considerando que este é um produto que não agrada a todos os géneros e faixas etárias, não será esta escolha um pouco 'limitadora'?

MAB - A escolha desse produto baseou-se num estudo existente, em que a Comunidade Surda mostrava preferência por acesso a notícias, em primeiro lugar e programas de entretenimento, nomeadamente, novelas, em segundo. A SIC já emitiu também alguns programas de Informação com legendagem fechada e emite com alguma regularidade programas infantis (longas-metragens) com legendagem fechada.

LF - Estão previstos projectos em termos de legendagem ao vivo/em directo?

MAB - Que eu tenha conhecimento, não.

LF - Sabendo que a RTP utiliza um sistema de legendagem automática para os noticiários e que este produto está disponível no mercado, pensam adquirir esta ou outra solução para poderem alargar a oferta de legendagem para Surdos também aos vossos noticiário?

MAB - Não.

LF - Estão previstos investimentos em termos de novos equipamentos (por exemplo teletexto) ou os que têm satisfazem as necessidades?

MAB -Não estão previstos, já que os existentes satisfazem plenamente as necessidades de emissão.

LF - Têm informação sobre o número de utilizadores do serviço de legendagem via teletexto da SIC?

MAB -Não.

2. Entrevista – RTP 1/2
Noélia Leal Macedo - Gab. Multimédia

Lisbeth Ferreira - Quais os critérios para a selecção dos programas que são disponibilizados com legendagem fechada (teletexto)?

Noélia Leal Macedo - Actualmente, o serviço de legendagem é orientado por uma deliberação da ERC que estipula o género e número de programas que devem ser legendados.

Antes de Outubro de 2009, a escolha dos programas para legendar era "regulada" por um protocolo estabelecido entre a RTP, a SIC e a TVI, em que se determinava que deveríamos legendar um determinado número de horas de programas sem grandes exigências quanto ao género. A escolha dos programas era decidida considerando um critério de diversidade (à semelhança da grelha para a população ouvinte, tentávamos legendar a mesma proporção por género de programas, contemplando informação, documentários, ficção, entretenimento, etc.) e também auscultávamos a Federação das Associações de Surdos que nos ia dando conta dos pedidos dos seus associados.

Após a deliberação da ERC, tentamos cumprir o que está lá indicado.

LF - Têm informação sobre o número de utilizadores dos vários serviços de legendagem via teletexto (programação geral, noticiários, futebol)?

NLM - Não temos forma de medir. Apenas o feedback das associações que pontualmente nos vão enviando pedidos e recomendações. Quando nos surgem problemas ou dúvidas, também lhes pedimos a opinião.

LF - Que balanço fazem da legendagem automática dos noticiários?

NLM -Este serviço ainda se encontra em desenvolvimento. O balanço é positivo, embora não seja óptimo. Actualmente é a forma disponível para podermos facultar a legendagem de programas de informação.

LF - Que balanço fazem da legendagem dos jogos de futebol?

NLM - O feedback é positivo. O serviço foi desenvolvido em conjunto com as Associações que o consideraram extremamente útil. Os surdos e deficientes auditivos passaram a poder acompanhar o ambiente do campo e a saber informações extra sobre o jogo que estão a ver e por vezes até informações em primeira mão sobre outros jogos do mesmo campeonato.

LF - Estão previstos investimentos em termos de novos equipamentos (por exemplo teletexto) ou os que têm satisfazem as necessidades?

NLM - Os equipamentos que temos estão adaptados à equipa actual. Como em todas as actividades, existem projectos de desenvolvimento em estudo. Esta área das Acessibilidades é vista pela RTP como uma área de desenvolvimento e inovação, estando em constante evolução e actualização.

3. Inquérito a pessoas com surdez

Este questionário faz parte de um estudo sobre a Legendagem para Surdos na Televisão Portuguesa. Com ele queremos analisar se a quantidade e qualidade de legendagem para Surdos apresentada na RTP1, RTP2, SIC e TVI satisfaz as necessidades. O questionário é anónimo e a autora garante total sigilo no tratamento dos dados recolhidos que serão integrados e tratados estatisticamente.

POR FAVOR RESPONDA A TODAS AS PERGUNTAS, NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS NEM ERRADAS.
Marque as suas respostas com uma cruz ☒ ou escrevendo sobre as linhas.
Grave no seu computador e envie em anexo para: traducoes.lf@gmail.com ou imprima e envie por correio para: Inquérito Legendagem Rua Altino Coelho 94 R/C Esq. Frente 4470 - 180 Maia.

1. Identificação pessoal

Sexo ☐ Masculino / ☐ Feminino

Idade ☐☐

Escolaridade
- ☐ Universitária
- ☐ Secundária
- ☐ 2º e 3º ciclo básico
- ☐ 1º ciclo

Ocupação _____

Distrito de residência _____

Tipo de surdez
- ☐ Profunda
- ☐ Parcial
- ☐ Severa
- ☐ 1º ciclo

Grau de surdez
- ☐ 20% ☐ 40% ☐ 60% ☐ 80%
- ☐ Outro _____

Idade com que ensurdeceu
- ☐ Nascença
- ☐ 1-3 anos
- ☐ Outro _____

2. Hábitos televisivos

1. Como recebe e vê televisão:
Sem Cabo ☐
Com cabo:
- ☐ Zon
- ☐ Meo
- ☐ Clix
- ☐ Cabo Visão
- ☐ Vodafone
- ☐ Outro _____

2. De Segunda a Sexta quantas horas por dia vê televisão? ☐☐ h

3. Nesses dias quando é que vê televisão? Entre:
- ☐ 5-7 manhã
- ☐ 7-9 manhã
- ☐ 9-12 manhã
- ☐ 12-14 manhã
- ☐ 14-17 tarde
- ☐ 17-20 tarde
- ☐ 20-22 noite
- ☐ 22-2 noite
- ☐ 2-5 noite

4. Diga 3 programas que vê muitas vezes de Segunda a Sexta:
Nome do Programa_____canal_____
Nome do Programa_____canal_____
Nome do Programa_____canal_____

5. Ao Sábado quantas horas vê televisão? ☐ h

6. Ao Sábado quando é que vê televisão? Entre:
☐ 5-7 manhã
☐ 7-9 manhã
☐ 9-12 manhã
☐ 12-14 manhã
☐ 14-17 tarde
☐ 17-20 tarde
☐ 20-22 noite
☐ 22-2 noite
☐ 2-5 noite

7. Ao Domingo quantas horas vê televisão? ☐ h

8. Ao Domingo quando é que vê televisão? Entre:
☐ 5-7 manhã
☐ 7-9 manhã
☐ 9-12 manhã
☐ 12-14 manhã
☐ 14-17 tarde
☐ 17-20 tarde
☐ 20-22 noite
☐ 22-2 noite
☐ 2-5 noite

9. Diga 3 programas que vê muitas vezes e ao fim-de-semana:
Nome do Programa_____canal_____
Nome do Programa_____canal_____
Nome do Programa_____canal_____

3. Gostos televisivos

1. Quais os tipos de programas de TV que gosta mais de ver?
☐ Artes e cultura
☐ Concursos
☐ Debates
☐ Desporto
☐ Documentários
☐ Entretenimento
☐ Filmes Estrangeiros
☐ Filmes Portugueses
☐ Progr. Infantis e Juvenis
☐ Informação
☐ Magazines temáticos
☐ Musicais
☐ Novelas da vida real
☐ Programas religiosos
☐ Séries estrangeiras
☐ Séries nacionais

☐ Talk-shows
☐ Telenovelas Brasileiras
☐ Telenovelas Portuguesas
☐ Outro: _____

4. Língua Gestual em televisão

1. Utiliza a Língua Gestual Portuguesa para comunicar habitualmente?
☐ Sim ☐ Não

2. Vê programas com interpretação em língua gestual?
☐ Se sim, quais? _____
☐ Se não, porquê?
☐ A janela/quadrado muito pequena
☐ Não percebo a linguagem gestual
☐ Não se percebem os gestos/expressões
☐ Outro: _____

3. Quais os programas que gostaria de ver acompanhados de língua gestual?
_____
_____

4. Como poderemos melhorar a qualidade do serviço?
☐ Aumentar a janela/quadrado
☐ Criar melhor contraste fundo-roupa do intérpetre
☐ Outro: _____

5. Noticiários

1. Consegue ler as legendas que correm da direita para a esquerda em rodapé no ecrã durante os noticiários?
☐ Sim ☐ Não
Se sim, quais:
☐ RTP
☐ SIC
☐ TVI

2. Como as classifica?
☐ Claras e úteis ☐ úteis mas confusas ☐ Pouco úteis

3. O que será mais útil para si para conseguir compreender os noticiários?
☐ Língua gestual ☐ legendagem

4. Utiliza o serviço de legendagem automática em fase experimental dos noticiários da RTP1 (teletexto 885) e RTP2 (teletexto 884)?
☐ Sim ☐ Não

5. O que acha do serviço?
☐ Útil ☐ Útil mas confuso ☐ Pouco útil ☐ Sem utilidade ☐ Não sei porque nunca vi

6. Futebol

1.Costuma ver futebol na RTP 1 com legendas em teletexto 886?
☐ Sim ☐ Não

2. Acha as legendas?
☐ Claras e úteis ☐ úteis mas confusas ☐ Pouco úteis ☐ Não sei porque nunca vi

7. Legendagem para Surdos em teletexto de programas portugueses na televisão (888/887) (exemplo: "gritos", "telefone a tocar", "música romântica", etc).

1. Costuma ver programas com teletexto na televisão:
☐ Se sim, quais? _____
☐ Se não, porquê? _____

2. Quais os programas que gostava de ver com teletexto?
_____

3. Está satisfeito com a qualidade das legendas em teletexto que aparecem na televisão?
☐ Se sim, porquê? _____
☐ Se Não, porquê? _____

4. São suficientes os programas com legendas em teletexto na televisão?
☐ Se sim, porquê? _____
☐ Se Não, porquê? _____

8. Legendagem aberta de programas falados em língua estrangeira

1. Em Portugal, a maioria dos programas em língua estrangeira são legendados em português para todos os espectadores – Surdos e ouvintes (Sem legendagem específica via teletexto)
As legendas que aparecem nos programas estrangeiros são úteis para pessoas com surdez?
☐ Muito úteis ☐ Úteis ☐ Pouco úteis
Porquê _____

2. Estas legendas são suficientes para compreender totalmente o filme ou série?
☐ Sim ☐ Não

3. Gostaria de ver legendas adaptadas para Surdos em programas de língua estrangeira?
☐ Sim ☐ Não

4. Quais destas informações são necessárias:
☐ a)Identificação de quem fala
☐ b) Identificação de que as pessoas a falar estão fora do ecrã
☐ c) Informação sobre os efeitos sonoros?
d) Informação sobre a existência de música de fundo e qual o seu tipo?
☐ e) Tem outras sugestões? Quais? _____

9. Legendagem de filmes em DVD / Cinema

1. Sabe que existem filmes com legendas para Surdos em DVD?
☐ Sim ☐ Não

2. Já teve oportunidade de ver algum filme em DVD com "legendas para Surdos"?
☐ Sim ☐ Não

3. Se sim Qual/quais? _____
☐ "Atrás da nuvens"
☐ "Nascimento de Cristo"
☐ Outros _____

4. Já viu filmes com legendagem para Surdos no Cinema?
Onde? _____
Qual/quais? _____

10. Comentários

Escreva criticas e /ou sugestões que tenha sobre os assuntos tratados:

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

11. Dados sobre o momento de resposta a este questionário

Teve apoio para o preenchimento deste inquérito?

☐ Se sim, quem? _____

Cidade_____

Local _____

Hora_____

Data_____